LUMEN FLUENS
ESTUDOS COMPARADOS

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E O BUDISMO:
ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado I

GOIÂNIA

2026

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E O BUDISMO:
ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado I

Estudo Comparado I da série “Onde nos tocamos, onde nos separamos”, do Lumen Fluens, sobre o Cânon v1.2, refeito no formato completo da série em novembro de 2026. Versão 1.1, com as decisões do fundador de 3 de novembro de 2026. Preparado com assistência de inteligência artificial (Claude, Anthropic) sob direção e revisão do autor.

GOIÂNIA
2026

A luz não se acende — ela se revela.

Cânon Lumen Fluens, v1.2, Os Quatro Pilares, I

RESUMO

Este estudo compara a filosofia de vida Lumen Fluens, em seu Cânon v1.2, com o budismo, seguindo o princípio da série de Estudos Comparados: apresentar a doutrina visitada em sua melhor forma e só depois marcar as fronteiras. É a refação, no formato completo da série, da Ficha que servia de Estudo I desde outubro de 2026. O budismo é exposto pelo cânon páli, conferido em SuttaCentral — o Dhammapada, o Saṃyutta, o Majjhima, o Aṅguttara e o Dīgha Nikāya, o Sutta Nipāta —, pelo Mahāyāna de Nāgārjuna e de Śāntideva, lido no sânscrito e na tradução brasileira, e pela tradição que o lê. Encontra nove pontos de contato (a impermanência e o Flumen; a atenção e a presença; o espelho de Rāhula e o Examinar; o apego e a lamparina de museu; mettā e o Abrigo; o bodhisattva e a lamparina posta no rio; a mente luminosa e a luz que se revela; o Kālāma Sutta e a Bússola; as perguntas não respondidas e a origem em aberto) e nove fronteiras (o não-eu e a luz pessoal; a outra margem e a margem; a cessação e o portar; dukkha e a noite; o kamma e o lobo; a equanimidade e a Vigília que fica; o caminho do meio e a celebração; o renascimento e o silêncio sobre o depois; o refúgio e a ausência de culto), e declara desde a primeira página o homônimo “margem”. Mede a Ficha de outubro frase a frase e propõe uma Ficha reescrita. Propõe a fórmula “o Lumen Fluens aceita do budismo a atenção e recusa a chegada”, e entrega ao fundador dez questões novas, decididas em 3 de novembro de 2026 com a fórmula e a Ficha. Toda citação traz localização e marcador de verificação; nenhuma tradução impressa foi aberta por inteiro.

Palavras-chave: budismo; Lumen Fluens; não-eu; impermanência; atenção; margem; filosofia comparada.

ABSTRACT

This study compares the philosophy of life Lumen Fluens, in its Canon v1.2, with Buddhism, following the principle of the Comparative Studies series: to present the visited doctrine in its best form and only then to draw the borders. It remakes, in the full format of the series, the sheet that had served as Study I since October 2026. Buddhism is expounded from the Pali canon, checked at SuttaCentral — the Dhammapada, the Saṃyutta, Majjhima, Aṅguttara and Dīgha Nikāya, the Sutta Nipāta —, from the Mahāyāna of Nāgārjuna and Śāntideva, read in Sanskrit and in the Brazilian translation, and from the tradition that reads it. It finds nine points of contact (impermanence and the Flumen; attention and presence; Rāhula's mirror and the Examining; clinging and the museum lamp; mettā and the Shelter; the bodhisattva and the lamp set on the river; the luminous mind and the light that reveals itself; the Kālāma Sutta and the Compass; the undeclared questions and the open origin) and nine borders (not-self and the personal light; the far shore and the bank; cessation and bearing; dukkha and the night; kamma and the wolf; equanimity and the Vigil that stays; the middle way and celebration; rebirth and the silence about what comes after; refuge and the absence of worship), and declares from the first page the homonym "bank". It measures the October sheet sentence by sentence and proposes a rewritten sheet. It proposes the formula "Lumen Fluens accepts from Buddhism attention and refuses arrival", and hands the founder ten new questions, decided on 3 November 2026 together with the formula and the sheet. Every quotation carries a location and a verification marker; no printed translation was opened in full.

Keywords: Buddhism; Lumen Fluens; not-self; impermanence; attention; bank; comparative philosophy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[V-pt: tradutor] / [V-en: tradutor] / [V-es]	citação conferida em edição portuguesa, inglesa ou espanhola nomeada
[V-pi] / [V-skt] / [V-zh]	citação conferida no páli (SuttaCentral), no sânscrito (GRETIL) ou no chinês do cânon Taishō
[V via secundária: autor]	citação lida por intermédio de outro autor, nomeado no Apêndice A
[tradução do estudo]	tradução de trabalho feita pelo estudo, com o original nas Fontes
[paráfrase]	sentido fiel ao texto; palavras do estudo
[tese a confirmar] / [localização a confirmar] / [página a confirmar]	o que ainda falta conferir
[leitura do estudo] / [inferência do estudo] / [hipótese do estudo]	marcas de autoria do estudo, distintas das três vozes
[Ficha, não cânon]	frase da Ficha de outubro de 2026, apontamento do fundador que o estudo mede e que a Ficha reescrita substitui
decisão n.º 1–7	decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VII
decisão n.º 1–12 (19/10)	decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII
decisão n.º 1–13 (23/10, Estudo IX) / 1–10 (23/10, Estudo X)	decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre os Estudos IX e X
decisão n.º 1–11 (31/10, Estudo XI) / 1–11 (31/10, Estudo XII) / 1–12 (31/10, Estudo XIII)	decisões do fundador de 31 de outubro de 2026 sobre os Estudos XI, XII e XIII
decisão n.º 1–12 (3/11, Estudo I)	decisões do fundador de 3 de novembro de 2026 sobre este estudo, numeradas na seção 1.2
decisão n.º 1–12 (3/11, Estudo II)	decisões do fundador de 3 de novembro de 2026 sobre o Estudo II, escrito em paralelo
Cânon v1.2	Cânon do Lumen Fluens, versão 1.2 (agosto de 2026), texto publicado
***sati* / presença**	a atenção do budismo e a presença do Corpus, lidas lado a lado
margem / outra margem	a margem do cânon, dentro do rio; a outra margem (*pāra*) do budismo, fim da travessia
dīpa	ilha ou lâmpada, em *DN* 16 e no *Bodhicaryāvatāra* III: controvérsia declarada, sem decisão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO 10
1.1 Como ler este estudo 13
1.2 Decisões do fundador (versão 1.1, 3 de novembro de 2026) 17
1.3 O que a série já disse do Oriente 19

2 O BUDISMO EM SUA MELHOR FORMA 20
2.1 A vida do Buda em dez linhas e a formação do cânon páli 20
2.2 As quatro nobres verdades e o caminho óctuplo 21
2.3 As três marcas e a origem dependente 22
2.4 *Sati*, os quatro fundamentos e o espelho de Rāhula 23
2.5 *Taṇhā*, *upādāna*, *chanda* e a jangada 23
2.6 Os *brahmavihāra* e a *mettā* 24
2.7 O *kamma* como intenção, o renascimento e Aṅgulimāla 25
2.8 O *nibbāna*, o que o Buda não declarou, o Kālāma e a mente luminosa 25
2.9 A travessia, a outra margem e as últimas palavras 27
2.10 A *Saṅgha*, o leigo e a disciplina 28
2.11 O Mahāyāna em linhas mestras e o que o budismo deixa 28
2.12 O que um leitor do Lumen Fluens deve levar daqui 30

3 ONDE NOS TOCAMOS 31
3.1 A impermanência e o Flumen 31
3.2 A atenção e a presença do Corpus 32
3.3 O espelho de Rāhula e o Examinar 32
3.4 O apego e a lamparina de museu 33
3.5 *Mettā* e o Abrigo 34
3.6 O bodhisattva e a lamparina posta no rio 35
3.7 A mente luminosa e “a luz não se acende — ela se revela” 36
3.8 O Kālāma e a Bússola 36
3.9 As perguntas não respondidas e a origem em aberto 37

4 ONDE NOS SEPARAMOS 39
4.1 O não-eu e a luz pessoal 39
4.2 A outra margem e a margem 41
4.3 A cessação e o portar 42
4.4 *Dukkha* e a noite 43
4.5 O *kamma* e o lobo 44
4.6 A *upekkhā* e a Vigília que fica 45
4.7 A renúncia, o caminho do meio e a celebração 46
4.8 O renascimento e o silêncio sobre o depois 47

4.9 O refúgio e a ausência de culto 47
4.10 A Ficha corrigida 48

5 O BUDISMO DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE 50
5.1 Hegel: o “nada” e o corretivo da tradição 50
5.2 Schopenhauer e Nietzsche: a afinidade, a decadência e a correção da tradição 51
5.3 Levinas e Ricoeur: o Oriente como limite 52
5.4 Platão e Sócrates, Aristóteles: pessoas lado a lado, um homônimo e pontes sem i 52
5.5 Agostinho e Arendt: o que não há 53
5.6 Heidegger e o Zen: Nishitani e a Escola de Kyoto 54
5.7 O estoicismo: a comparação clássica, em breve 55
5.8 O cristianismo, o Vedanta, o existencialismo e o taoísmo: quatro portas 55
5.9 O padrão: o que as casas receberam do budismo e o que lhe opuseram 57

6 A FICHA E AS PRÉVIAS: O QUE A SÉRIE JÁ DISSE DO BUDISMO 58
6.1 A Ficha do Estudo I, toque a toque e fronteira a fronteira 58
6.2 As sete seções dos Estudos VII a XIII sobre o Oriente 60
6.3 A Ficha reescrita: proposta ao fundador 61

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS 64
7.1 O que o estudo encontrou 64
7.2 A fórmula 65
7.3 Questões abertas 66
7.4 O que o budismo oferece 69
7.5 A lamparina 70

REFERÊNCIAS 71

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO 84

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES 106

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO 110

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial o Flumen (o rio e a impermanência), o Corpus e a presença (*sati*), a Mutatio (o apego e a vocação), o Abrigo (*mettā*, o bodhisattva), a Lux (o não-eu e a mente luminosa), a noite e o lobo (*dukkha*, o *kamma*), o Examinar (o espelho de Rāhula), a margem (a outra margem), a Bússola (o Kālāma), a independência confessional (as perguntas não respondidas, o refúgio)
Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.
Versão 1.1, 3 de novembro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 3 de novembro de 2026.

O budismo é a primeira casa da série porque é a que mais se parece com o cânon à primeira vista e a que mais se afasta dele à segunda. À primeira vista: um mundo em que "todas as condições são impermanentes" (*Dhammapada* (*Dhp*) 277; ver 2.3) [V-pi; tradução do estudo], uma disciplina da atenção ao corpo e à mente (*Satipaṭṭhāna Sutta*; ver 2.4), um diagnóstico do desejo como origem do sofrimento (*Saṃyutta Nikāya* (*SN*) 56.11; ver 2.2), um amor de mãe, que "protegeria com a própria vida o filho, seu filho único", estendido a todas as criaturas (*Sutta Nipāta* (*Sn*) 1.8; ver 2.6) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo], uma recusa de crer por tradição ou autoridade (*Kālāma Sutta*; ver 2.8) e um silêncio deliberado sobre as perguntas que não levam à cessação do sofrer (*Majjhima Nikāya* (*MN*) 63; ver 2.8).

À segunda vista: o budismo ensina a ver cada agregado como "isto não é meu" (*SN* 22.59; ver 2.3), e o cânon afirma uma luz "pessoal, nunca individual" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"), de valor "intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I); o budismo ensina a travessia para a outra margem, e o cânon quer navegar o rio sem resistir à mudança nem ser arrastado por ela, mas "portá-la como mensagem" (Cânon v1.2, "Origem"), e chama "margem" ao lugar de quem atraca e "continua no rio" (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação"). Essa palavra é o homônimo mais perigoso deste estudo — palavra que as duas casas escrevem igual e entendem de modo diferente —, e o estudo a trata desde a primeira página: "margem" é sempre a do cânon, dentro do rio; "outra margem" é sempre o *pāra* do budismo, o fim da travessia; e as duas nunca se somam (4.2).

Este é um estudo refeito. O Estudo I existia desde outubro de 2026 como Ficha na Biblioteca do site: quatro toques (o rio e a impermanência; presença e atenção plena; disponibilidade e não-apego; Abrigo e compaixão) e quatro fronteiras (luz atemporal e *anattā*; navegar e desembarcar; celebração e renúncia; dignidade e vacuidade). Em 3 de

novembro de 2026 o fundador decidiu refazer os Estudos I a VI no formato completo da série — integral, resumo trilíngue, fórmula e decisões —, dois por vez, na ordem da numeração, antes do Estudo XIV; o Estudo II, sobre o estoicismo, foi escrito em paralelo a este.

A numeração é a da série, mas a escrita vem depois do Estudo XIII: este estudo herda todas as decisões do fundador, de 17 de outubro a 31 de outubro de 2026, e a letra dos Estudos VII a XIII, e trata a Ficha de outubro como ponto de partida a testar, não como autoridade. O que os textos conferidos confirmaram, confirma-se com a letra; o que corrigiram, corrige-se e registra-se (4.10 e 6.1), e a Ficha vale até o fundador dizer outra coisa.

O que os textos mostraram sobre a Ficha convém dizer logo: nas oito frases dela há oito palavras ou afirmações que a letra do cânon não tem. “Impermanência”, “atenção plena”, “compaixão”, “desapego”, “renúncia”, “desembarcar”, “dignidade” e “vacuidade” não ocorrem no Cânon v1.2; “sofrer” não ocorre nele, nem no Catecismo, nem nas Meditações Práticas, nem nos Tratados da Luz Interior e das Águas Comuns — só no Tratado da Vigília, nas vozes de Jó, Boécio e Weil e uma vez na sua, e na Disputatio (“o mal que se sofre”), nunca como diagnóstico da vida.

A letra do cânon diz “presença: estar inteiro onde o corpo está”, “sem apego ansioso ao que passa”, “casa para o outro”, “valor intrínseco”, “navegar”, e uma só frase da Ficha é cópia literal da letra: “A transcendência passa pela matéria” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV). A Ficha não estava errada sobre o budismo em tudo; estava falando do cânon com palavras do budismo, e o estudo devolve a cada casa as suas (6.1) [leitura do estudo].

A tese de partida, que o estudo testou: o budismo e o cânon leem o mesmo mundo em fluxo e dão duas respostas à pergunta por quem está no rio. Para o budismo, nenhum eu permanente, e é disso que se liberta; para o cânon, alguém, “a minha luz”, que o fluxo não dissolve. O teste mostrou que a pergunta é mais fina do que a Ficha a pôs: a própria casa do budismo não concorda sobre o que o não-eu ensina — Walpola Rahula lê que o Buda negou o eu, Thanissaro lê uma “estratégia de não-eu” e não uma doutrina, os personalistas antigos diziam a pessoa nem idêntica aos agregados nem separada deles, o *Mahāparinirvāṇa Sūtra* diz “eu” da natureza de Buda —, e o cânon, por sua parte, não tem tese sobre a natureza do eu: a sua oposição é entre aberto e fechado, “pessoal, nunca individual”, e não entre eu e não-eu (4.1).

A fronteira central fica, e fica dita com cuidado: o budismo tem uma prática de ver “isto não é meu” sobre tudo o que há na pessoa; o cânon diz “a minha luz” e “cada pessoa” [leitura do estudo].

O budismo não dá nome à Luz, e tem uma letra que pede cuidado: “luminosa […] é esta mente”, maculada por máculas que vêm de fora (*Aṅguttara Nikāya* (*AN*) 1.49–52; ver 2.8) [V-pi; tradução do estudo], e, no Mahāyāna, a natureza de Buda. O estudo não faz da

mente luminosa, da natureza de Buda, da vacuidade nem do nirvāṇa um nome da Luz, como a série não fez do Bem, do intelecto agente, da luz imutável nem do espaço de aparição; registra o toque de estrutura entre a mente encoberta que se descobre e “a luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), diz na mesma frase a fronteira — a mente luminosa não é dita um eu no cânon páli, e a Lux é de alguém —, e registra que a própria tradição divide: lida como luminosidade presente e encoberta, o toque vale; para Anālayo, é potencial a cultivar, e nessa leitura o toque se desfaz (3.7, 4.1).

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: o budismo entra no Lumen Fluens pela prática e encontra três frentes, a de quem está no rio, a da margem e a do diagnóstico. Entra pela prática, porque o espelho de Rāhula — refletir antes, durante e depois do ato, como o espelho que serve “para refletir” (*MN* 61; ver 2.4) — e as duas perguntas do Examinar, “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), são duas revistas do dia, de estrutura próxima e de objeto em parte coincidente (3.3, 4.5); porque *sati* e a presença do Corpus começam, as duas, pelo corpo (3.2).

Entra ainda porque o bodhisattva que faz o voto de ser “uma balsa, um barco, uma ponte” para os que querem cruzar, e fica enquanto houver seres (*Bodhicaryāvatāra* (*BCA*), Makara III, 18–19 (sânscrito 3.17–18) e X, 55 (sânscrito 10.55); ver 2.11) [V-pt: Makara], anda ao lado da lamparina “entregue às águas de todos” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”; 3.6); porque o *Kālāma Sutta* manda conhecer por si, e a Bússola veta “sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; 2.8); e porque as duas casas calam sobre a origem, por razões diferentes (3.9).

Encontra a fronteira de quem está no rio (4.1). Encontra a fronteira da margem: a jangada do budismo serve “para atravessar” (*MN* 22; ver 2.5), e a margem do cânon é dentro do rio (4.2, 4.3). E encontra a fronteira do diagnóstico: o budismo diz que os cinco agregados tomados com apego são sofrimento, e o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite, “a perda, a doença, o acaso que desaba” (Cânon v1.2, “A Vigília”), e a Vigília “promete presença, não vitória” (4.4).

Quatro correções de conteúdo à Ficha saem dessa resposta (as quatro propostas a testar são outro conjunto, em 4.10), e o estudo as diz como correção, sem ironia.

“Dignidade vs. vacuidade” lia a vacuidade como negação de valor; para Nāgārjuna ela é ausência de natureza própria (*svabhāva*), “o caminho do meio” (*Mūlamadhyamakakārikā* (*MMK*) XXIV, 18; ver 2.11) [V-skt; tradução do estudo], e não ausência de existência; a fronteira que sobra é entre o valor intrínseco de cada pessoa e a ausência de natureza própria de todas as coisas (4.1). “Navegar vs. desembarcar” esquecia o bodhisattva, que não desembarca; a fronteira que sobra é a direção da travessia (4.3). “Celebração vs. renúncia” lia o caminho como mortificação; o primeiro sermão recusa a mortificação e a indulgência, e o corpo é observado, não negado; a fronteira que sobra é de direção — o budismo observa o corpo para não se agarrar, o cânon o habita para entregar

(4.7) [hipótese do estudo]. E “o apego como raiz do sofrer” não é letra: a letra é “sem apego ansioso ao que passa”, e o cânon não diagnostica sofrimento (4.4).

O estudo propõe ao fundador uma fórmula, e só ele pode adotá-la (7.2): **o Lumen Fluens aceita do budismo a atenção e recusa a chegada.** Aceita a atenção como prática, não como palavra: o olhar de volta sobre o que se fez (*MN* 61), a observação do corpo e da mente (*MN* 10), lidos ao lado do Examinar e da presença do Corpus. A letra do cânon tem “atenção” no sentido comum (“caminhar com atenção”, Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV) e “presença” como termo da prática; “atenção plena” não ocorre. Na fórmula, “atenção” entra no sentido de *sati*, como prática, e, se o fundador adotar a fórmula, passa a nomear nela a prática, como “pluralidade” passou a nomear a estrutura no Estudo XIII (decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII).

A fórmula diz “a chegada”, e o estudo a lê como chegada como condição: o que se recusa é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de chegar — de despertar, de cruzar, de estar entre os poucos que cruzam (*Dhp* 85; ver 2.9) —, e não a travessia nem o caminho, que ficam com o budismo, nem a outra margem, que o estudo não julga. É o precedente do Estudo XIII, em que a aparição recusada é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser vista, e não o espaço de aparição. O cânon diz que “a Lux admite graus de visão, nunca de valor” (decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X) e que a Lux intus “não é ponto de chegada da vida moral, mas seu ponto de partida” (Tratado da Luz Interior, “Síntese”).

O capítulo 4 propôs quatro letras (4.10), com os custos de cada uma; a do estudo toma de duas delas o que não custa — a prática que se aceita, a condição que se recusa — e evita o que custava nas outras: recusar “a outra margem” ou “a travessia” leria o cânon contra o caminho do budismo, e o cânon não é antibudista; recusar “o não-eu” atribuiria ao cânon uma tese sobre a natureza do eu que a letra não tem [leitura do estudo]. O que mais a fórmula diga depende de perguntas que o capítulo 7 reúne — sobretudo de (bj), se as fronteiras da série alcançam pela primeira vez uma casa do Oriente, e de (bn), a Ficha reescrita.

1.1 Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. O budismo diz o que está nos textos, citado e localizado por coleção, sutta e seção na numeração de SuttaCentral — *Dīgha Nikāya* (*DN*), *Majjhima Nikāya* (*MN*), *Saṃyutta Nikāya* (*SN*), *Aṅguttara Nikāya* (*AN*), *Dhammapada* (*Dhp*), *Sutta Nipāta* (*Sn*) — ou por obra, capítulo e verso para o Mahāyāna — a *Mūlamadhyamakakārikā* (*MMK*) de Nāgārjuna, o *Bodhicaryāvatāra* (*BCA*) de Śāntideva —, com a edição nas Fontes. A tradição lê o que um intérprete nomeado faz do texto: Bhikkhu Bodhi, Bhikkhu Anālayo, Thanissaro Bhikkhu, Walpola Rahula, Rupert Gethin, Peter Harvey, Steven Collins, Mark Siderits, Jay Garfield, Stephen Batchelor,

Michael Zimmermann, Leonard Priestley, e os leitores brasileiros e portugueses por cujas páginas algumas passagens chegaram até aqui; e, onde cabe, Schopenhauer, Nietzsche, Hegel, Heidegger e Nishitani lendo o budismo.

O cânon responde com as palavras do Cânon v1.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas e das decisões do fundador, sempre pelo nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, a margem, Regra da Misericórdia, Acender, Portar, Examinar, Revisão do rio, sabbath do fluxo.

Duas palavras pedem convenção desde já. “Cânon”, sem mais, é o do Lumen Fluens; o do budismo é sempre “cânon páli”. E as formas: páli para o cânon páli (*nibbāna*, *kamma*, *dhamma*, *sutta*, *anattā*, *sati*), sânscrito para o Mahāyāna (*nirvāṇa*, *śūnyatā*, *bodhisattva*, *tathāgatagarbha*), em itálico e com diacríticos, com a tradução na primeira ocorrência de cada capítulo; as formas aportuguesadas só fora de citação. O estudo fixou traduções: *saṅkhārā* é “condições” nos versos (*Dhp* 277; *DN* 16) e “formações” só para o quarto agregado; *pabhassara* é “luminosa”; *Tathāgata*, o título que o Buda dá a si mesmo, é “o Realizado”; *taṇhā* é “desejo”; *chanda* é “o querer que move”; *dukkha* é “sofrimento”, com “estresse” só como a escolha de Thanissaro; *pāra* é sempre “a outra margem”.

“Nas fontes do cânon” quer dizer o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações Práticas e as decisões. As Fichas dos Estudos I a VII são apontamentos do fundador, não cânon, e se citam como tais, com a marca [Ficha, não cânon]; os Estudos VII a XIII entram como leitura anterior e se citam como tais. O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta. “Quem lê com o budismo pode…” — e o estudo para aí: a letra autoriza quem crê a dar à Luz o nome da sua fé, e não autoriza o estudo a dá-lo.

As citações trazem marcadores de verificação, e este estudo tem limites que convém declarar na primeira página. O cânon páli está aberto: o páli foi conferido em SuttaCentral, e é dele que vêm os marcadores [V-pi]; o inglês é o de Bhikkhu Sujato (SuttaCentral), de Thanissaro Bhikkhu, de Vajira e Story e, para *SN* 22.43, de Walshe. As traduções impressas de Bodhi (*Saṃyutta*, *Aṅguttara*), de Ñāṇamoli e Bodhi (*Majjhima*) e de Walshe (*Dīgha*) não foram abertas, e o estudo não as cita como conferidas; a nota de Bodhi a *AN* 1.49–52 e a sua leitura de *attadīpā* em *DN* 16 ficam [tese a confirmar]. Em português, o *Dhammapada* de Nissim Cohen não foi aberto; as traduções de Michael Beisert (Acesso ao Insight), feitas a partir do inglês, chegam como [V-pt via inglês: Beisert]; a de Pedro Guimarães só para o *Dhammapada*.

O sânscrito de Nāgārjuna e de Śāntideva foi conferido em GRETIL; a *MMK* chega por Garfield e por Siderits e Katsura; o *Bodhicaryāvatāra* pela tradução brasileira da Makara, feita do tibetano através do inglês, cuja numeração do capítulo III está uma

unidade acima da do sânscrito — o estudo escreve o par, “Makara III, 18–19 (sânscrito 3.17–18)”, nas Fontes e na primeira ocorrência de cada peça —, e as traduções de Crosby e Skilton e de Wallace não foram conferidas.

Walpola Rahula foi lido no texto aberto de *What the Buddha Taught*, capítulo VI; Collins e Harvey chegam por intermediário que o estudo não nomeia [tese a confirmar], porque as cópias abertas não tinham texto legível; Gombrich não pôde ser lido, e o estudo não lhe atribui tese. Schopenhauer e Nietzsche foram conferidos no alemão e no inglês, não nas edições brasileiras de Jair Barboza e Paulo César de Souza; Hegel chega só pelo que o Estudo VII cita; o diálogo de Heidegger com o Japão e a Escola de Kyoto vêm, em quase tudo, como [tese a confirmar]. As datas do Buda levam as duas cronologias, a longa (c. 563–483 a.C.) e a curta (c. 480–400 a.C.), e a escolha é da tradição, não do estudo.

Por isso [V-pi] indica que a passagem foi conferida no páli; [V-skt], no sânscrito; [V-zh], no chinês do cânon Taishō; [V-de], no alemão; [V-en: tradutor], na tradução inglesa nomeada; [V-pt: tradutor], na edição brasileira ou portuguesa nomeada; [V via secundária: autor], que a passagem foi lida dentro de outro texto, cujo autor se nomeia; [Ficha, não cânon], que a frase é da Ficha de outubro. [tradução do estudo] diz que o português é do estudo, com o original nas Fontes. [paráfrase] diz que há a tese sem a letra. [tese a confirmar], [localização a confirmar] e [página a confirmar] dizem o que falta conferir, e o estudo prefere uma lacuna marcada a uma citação falsa. Frases que circulam como do Buda, como “não acreditem em nada só porque […]”, o estudo só cita com a localização, e diz o que é apócrifo (ver 2.8). Dentro das aspas fica a grafia da edição; fora delas, o português do Brasil.

Duas controvérsias de letra atravessam o estudo e ficam declaradas sem decisão. Em *DN* 16, 3.26, o Buda manda Ānanda viver *attadīpā*, e *dīpa* é ilha ou lâmpada: Sujato, Thanissaro e Vajira e Story traduzem “ilha”; a “lâmpada” de Rhys Davids e a leitura de Walshe ficam [tese a confirmar]; e no voto de Śāntideva, “ilha” e “lamparina” correspondem a uma só palavra do sânscrito (Makara III, 18–19). O estudo diz “ilha ou lâmpada, sem decidir” em cada lugar, e a lamparina do cânon não traduz *dīpa* nem se apoia em *DN* 16 (2.9, 4.2, 4.3). E em *SN* 44.10 o Buda cala diante de Vacchagotta por duas razões, uma para cada resposta que recusa: dizer que o eu existe não favoreceria o conhecimento de que “todas as coisas são não-eu”; dizer que não existe deixaria Vacchagotta mais confuso — a letra distingue as duas, e o estudo também (2.8, 3.9, 4.1).

Cuidados de vocabulário, que o capítulo 2 enumera (2.12) e cada capítulo repete onde trabalha. “Margem” e “outra margem”, já ditas. “Rio” e “corrente”: o Flumen é o rio em que se fica; a corrente (*sota*) do “que entrou na corrente” (*sotāpanna*) e a inundação (*ogha*) são o caminho que leva à saída. “Luz”: a Lux é de cada um e fica sem nome; a mente luminosa é *pabhassara*; *dīpa* é ilha ou lâmpada. “Eu” e “pessoa”: *attā*, *anattā*, *puggala*; o cânon diz “pessoal, nunca individual” e não opõe eu a não-eu. “Atenção” e

“presença”: *sati*; o cânon diz presença. “Apego” e “desejo”: *taṇhā*, *upādāna*, *chanda*; o cânon diz “apego ansioso” e a vocação da Mutatio. “Sofrimento” e “noite”.

“Mal” e “lobo”: *akusala*, *pāpa*; o lobo é “quem o inflige, com ou sem intenção”. “Compaixão” e “Abrigo”: *mettā*, *karuṇā*; o cânon diz casa, braços, lugar seguro. “Meio”: o caminho do meio do budismo; o meio-termo de Aristóteles (Estudo XI); o meio-dia e o instrumento do cânon. “Refúgio”: *saraṇa*; o “lugar seguro” do Abrigo é homônimo, e “refúgio” só ocorre no cânon na voz de Mounier. “Regra”: *sīla*, *Vinaya*; a Regra de Vida.

“Despertar”: no cânon é acordar do dia (“Ao despertar, antes de qualquer tela”, Cânon v1.2, “Regra de Vida”) ou o que a ocasião fez nascer (“elas apenas despertaram o que já esperava para nascer”, Cânon v1.2, “Origem”); nunca o despertar do budismo. “Eterno” tem uma só letra, “O eterno dança no tempo” (Cânon v1.2, “Origem”), e “fonte” ocorre na decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X para dizer que “a fonte continua sem nome no cânon”; o estudo não usa nenhuma das duas como nome. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

Quando um capítulo diz que o budismo não trata de algo, a afirmação vale só para os textos que o estudo leu. Quando diz que a letra do cânon não traz uma palavra, vale com a extensão que a contagem repetida conferiu, sobre o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo e as Meditações Práticas: “margem” ocorre 24 vezes, e “outra margem” nenhuma; “morte” e “morrer” não ocorrem, e o cânon cala sobre o depois; “impermanência”, “atenção plena”, “compaixão”, “desapego”, “renúncia”, “desembarcar”, “dignidade” e “vacuidade” não ocorrem no Cânon v1.2 (“dignidade” ocorre no Tratado da Luz Interior e na Disputatio).

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. O budismo é exposto primeiro em sua melhor forma, pelos textos, na ordem do pensamento (capítulo 2), e o que ele deixa — o não-eu levado a sério, a travessia, o renascimento, a vida monástica, as mulheres na ordem, a violência em seu nome — é dito com clareza no mesmo capítulo, sem desculpa nem anacronismo acusatório; nenhuma das sínteses o põe em extremo nem em crueldade. Só depois se procura onde o cânon já anda ao seu lado (capítulo 3), e onde se separa dele (capítulo 4), e o capítulo 4 é o único que numera as perguntas, de (be) a (bn); as letras seguem às do Estudo XIII, que vão de (aw) a (bd), e as do Estudo II, escrito em paralelo, vão de (bo) a (bx).

O capítulo 5 pergunta o que cada casa que a série já visitou disse do budismo ou lhe opôs — e o padrão é que ele chegou às casas de segunda mão e sob rótulo: o “nada” de Hegel, que a tradição corrige; a afinidade de Schopenhauer e a “decadência” de Nietzsche; o Oriente como limite em Levinas e Ricoeur; a ausência em Platão, Aristóteles, Agostinho e Arendt; o diálogo de Heidegger com o Zen e a Escola de Kyoto; o estoicismo, em breve, porque o Estudo II o trata; e as quatro portas do cristianismo, do Vedanta, do existencialismo e do taoísmo.

O capítulo 6 mede a Ficha de outubro frase a frase, relê as sete seções em que os Estudos VII a XIII disseram “o que não há: o Oriente” e propõe ao fundador uma Ficha reescrita (6.3). O capítulo 7 reúne a síntese, a fórmula, as questões que o estudo deixa abertas, numa só lista, e o que o budismo oferece ao Examinar, à Regra de Vida, ao tratado da justiça e às Fichas. Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12), de 23 de outubro sobre o Estudo IX (n.º 1 a 13) e sobre o Estudo X (n.º 1 a 10), e de 31 de outubro sobre o Estudo XI (n.º 1 a 11), sobre o Estudo XII (n.º 1 a 11) e sobre o Estudo XIII (n.º 1 a 12) valem como palavra dele e não são reabertas; as duas listas de 23 de outubro e as três de 31 de outubro vão sempre com o nome do estudo. Nenhuma delas foi tomada sobre o budismo.

As fronteiras fixadas na decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI, “padrão para os clássicos que virão”, e na n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII, “nenhuma pessoa está fora da Lux”, valem para os clássicos, e nunca foram estendidas a uma casa do Oriente, como o Estudo XIII, 5.9, registrou para essas duas. A n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII diz a mesma frase diante da superfluidade e a faz terceiro padrão da série; que nenhuma das três tenha sido estendida ao Oriente é registro deste estudo, e a pergunta é (bj) (4.4).

Quando o estudo relaciona ao budismo as demais — o lobo “com ou sem intenção” (n.º 5 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII), a mão que retoma (n.º 4 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII), o Abrigo que “não vai até a substituição” (n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII), o dano que não se quis no Examinar (n.º 9 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII), o perdão da vítima ao lobo deixado ao tratado (n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX), a fronteira entre noite e lobo pelo ato (n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX), o veto sem voz externa (n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), “graus de visão, nunca de valor” (n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), o sabbath como não-ato (n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI), “estar consigo” como glossário da margem (n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII) —, pergunta se a leitura vale, e marca.

1.2 Decisões do fundador (versão 1.1, 3 de novembro de 2026)

O fundador leu a versão 1.0 e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das de 17 de outubro (Estudo VII), das de 19 de outubro (Estudo VIII), das de 23 de outubro sobre os Estudos IX e X, das de 31 de outubro sobre os Estudos XI, XII e XIII, e das de 3 de novembro sobre o Estudo II, tomadas no mesmo dia; as listas de 3 de novembro vão sempre com o nome do estudo: as desta lista são citadas como “decisão n.º N de 3 de novembro sobre o Estudo I”. Não

alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou, e substituem a Ficha de outubro pela Ficha reescrita. No corpo, cada questão decidida leva a marca "[Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo I, n.º N): …]".

1. **A fórmula** está adotada: o Lumen Fluens aceita do budismo a atenção e recusa a chegada. A atenção entra como prática — o olhar de volta sobre o que se fez, a observação do corpo e da mente, lidos ao lado do Examinar e da presença —, não como palavra da letra; a chegada recusada é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de chegar — não a travessia nem a outra margem, que são do budismo e ficam com ele.
2. **O espelho de Rāhula lê-se ao lado do Examinar** (questão (bf)): como leitura; o glossário do Examinar não muda.
3. **A mente luminosa lê-se ao lado de "a luz não se acende — ela se revela"** (questão (bg)): como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a mente luminosa não é dita um eu no cânon páli; a Lux é de alguém —; nem a mente luminosa nem a natureza de Buda viram nome da Luz.
4. **O homônimo "margem" fica dito no estudo** (questão (bh)): a margem do cânon é dentro do rio, a outra margem é o fim da travessia budista; o glossário da margem não muda.
5. **O bodhisattva que permanece lê-se ao lado da lamparina posta no rio** (questão (bi)): como leitura; a Ficha troca "navegar vs. desembarcar" pela direção da travessia.
6. **As fronteiras da série alcançam o Oriente** (questão (bj)): "nenhuma pessoa está fora da Lux" diz-se também diante do renascimento, do *kamma*, da desigualdade e de "poucos cruzam"; e "o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite" entra como fronteira da série, para as casas que virão.
7. **O *kamma* como intenção e o lobo "com ou sem intenção"** (questão (bk)): a fronteira registra-se na Ficha reescrita; a decisão n.º 5 de 17 de outubro não se reabre; a questão (k) não encontra letra budista.
8. **"Dignidade vs. vacuidade" sai da Ficha** (questão (bl)): entra "valor intrínseco de cada pessoa × ausência de natureza própria de todas as coisas".
9. **O *Kālāma Sutta* e a Bússola leem-se lado a lado** (questão (bm)): como leitura, com a correção de Bodhi e a fronteira dita (o sutta termina na confiança no Buda; o veto é a própria Luz na pessoa, sem voz externa); entram na Ficha reescrita como sexto toque.
10. **A Ficha reescrita está aprovada** (questão (bn)): como proposta em 6.3, com os acréscimos das n.º 7 e 9 — seis toques e cinco fronteiras; substitui a Ficha de

outubro na Biblioteca do site.

11. **Registros adotados**: “o ódio não se aplaca pelo ódio” (*Dhp* 5) e Aṅgulimāla entram como matéria do tratado da justiça ((g) segue aberta até o tratado); o silêncio do budismo sobre Moriá fica registrado ((j)); a paráfrase do Estudo VII sobre o *nibbāna* vale como leitura, e a comparação entre Heráclito e o Buda não se faz sem intérprete.
12. **Publicação** como o Estudo XIII: integral, resumo trilíngue e nota de decisões; a Ficha reescrita vai à Biblioteca do site nas três línguas.

Continuam abertas (g), (j) e (k); (g) fica aberta até o tratado da justiça.

1.3 O que a série já disse do Oriente

Sete estudos escreveram, antes deste, uma seção sobre “o que não há: o Oriente” (VII, 4.1; VIII, 4.6; IX, 4.6; X, 4.7; XI, 5.8; XII, 5.8; XIII, 5.9), e o capítulo 6 as mede uma a uma (6.2). Nenhuma abriu um sutta: o budismo chegou à série pelo que Hegel, Levinas e os outros disseram dele, e este é o primeiro estudo que o lê no páli.

O que elas esperavam do Estudo I — a medida do não-eu diante da luz pessoal, a do *dukkha* diante da noite, a da travessia diante do rio — está respondido em 4.1, 4.4 e 4.2, e duas coisas que elas deixaram sem letra ficam como registros de procedimento, sem pergunta ao fundador: a paráfrase do Estudo VII, “*nibbāna* é extinção da sede, não do ser”, que a letra de *MN* 22 e *SN* 56.11 apoia e o estudo adota como leitura (5.1); e a comparação entre Heráclito e o Buda, que se ouve, que nenhum intérprete localizado sustenta com obra e página e que por isso o estudo não faz (5.4).

2 O BUDISMO EM SUA MELHOR FORMA

2.1 A vida do Buda em dez linhas e a formação do cânon páli

O budismo começa num homem, e o que se sabe dele chega por camadas: o que os textos mais antigos dizem, o que a tradição acrescentou, o que os historiadores aceitam. Esta seção separa as camadas antes de contar.

Os discursos que o contam estão no cânon páli, em coleções: o *Dīgha Nikāya* (*DN*), o *Majjhima Nikāya* (*MN*), o *Saṃyutta Nikāya* (*SN*), o *Aṅguttara Nikāya* (*AN*) e uma coleção menor, onde estão o *Dhammapada* (*Dhp*) e o *Sutta Nipāta* (*Sn*) [paráfrase; localização a confirmar]. Siddhattha Gotama (em sânscrito, Siddhārtha Gautama) era do clã dos Sakyas, e por isso a tradição o chama *Sakyamuni*, "o sábio dos Sakyas". Nasceu, segundo a tradição, em Lumbinī, hoje no Nepal; onde ficava Kapilavatthu, a cidade do clã, é incerto, entre Piprahwa e Tilaurakot. O registro escrito mais antigo é um pilar de Aśoka em Lumbinī, c. 250 a.C., que diz que ali nasceu o Buda; da vida dele e dos dois séculos seguintes não há registro. A biografia do príncipe no palácio, com a saída aos vinte e nove anos, é elaboração tardia [V via secundária: Wikipédia; tese a confirmar].

É ele mesmo quem conta a saída: foi procurar mestres, entre eles Uddaka Rāmaputta; depois veio a mortificação do corpo, que recusou; o despertar aconteceu em Uruvelā, no reino de Magadha, a Bodh Gayā de hoje; dali foi a Isipatana, ao grupo dos cinco mendicantes, para o primeiro ensinamento (2.2) (*MN* 26, 16.1, 17.1 e 26.1; *MN* 36) [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase]. *MN* 36 diz o despertar assim: "A ignorância foi banida e o conhecimento surgiu; a treva foi banida e a luz surgiu" (*MN* 36, 39.2) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. A idade da morte vem do próprio *Mahāparinibbāna Sutta*: "Tenho agora oitenta anos" (*DN* 16, 2.25.10) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. Morreu em Kusinārā, o *parinibbāna*, a extinção final (*DN* 16, caps. 5 e 6; ver 2.9).

As datas estão em disputa, e o estudo não escolhe: a cronologia longa põe o Buda entre 563 e 483 a.C.; a curta, adotada pela maioria dos participantes do simpósio de Göttingen, de 1988, põe a morte em torno de 400 a.C., e Norman propõe c. 480–400 [V via secundária: Wikipédia; tese a confirmar]. Os ensinamentos foram guardados de boca em boca. Segundo a tradição, o primeiro concílio, em Rājagaha, três meses depois da morte, fixou o *Sutta* (os discursos, na voz de Ānanda) e o *Vinaya* (a disciplina monástica, na de Upāli); o cânon páli foi posto por escrito no Sri Lanka, no século I a.C., e a maioria dos estudiosos pensa que pouco ou nada foi acrescentado depois [V via secundária: Wikipédia; tese a confirmar]. O Mahāyāna, que surge entre o século I a.C. e o I d.C. [paráfrase; localização a confirmar], entra em 1.11. A primeira coisa a ler é o que o Buda disse em Isipatana.

2.2 As quatro nobres verdades e o caminho óctuplo

O primeiro sermão cabe numa página e contém o esqueleto de tudo: um diagnóstico, uma causa, uma cura possível e um caminho.

O *Dhammacakkappavattana Sutta* (*SN* 56.11), "O sermão que põe a roda do Dhamma em movimento", abre com o que o Buda evita: "Estes dois extremos não devem ser cultivados por quem saiu de casa: a indulgência nos prazeres sensuais, que é baixa, grosseira, comum, ignóbil e inútil, e a indulgência na automortificação, que é dolorosa, ignóbil e inútil. Evitando esses dois extremos, o Realizado compreendeu o caminho do meio da prática, que dá visão e conhecimento e conduz […] ao conhecimento direto, ao despertar e à extinção" (*SN* 56.11, 3.1–3.4) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. O Realizado é o *Tathāgata*, título que o Buda dá a si mesmo; o caminho do meio é «majjhimā paṭipadā», meio entre dois excessos de prática, e não o meio-termo da virtude de que trata o Estudo XI.

A primeira nobre verdade é *dukkha*, que Sujato traduz por "sofrimento" e Thanissaro por "estresse" [V-en: Sujato; Thanissaro]: "Nascimento é sofrimento; velhice é sofrimento; doença é sofrimento; morte é sofrimento; […] não obter o que se deseja é sofrimento. Em resumo, os cinco agregados tomados com apego são sofrimento" (*SN* 56.11, 5.2) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. O diagnóstico recai sobre os cinco agregados (forma, sensação, percepção, formações e consciência) tomados como meus, e não sobre a vida inteira. A segunda verdade dá a origem: "É o desejo que leva a vidas futuras, misturado com deleite e cobiça, comprazendo-se aqui e ali: o desejo de prazeres sensuais, o desejo de continuar existindo e o desejo de não existir" (*SN* 56.11, 5.4–5.5) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. *Taṇhā*, literalmente "sede", vem em três formas.

A terceira verdade é a cessação: "o desvanecer e a cessação, sem resto, desse mesmo desejo; largá-lo, soltá-lo, libertar-se dele, não se agarrar a ele" (*SN* 56.11, 5.7) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. O que cessa é o desejo; o texto não diz que cessa a pessoa. A quarta é o caminho, que o sermão já chamara de caminho do meio (*SN* 56.11, 4.3 e 5.9–5.10): visão, propósito (ou pensamento), fala, ação, modo de vida, esforço, atenção e concentração corretos [V-pi; V-pt via inglês: Beisert]. *Sammāsati*, a atenção, é um dos oito membros, e não o caminho todo. O sermão termina com o que surgiu em Koṇḍañña, o primeiro dos cinco ouvintes: "Tudo o que está sujeito a surgir está sujeito a cessar" (*SN* 56.11, 11.2) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo].

O budismo não afirma que a dor seja ilusão: o *Sallatha Sutta* diz que a pessoa comum sente duas flechas, a do corpo e a da mente, e a discípula instruída só a primeira (*SN* 36.6, 3.1–3.3) [V-pi; paráfrase]. Por que o sofrimento tem essa forma é o que as três marcas explicam.

2.3 As três marcas e a origem dependente

O budismo diz que tudo o que é composto tem três marcas, e a terceira é a que mais custa a entender.

O *Dhammapada* as reúne em três versos seguidos: “Todas as condições são impermanentes; quando isso é visto com sabedoria, desencanta-se do sofrimento: este é o caminho da purificação. […] Todas as condições são sofrimento. […] Todas as coisas são não-eu” (*Dhp* 277–279) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. Nos dois primeiros versos o sujeito é *saṅkhārā*, as condições, e no terceiro é *dhammā*, coisas ou fenômenos: uma leitura corrente da tradição, de autor não conferido, vê nisso que a terceira marca vale para tudo, condicionado ou não [tese a confirmar]. As três marcas são *anicca* (impermanência), *dukkha* (sofrimento, ou insatisfatoriedade) e *anattā* (não-eu).

O discurso que desdobra a terceira marca é o *Anattalakkhaṇa Sutta* (*SN* 22.59), pregado ao mesmo grupo dos cinco. Seu argumento é o do controle: “A forma é não-eu. Pois se a forma fosse o eu, não levaria à aflição, e vocês poderiam comandá-la: ‘Que minha forma seja assim! Que não seja assim!’ Mas, porque a forma é não-eu, ela leva à aflição, e vocês não podem comandá-la” (*SN* 22.59, 3.1–3.5) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo].

A prática é ver tudo isso “com reta compreensão: ‘Isto não é meu, eu não sou isto, isto não é meu eu’” (*SN* 22.59, 7.1) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo], «netaṁ mama, nesohamasmi, na meso attā», e o efeito é o desencanto (*nibbidā*) e a libertação da mente (*SN* 22.59, 11) [V-pi; V-pt via inglês: Beisert]. A letra importa: o discurso diz que cada um dos cinco agregados é *anattā*, com o critério de que não se controla, e não diz, neste sutta, que não existe eu. Essa conclusão é da tradição, e a divide (2.8 e 2.11).

A origem dependente (*paṭiccasamuppāda*) é o outro lado. O *Vibhaṅga Sutta* a enumera: “A ignorância é requisito para as escolhas. As escolhas são requisito para a consciência. […] O desejo é requisito para a apropriação. […] O renascimento é requisito para a velhice e a morte […]. É assim que toda esta massa de sofrimento se origina” (*SN* 12.2, 2) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. Aqui *saṅkhārā* são as “escolhas”, as formações da vontade. Em fórmula geral: “Quando isto existe, aquilo vem a ser; pelo surgimento disto, aquilo surge. Quando isto não existe, aquilo não vem a ser; pela cessação disto, aquilo cessa” (*SN* 12.21, 2.8–2.9) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. A letra fala de “isto” e “aquilo”, não de “todas as coisas”; a leitura “nada surge só” é do estudo [leitura do estudo].

No *Kaccānagotta Sutta* há um segundo caminho do meio, ontológico: “‘Tudo existe’: este é um extremo. ‘Tudo não existe’: este é o segundo extremo. […] O Realizado ensina pelo meio” (*SN* 12.15, 4.1–4.3) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. O que se ensina “pelo meio” é a origem dependente, e foi nela que Nāgārjuna se apoiou séculos

depois (2.11). São dois caminhos do meio: um entre dois excessos de prática, outro entre duas teses sobre o que há. Resta ver o que essa visão pede de quem a pratica: a atenção.

2.4 *Sati*, os quatro fundamentos e o espelho de Rāhula

A prática que o budismo mais exportou é a da atenção, e ela é, no cânon páli, menos e mais do que se costuma dizer.

Sati, que se traduz por "atenção plena" ou *mindfulness*, foi primeiro uma lembrança: Bodhi observa que a palavra significava originalmente memória e que a explicação corrente da prática como atenção nua é questionável [V-en: resumo do artigo de Bodhi; paráfrase]. O texto de referência é o *Satipaṭṭhāna Sutta* (*MN* 10; também *DN* 22): "Este é o caminho que vai numa só direção, para a purificação dos seres, […] para a realização do *nibbāna*: os quatro fundamentos da atenção" (*MN* 10, 3.1) [V-pi; tradução do estudo]. Os quatro fundamentos são o corpo, as sensações, a mente e os *dhammas* (fenômenos), e a fórmula que se repete em cada um é: "vive observando o corpo no corpo, ardente, ciente e atento, tendo afastado a cobiça e o desprazer pelo mundo" (*MN* 10, 4.2) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo].

O objeto está ali "só para conhecer e só para lembrar, sem apoiar-se e sem se agarrar a nada no mundo" (*MN* 10, 6.3) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. A respiração atenta (*ānāpānasati*, *MN* 118) é a porta dos quatro fundamentos (*MN* 118, 15.2) [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase].

O espelho vem no *Ambalaṭṭhikārāhulovāda Sutta* (*MN* 61), a instrução do Buda a Rāhula, seu filho. Ele pergunta: "para que serve um espelho?", e Rāhula responde: "para refletir" (*MN* 61, 8.1–8.3) [V-pi; V-pt via inglês: Beisert; tradução do estudo]. *Paccavekkhaṇa* é olhar de volta. O exame se faz antes, durante e depois do ato, no corpo, na fala e na mente (*MN* 61, 9 a 17), com a mesma pergunta: o que vou fazer "leva a me prejudicar, a prejudicar o outro, a prejudicar ambos?" (*MN* 61, 9.2) [V-pi; tradução do estudo].

Se sim, o ato é "não hábil" (*akusala*) e desiste-se dele. Depois do ato, se houve dano, confessa-se ao Mestre ou a companheiros sensatos e restringe-se no futuro; se foi bom, "viva com alegria e júbilo, treinando dia e noite no que é hábil" (*MN* 61, 11.6–11.10) [V-pi; tradução do estudo]. O critério é o dano e seu fruto, e a confissão é de comunidade; o fim é a purificação (*parisodhana*, *MN* 61, 18.1). O espelho olha o ato; o que move o ato, para o budismo, é o desejo.

2.5 *Taṇhā, upādāna, chanda* e a jangada

Se o sofrimento nasce do desejo, é preciso saber qual desejo. O budismo distingue.

O *Dhammapada* tem um capítulo inteiro sobre o desejo (*Taṇhāvagga*, *Dhp* 334–359): "cavem a raiz do desejo" (*Dhp* 337) [V-pi; tradução do estudo]. *Taṇhā* é "desejo" em

Beisert e “cobiça” em Guimarães [V-pt via inglês: Beisert; V-pt: Pedro Guimarães]. *Upādāna*, que Beisert verte por “apego”, é o passo seguinte da cadeia: tomar como meu, e “apropriação” é a escolha do estudo [leitura do estudo].

Mas o budismo não condena todo querer. Há *chanda*, o querer que move, que pode ser saudável. No *Uṇṇābha Sutta*, o brâmane objeta a Ānanda que o desejo não se larga pelo desejo, e Ānanda responde com o querer de ir a um parque, que se desfaz quando se chega (*SN* 51.15, 5.1–5.6) [V-pi; paráfrase]. *Taṇhā* é a sede que se agarra; *chanda*, o querer que move; “desejo”, em português, cobre os dois.

A jangada do *Alagaddūpama Sutta* mostra o que o budismo faz com a própria doutrina. “Ensinarei uma comparação do ensinamento com uma jangada: para atravessar, não para agarrar” (*MN* 22, 13.1) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. Um homem faz uma jangada de capim, gravetos e folhas, atravessa a água e chega à outra margem, *pāra* (o homônimo está em 2.9); pensa em levar a jangada à cabeça e é corrigido: deve encalhá-la em terra seca ou largá-la à deriva e ir aonde quiser.

“Compreendendo a comparação da jangada, vocês abandonarão até os ensinamentos, quanto mais o que não é ensinamento” (*MN* 22, 14.1) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. O que se solta é o instrumento, e não a água [leitura do estudo]. Acusado de pregar a destruição do ser, o Buda responde: “No passado, como hoje, o que descrevo é o sofrimento e a cessação do sofrimento” (*MN* 22, 37.5) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo], e exorta a abandonar “o que não é de vocês” (*MN* 22, 40.1): os agregados, e não tudo. Soltar sem endurecer pede um coração, e é o assunto seguinte.

2.6 Os *brahmavihāra* e a *mettā*

O budismo não é só desencanto: tem uma ética do coração, e ela vem em quatro moradas, os *brahmavihāra*. A mais conhecida é a *mettā*, e as outras três a acompanham.

O *Karaṇīyamettā Sutta* (*Sutta Nipāta* 1.8) diz: “Assim como uma mãe protegeria com a própria vida o filho, seu filho único, assim, por todas as criaturas, cultive-se um coração sem limites” (*Sn* 1.8, 7.1–7.4) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. E segue: um amor por todo o mundo, “sem estreiteza, sem ódio, sem rivalidade” (*Sn* 1.8, 8.4) [V-pi; tradução do estudo]. A *mettā*, “amor benevolente”, é sem preferência: a mãe mede a intensidade, e “todas as criaturas”, o alcance [leitura do estudo].

São quatro moradas: *mettā*, *karuṇā* (compaixão, voltada ao sofrimento alheio), *muditā* (a alegria com a alegria do outro) e *upekkhā* (equanimidade, que uma leitura corrente da tradição, de autor não conferido, distingue da indiferença [tese a confirmar]). A lista aparece inteira no *Kālāma Sutta*: o discípulo permeia o mundo com “um coração cheio de amor, […] de compaixão, […] de alegria, […] de equanimidade” (*AN* 3.65, 42.1–42.4) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. O *Mettā Sutta* (*AN* 11.15) enumera onze

benefícios da libertação do coração pelo amor: “Dorme-se bem. Acorda-se feliz. Fogo, veneno e lâmina não o ferem” (*AN* 11.15, 3.2) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo].

A ética do amor tem uma máxima: “O ódio nunca se aplaca pelo ódio; aplaca-se pelo amor: este é um ensinamento antigo” (*Dhp* 5) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. O amor, porém, não flutua: o budismo o ancora na intenção do ato.

2.7 O *kamma* como intenção, o renascimento e Aṅgulimāla

Poucas palavras budistas foram tão mal levadas ao português quanto *kamma* (carma). O cânon páli diz o que ela é, ensina o renascimento que a acompanha e guarda um caso difícil, o de Aṅgulimāla.

“É a intenção que eu chamo de *kamma*”, diz o Buda (*AN* 6.63, 33.3) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. *Kamma* significa “ação”; o Buda a define como *cetanā*, intenção. O *kamma* amadurece em fruto (*vipāka*), mas não é a única causa do que acontece. No *Sīvaka Sutta*, o Buda declara errada (*micchā*) a tese de que “tudo o que a pessoa experimenta é por obras passadas” (*SN* 36.21, 4.12–4.15) e dá oito causas das sensações, das quais o *kamma* é só a oitava (*SN* 36.21, 6.1–6.4) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo].

O renascimento (*punabbhava*) faz parte do ensino do Buda tal como o cânon páli o guarda. A segunda nobre verdade já o tinha: o desejo “leva a vidas futuras” (*ponobbhavikā*, *SN* 56.11, 5.4; ver 2.2), e a cadeia da origem dependente termina em renascimento, velhice e morte (*SN* 12.2, 2; ver 2.3). A libertação é sair do ciclo dos nascimentos e mortes (*saṃsāra*); quem renasce, e o que passa de uma vida à outra, o próprio budismo discute (2.11).

O caso de Aṅgulimāla, no *Aṅgulimāla Sutta* (*MN* 86), mostra o que o *kamma* e o recomeço permitem. Aṅgulimāla era um salteador sem piedade, que usava os dedos das vítimas como colar (*MN* 86, 3.1–3.3) [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase]. Persegue o Buda e grita: “Pare, pare, asceta!”, e o Buda responde: “Eu parei, Aṅgulimāla; pare você também” (*MN* 86, 6.8–6.9) [V-pi; tradução do estudo]. O assassino se ordena monge e, mais tarde, diante de uma mulher em parto difícil, o Buda o manda dizer algo que ele pode dizer com verdade: “desde que nasci com o nobre nascimento, não me recordo de ter privado intencionalmente da vida nenhum ser; por essa verdade, que você esteja bem” (*MN* 86, 15.6) [V-pi; tradução do estudo; cf. Beisert]. A palavra que sustenta o ato de verdade é *sañcicca*, “intencionalmente”: o que mudou, depois de uma vida de atos, é a intenção. O que fica no fim desse caminho é a pergunta seguinte.

2.8 O *nibbāna*, o que o Buda não declarou, o Kālāma e a mente luminosa

O budismo diz pouco do que fica no fim do caminho, e diz por quê.

Nibbāna significa “extinção”, como a de um fogo que se apaga. No *Aggivacchagotta Sutta*, o fogo depende de combustível; apagado, não tem direção para onde ir (*MN* 72, 19.10–19.18) [V-pi; paráfrase]. O Realizado, liberto da forma, é “profundo, imensurável, insondável, como o grande oceano”, e dizer que ele “renasce” ou “não renasce” não lhe convém (*MN* 72, 20.2) [V-pi; tradução do estudo].

Essa recusa tem um método. No *Cūḷamāluṅkya Sutta*, a dez perguntas sobre o cosmos, a alma e o Realizado depois da morte o Buda opõe a flecha: o homem ferido por uma flecha envenenada não deixa que a retirem até saber quem a atirou, e morre antes de sabê-lo (*MN* 63, 6.6) [V-pi; paráfrase]. As perguntas não foram declaradas porque não estão ligadas ao fim (*atthasaṁhita*), nem levam ao desencanto e à extinção (*MN* 63, 8.2); o que ele declarou foi: «idaṁ dukkhan», isto é sofrimento, e a origem, a cessação e o caminho (*MN* 63, 9.2) [V-pi; tradução do estudo].

No *Ānanda Sutta*, o andarilho Vacchagotta pergunta se há um eu, e o Buda se cala; pergunta se não há, e ele se cala outra vez (*SN* 44.10, 2.3–2.7). A Ānanda dá depois a razão. Dizer que há o alinharia com os eternalistas, e a pergunta que ele faz a Ānanda vale só para essa resposta: «api nu me taṁ, ānanda, anulomaṁ abhavissa ñāṇassa uppādāya», “teria isso favorecido o surgimento do conhecimento de que todas as coisas são não-eu?” (*SN* 44.10, 3.3 e 3.5–3.6). Dizer que não há o alinharia com os aniquilacionistas e deixaria Vacchagotta, já confuso, ainda mais confuso (*SN* 44.10, 3.4 e 3.8–3.9) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. A letra não diz que não há eu: ela se cala, e explica o silêncio.

O *Kālāma Sutta* (*AN* 3.65) dá o critério a quem ainda não é discípulo: não pelo ouvir dizer, pela tradição, pelo boato, pela coleção de textos, pela lógica, pela inferência e por mais quatro bases do mesmo tipo, até o respeito ao mestre (*AN* 3.65, 41.3) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. Quando vocês mesmos souberem que certas coisas são não hábeis, culpáveis e criticadas pelos sábios, e levam ao dano, abandonem-nas; quando souberem que outras são hábeis, sem culpa e louvadas pelos sábios, e levam ao bem, adotem-nas (*AN* 3.65, 41.4–41.5) [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase]. O teste passa pela cobiça, pelo ódio e pela ilusão e por seus contrários (*AN* 3.65, 5–16 e 27–32).

Bodhi corrige a leitura moderna, que fez do sutta uma carta do livre exame: os Kālāmas ainda não eram discípulos, a passagem “foi dita num contexto específico”, e o sutta “omite toda menção da visão correta” [V-en: ensaio de Bodhi no Acesso ao Insight; tradução do estudo]. O sutta termina com os Kālāmas indo em refúgio ao Buda, ao ensinamento e à *Saṅgha* (*AN* 3.65, 53.2) [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase]. A frase viral “não acreditem em nada só porque […]” não é a letra [V via secundária: Bodhipaksa; atribuição a confirmar].

A frase sobre a mente luminosa está no *Aṅguttara Nikāya* 1.49–52: “Luminosa, monges, é esta mente; e está maculada por máculas que chegam de fora”, e, no sutta seguinte, dela “libertada” (*AN* 1.49–52) [V-pi; V-en: Sujato; Thanissaro; tradução do

estudo]. A letra diz “luminosa” e “que chegam de fora”; não diz “natureza”, nem “Buda”. A leitura é disputada, e Anālayo sustenta que “pureza e liberdade das máculas são uma potencialidade da mente que precisa ser realizada pelo cultivo meditativo, e não um retorno a uma natureza inerente já existente”, e que a noção de mente luminosa “por natureza” é posterior [V-en: Anālayo; tradução do estudo].

2.9 A travessia, a outra margem e as últimas palavras

A imagem mais constante do budismo é a de uma água que se atravessa.

No *Oghataraṇa Sutta*, uma divindade pergunta como o Buda atravessou a inundação (*ogha*), e ele responde: “Quando parei, afundei. Quando nadei, fui arrastado. Foi assim que atravessei a inundação, nem parando, nem nadando” (*SN* 1.1, 2.4–2.9) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. O *Dhammapada* sabe que são poucos: “Poucos são, entre os humanos, os que cruzam para a outra margem; os demais só correm de cá para lá, pela beira” (*Dhp* 85) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo], e essa beira (*tīra*) é o lado de onde se parte. O *Pārāyanavagga* (*Sn* 5), “O caminho para a outra margem”, fecha com a promessa de que quem entende e pratica “poderá ir até a outra margem da velhice e da morte” (*Sn* 5.18, 2.3) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo].

A outra margem, *pāra*, é o fim da travessia, e a jangada de 2.5 serve para chegar a ela. Neste capítulo, o “cânon” é o páli e a “outra margem” é sempre o *pāra*. A palavra “margem”, sem “outra”, é um homônimo, palavra que o budismo e o cânon do Lumen Fluens escrevem igual ou parecido e entendem de modo diferente: ali a margem fica dentro do rio (ver 4.2), e o capítulo 4 a mede.

Mas a imagem não é só de travessia: é de ilha. Aos que estão presos no meio da corrente quando surge o dilúvio, pede-se: “diga-me uma ilha”, e a resposta é: “Nada possuir, nada tomar: esta é a ilha sem outra além dela; chamo-a extinção, o fim da velhice e da morte” (*Sn* 5.11, 4.1) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]; a palavra é *dīpa*, ilha ou lâmpada, como se vê adiante. E o que “entra na corrente” (*sotāpanna*)? A corrente (*sota*) é o próprio caminho óctuplo: “O caminho nobre de oito membros é a corrente”, e quem o possui é chamado de *sotāpanna* (*SN* 55.5, 3.3 e 3.6) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]; ele está “assegurado, destinado ao despertar”, sem risco de renascer em planos inferiores (*DN* 16, 6.6.12) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo].

As últimas palavras do Buda são: “As condições se desfazem. Perseverem com diligência” (*DN* 16, 6.7.3) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. Antes, dissera a Ānanda: «attadīpā viharatha attasaraṇā anañña saraṇā, dhammadīpā dhammasaraṇā anañña saraṇā» (*DN* 16, 2.26.1) [V-pi]. O sentido é controvertido, e o estudo declara sem decidir: *dīpa* é ilha ou lâmpada, porque corresponde a duas palavras sânscritas, *dvīpa*, “ilha”, e *dīpa*, “lâmpada” [V via secundária: Sujato]. Sujato (“sejam a sua própria ilha, o seu próprio refúgio”), Thanissaro e Vajira–Story dizem “ilha” em *DN* 16 [V-en: Sujato;

Thanissaro; Vajira–Story], e Walshe, em *SN* 22.43, dá “ilha” como bem estabelecido [V-en: Walshe-SN]. Rhys Davids disse “lâmpada” (“sejam lâmpadas para vocês mesmos”), por fonte que o estudo não abriu [V via secundária: Rhys Davids; tese a confirmar].

O próprio texto define a expressão pelos quatro fundamentos de 2.4: o monge que vive observando o corpo, as sensações, a mente e os *dhammas*, ardente, ciente e atento (*DN* 16, 2.26.3–2.26.6) [V-pi; V-en: Sujato].

2.10 A *Saṅgha*, o leigo e a disciplina

A *Saṅgha*, o leigo e a disciplina completam o quadro: o budismo é uma comunidade antes de ser uma doutrina.

A *Saṅgha* é, junto do Buda e do *Dhamma*, um dos três refúgios (*saraṇa*) que se tomam para entrar no caminho, como os Kālāmas o fazem ao fim de *AN* 3.65 (ver 2.8), e a comunidade de monges e monjas que vive pela disciplina do *Vinaya*, que regula a vida monástica; o *pāṭimokkha*, as regras que os monges recitam no *uposatha* (o dia de observância), inclui a confissão de faltas [paráfrase; localização a confirmar]. O monge não possui, e o *Dhammapada* faz disso alegria: “Vivemos muito felizes, nós que nada possuímos” (*Dhp* 200) [V-pi; tradução do estudo].

O leigo não está de fora. O *Siṅgālaka Sutta* (*DN* 31) ensina a um jovem as seis direções que se deve honrar: a leste, os pais; ao sul, os mestres; a oeste, esposa e filhos; ao norte, amigos e companheiros; abaixo, servidores e trabalhadores; acima, ascetas e brâmanes (*DN* 31, 27.3) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. Os deveres são mútuos, como entre pais e filhos (*DN* 31, 28.1–28.3) [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase]. Nem tudo foi pacífico na história da ordem, e 2.11 declara as controvérsias.

2.11 O Mahāyāna em linhas mestras e o que o budismo deixa

O Mahāyāna, “o grande veículo” (aqui o sânscrito), responde de outras maneiras à mesma pergunta; ao fim diz-se o que o budismo deixa a quem o lê.

Nāgārjuna (séculos II–III d.C.) [tese a confirmar] escreveu a *Mūlamadhyamakakārikā* (*MMK*) para dizer o que a origem dependente implica: “Tudo o que surge dependentemente, isso explicamos como vacuidade; sendo designação dependente, é ela mesma o caminho do meio” (*MMK* XXIV, 18) [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]. *Śūnyatā*, a vacuidade, é ausência de natureza própria (*svabhāva*), e não ausência de existência: “Não existe coisa alguma que não surja dependentemente; portanto não existe coisa não vazia” (*MMK* XXIV, 19) [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]. Tampouco há abismo entre o ciclo e a extinção: “Não há a menor diferença entre a existência cíclica e o nirvāṇa” (*MMK* XXV, 19) [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo].

O ideal do Mahāyāna é o bodhisattva, quem faz o voto de despertar pelos outros. Śāntideva (século VIII) [tese a confirmar] oferece-se: “Para os que desejam cruzar para a

outra margem, possa eu ser uma balsa, um barco, uma ponte. Possa eu ser uma ilha para aqueles que anseiam por terra firme, uma lamparina para aqueles que desejam luz” (*Bodhicaryāvatāra*, *BCA*, Makara III, 18–19; sânscrito 3.17–18) [V-pt: Makara; V-skt]. No sânscrito, “ilha” e “lamparina” são uma só palavra, *dīpa*, a mesma de *DN* 16, 3.26 (2.9): ilha ou lâmpada, sem decidir; a Makara, feita do tibetano, a desdobra em duas.

O fundamento é um não-eu aplicado à dor: “O sofrimento não tem dono; não há, portanto, como fazer distinções” (*BCA*, Makara VIII, 102) [V-pt: Makara; V-skt]. O “eu” nasceu do hábito (*BCA* VIII, 111–112) [V-pt: Makara; paráfrase], e a prática vem em seguida: “Aqueles que desejam rapidamente servir de refúgio para si próprios e para os outros seres devem trocar os termos ‘eu’ e ‘outro’” (*BCA*, Makara VIII, 120) [V-pt: Makara; V-skt]. O bodhisattva fica: “Enquanto houver o espaço, enquanto houver os seres sencientes, possa eu também permanecer para afastar as dores do mundo” (*BCA*, Makara X, 55; sânscrito 10.55) [V-pt: Makara; V-skt]. A tradição tibetana o chama de nirvāṇa não-assentado: “A única causa do nirvana não-assentado dos bhagavans é a grande compaixão” (Tsongkhapa, *Lamrim Chenmo*, vol. 2, citando Kamalaśīla) [V-en: Lamrim Chenmo Translation Committee; tradução do estudo].

Outra linha ensina que o despertar já está nos seres. O *Tathāgatagarbhasūtra* (*tathāgatagarbha*, o embrião do tathāgata) diz que “todos os seres sencientes contêm um tathāgata”, encoberto pelas aflições (símile 1) [V-en: Zimmermann; tradução do estudo]. O *Mahāparinirvāṇa Sūtra* (Taishō 374, a não confundir com o *Mahāparinibbāna Sutta* de 2.9) diz que “o ‘eu’ é o sentido de *tathāgatagarbha*” [V-zh; tradução do estudo]. É o ponto de que parte o “budismo crítico” japonês: “Só a crítica é budismo”, escreve Hakamaya, e ele e Matsumoto sustentam que a natureza de buda não é budismo [V-en: Hubbard–Swanson; tradução do estudo].

O Zen responde de dentro: “Estudar o caminho dos budas é estudar a si mesmo. Estudar a si mesmo é esquecer-se de si” (Dōgen, *Genjōkōan*) [V-ja; V-en: Soto Zen Text Project; tradução do estudo]. A Terra Pura põe a salvação no poder de Amida: “Mesmo a pessoa boa alcança o renascimento na Terra Pura, quanto mais a pessoa má” (*Tannishō* III) [V-en: Unno; tradução do estudo], embora o voto de Amitābha, no sânscrito, exclua os que cometem crimes de consequência imediata e rejeitam o Dharma (*Sukhāvatīvyūha* maior, voto 19) [V-skt; paráfrase]. A divisão é do próprio budismo, e o estudo a declara sem decidir.

O que o budismo deixa a quem o lê é, primeiro, um não-eu levado a sério. O cânon páli o ensina como prática (*SN* 22.59; 2.3) e se cala diante da pergunta direta (*SN* 44.10; 2.8); Nāgārjuna diz que “eu” foi ensinado, “não-eu” foi ensinado, e também que nem um nem outro (*MMK* XVIII, 6) [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]. Uma escola antiga, os personalistas (*pudgalavāda*), afirmou uma pessoa nem a mesma nem outra que os agregados, segundo Kuiji citado por Priestley, e se apoiava em *SN* 22.22, em que o Buda

chama o indivíduo (*puggala*) de “portador do fardo” (*SN* 22.22, 6) [V-pi; V via secundária: Priestley]. A tradição moderna divide-se: Thanissaro lê o *anattā* como estratégia, e não como doutrina [V-en: Thanissaro; paráfrase], e Rahula escreve que o budismo é “único na história do pensamento humano ao negar a existência” de uma alma, um eu ou um *ātman* (cap. VI) [V-en: Rahula; tradução do estudo]; o capítulo 4 expõe a divisão.

Batchelor propõe uma leitura secular (*Budismo sem crenças*) [tese a confirmar]. Ficam, por fim, duas controvérsias que o estudo declara sem atenuar. Quanto às mulheres na ordem, o Buda recusa admiti-las e depois diz “ela é capaz, Ānanda” [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo], mas impõe as oito *garudhammas*, as regras de respeito, entre elas a de que a monja de cem anos saúda o monge ordenado no mesmo dia (*AN* 8.51) [V-pi; paráfrase]; a fundação da ordem das monjas é estudada por Anālayo [V via secundária: anúncio do Numata Center]. E há violência política e militar em nome do budismo (Jerryson e Juergensmeyer; Tambiah) [V via secundária: Jerryson e Juergensmeyer; tese a confirmar]. O que dali se leva está na última seção.

2.12 O que um leitor do Lumen Fluens deve levar daqui

O capítulo só expôs; o diálogo vem depois. O leitor pode levar daqui seis coisas.

A primeira: o budismo não é uma doutrina única. Tem um cânon páli e vários mahāyānas, e a controvérsia sobre *dīpa* (ilha ou lâmpada, 2.9), sobre a mente luminosa (2.8) e sobre o “eu” de *tathāgatagarbha* (2.11) fica aberta dentro dele. A segunda: o diagnóstico é de *dukkha* nos cinco agregados tomados como meus, não da vida inteira (2.2), e a atenção é um dos oito membros do caminho (2.4). A terceira: o *kamma* é intenção e não é a única causa (2.7); o renascimento está na letra do cânon páli, e as leituras seculares dele ficam apontadas, não decididas (2.11).

A quarta: o silêncio do Buda é método e tem razões (2.8). A quinta: o Mahāyāna não é niilismo; a vacuidade é ausência de natureza própria, e o bodhisattva fica (2.11). A sexta: as palavras do budismo que lembram outras casas são palavras do budismo, com o sentido que o texto lhes dá: a “outra margem” (*pāra*), a corrente (*sota*), a inundação (*ogha*), a ilha ou lâmpada (*dīpa*), a mente luminosa (*pabhassara*), o caminho do meio, o refúgio (*saraṇa*) e a regra (*sīla*, *Vinaya*). Os capítulos 3 e 4 as tomam uma a uma.

3 ONDE NOS TOCAMOS

Este capítulo aproxima; não separa. Os toques, nome que a Ficha deu ao que as duas casas têm em comum, são aqui nove, e em cada um as três vozes entram uma de cada vez; o que é do estudo vai marcado. “Homônimo”, neste estudo, é a palavra que o cânon e o budismo escrevem igual ou parecido e entendem de modo diferente. As fronteiras ficam para o capítulo 4.

3.1 A impermanência e o Flumen

As duas casas olham um rio que passa, e é o toque mais evidente, o que mais pede letra.

O budismo diz, no *Dhammapada* (*Dhp*) 277, que todas as condições (*saṅkhārā*) são impermanentes (*aniccā*; ver 2.3). Nas últimas palavras do Buda, no *Mahāparinibbāna Sutta*, do *Dīgha Nikāya* (*DN*) 16, a marca se junta à tarefa: “perseverem com diligência” (*DN* 16, 7.7; ver 2.9); *appamāda* é a diligência. No *Saṃyutta Nikāya* (*SN*) 12.21, a origem dependente (*paṭiccasamuppāda*) dá a gramática do “isto” e do “aquilo” (ver 2.3); ler daí “nada surge só” é do estudo [leitura do estudo]. E Nāgārjuna, na *Mūlamadhyamakakārikā* (*MMK*), diz que o que surge em dependência é vacuidade (*MMK* XXIV, 18; ver 2.11).

Ouve-se também o rio do budismo ao lado do de Heráclito, que Platão resume assim: “compara as coisas à corrente de um rio e diz que não se pode entrar duas vezes na mesma água” (*Crátilo* 402a) [V-en: Jowett; tradução do estudo]. É comparação sem intérprete nomeado que a sustente com obra e página [tese a confirmar]; nenhuma frase do cânon nem dos Estudos VII a XIII a faz.

O cânon responde com a letra que tem. O rio é “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações” (Cânon v1.2, “Origem”) e “um rio que não para de correr” (Catecismo, 2). A Ficha dizia “impermanência” e “mundo em fluxo”; a letra tem rio e fluxo, mas não essas duas expressões. O Flumen é pertencimento: “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II). O único interlocutor do fluxo que o cânon nomeia é Heráclito (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”).

O estudo lê o parentesco assim: a estrutura é próxima e a conclusão é outra. Nos dois lados nada começa sozinho; para Nāgārjuna, por isso nada tem natureza própria; para o cânon, por isso cada um deve ao rio, e a prática do Flumen pergunta “o que recebi que me trouxe até aqui? O que estou deixando para quem vem depois?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II) [hipótese do estudo]. Que a impermanência budista alcance o próprio eu é fronteira do capítulo 4.

Do lado do budismo, a marca termina no desencanto e na diligência; do lado do cânon, o Pilar II termina na gratidão e no legado.

3.2 A atenção e a presença do Corpus

Cada casa tem uma disciplina de estar onde se está.

No *Satipaṭṭhāna Sutta* (“Discurso dos Fundamentos da Atenção”), do *Majjhima Nikāya* (*MN*) 10, o budismo diz que esse é o *ekāyano maggo*, o caminho “numa só direção” (ver 2.4). O refrão dos quatro fundamentos (corpo, sensações, mente, *dhammas*) manda permanecer “observando o corpo no corpo” (*MN* 10, refrão; ver 2.4). *Sati*, a palavra, traduz-se hoje por “atenção plena” ou *mindfulness*. Bhikkhu Bodhi, na tradição, lembra que *sati* significou originalmente “memória” e previne contra uma compreensão redutora da prática (ver 2.4) [V-en: resumo do artigo de Bodhi; paráfrase].

Do cânon vem a palavra “presença”. O Pilar IV a define: “Presença: estar inteiro onde o corpo está”, e a prática é “dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa. Sem tela, sem multitarefa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV). O Catecismo explica: “Quem almoça olhando para uma tela tem o corpo à mesa e a atenção em outro lugar; presença é reunir os dois” (Catecismo, 18). O contrário da presença, na letra, é a tela e a reação: “O dia inteiro teve gosto de reação, não de presença” (Meditações Práticas, “O Acender da manhã”).

A Ficha dizia: “o Corpus e o *sati* recusam a vida no automático”. A letra não tem “atenção plena” nem “*sati*”; “automático” só ocorre em outro sentido, a culpa “quase automática” de quem não produz (Meditações Práticas, “O sabbath do fluxo”).

O estudo deixa duas hipóteses. O verbo do cânon mais próximo da etimologia de *sati* é recordar: “antes de lembrar quem estava respondendo” (Meditações Práticas, “O Acender da manhã”). E a direção parece diferir: a atenção do sutta observa sem agarrar-se, a presença do cânon habita o corpo para celebrar [hipótese do estudo].

Estar onde se está é trabalho nas duas casas; o que se faz com o estar fica em aberto.

3.3 O espelho de Rāhula e o Examinar

Um exame feito antes e depois do ato, ou ao fim do dia, é o toque mais bem amarrado ao texto.

No *Ambalaṭṭhikārāhulovāda Sutta* (“Exortação a Rāhula em Ambalaṭṭhikā”, *MN* 61, §§ 8–18; ver 2.4), o budismo manda refletir antes, durante e depois de agir, e o que 2.4 não disse é o tom: diante de um ato da mente que leva a dano, o sutta fala de “horrorizar-se, repugnar-se, enojar-se” (*MN* 61, § 17.6) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. Nenhum intérprete conferido põe *MN* 61 ao lado de um exame laico [tese a confirmar].

O cânon responde com o Examinar. O Pilar I o prescreve “em duas perguntas: onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou? Cinco minutos bastam” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I); a Regra de Vida acrescenta o fecho: “Encerrar com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”). Não é “o exame de um juiz severo”, mas o de quem revisita o rio do dia “com honestidade e sem crueldade”

(Meditações Práticas, “O Examinar da noite”). Ele “não acende a luz nem a produz: revela onde ela ficou coberta” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”).

O estudo propõe, como hipótese forte: nas duas casas há um olhar de volta sobre o que se fez, com o dano e o bem à vista [hipótese do estudo]. O cânon tem perguntas em três tempos: antes das decisões (“o que recebi…?”), diante da mudança (“que mensagem carrego através disto?”, Cânon v1.2, “Regra de Vida”) e ao fim do dia. Nenhuma é, porém, antes, durante e depois do mesmo ato, e a imagem do espelho não tem letra [leitura do estudo].

O Examinar encerra o dia com gratidão, e a decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX fez dela o lugar da dívida aos mortos. A decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII diz que “o Examinar é o que a irreflexão dispensa”; que isso ponha o Examinar ao lado do refletir antes de agir do sutta é leitura do estudo, e a letra do Examinar é do fim do dia [leitura do estudo]. O registro também difere: de um lado “horrorizar-se”, de outro “honestidade e sem crueldade”. O estudo não lê a repugnância do sutta como crueldade e não decide entre os dois registros.

O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bf)) se o espelho de Rāhula fica ao lado do Examinar como leitura ou como glossário; se for glossário, a palavra “espelho” ou “refletir” entraria no glossário do Examinar, que hoje a não traz.

Nas duas casas se olha de volta; o que se espera de quem olha é o que difere.

3.4 O apego e a lamparina de museu

As duas casas conhecem a ferida de agarrar o que passa.

Sobre o desejo, o budismo diz, no *Dhammacakkappavattana Sutta* (“Discurso da Roda do Dhamma em Movimento”, *SN* 56.11), que a origem do *dukkha* (o sofrimento) é *taṇhā*, o desejo, “comprazendo-se aqui e ali” (*SN* 56.11, § 4.4; ver 2.2), e que a cessação é “o desvanecer e a cessação” desse mesmo desejo (*SN* 56.11, § 4.7; ver 2.2). Mas distingue o desejo que é raiz do querer que é impulso: o esforço correto “gera entusiasmo” (*chandaṁ janeti*; *SN* 45.8) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo], e *chanda* é o querer que move.

A tradição lê *chanda* como moralmente variável, segundo Bodhi [V via secundária: *Wikipédia*], e Anālayo (*From Craving to Liberation*) vê no excesso dele causa de inquietação [V-en: Anālayo; paráfrase]. O português cobre as duas coisas com “desejo”: é um homônimo a ter à vista.

A resposta do cânon é a Mutatio. A virtude é “Disponibilidade: prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III), e o Catecismo a explica: “A pessoa disponível não se agarra ao que o rio leva e está pronta para o que ele traz” (Catecismo, 15). A Ficha dizia que a Mutatio “ecoa o diagnóstico do apego como raiz do sofrer”. A letra diz outra coisa: “apego” ocorre três vezes, sempre como “apego ansioso ao que passa”; “desapego”, “desejo” e “soltar” não ocorrem; e “sofr*” não

ocorre no Cânon, no Catecismo, nas Meditações Práticas nem nos Tratados da Luz Interior e das Águas Comuns.

Há, porém, uma ferida de retenção que o cânon conhece: “Uma filosofia que só protege a própria luz vira lamparina de museu” (Cânon v1.2, “O Abrigo”). “Entregar” ocorre oito vezes, pela contagem do estudo. O estudo propõe, como hipótese: a luz retida é a ferida do cânon, e não o desejo; e a cura que ele diz é entregar, não soltar: “a luz de cada um, entregue às águas de todos” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) [hipótese do estudo]. E *taṇhā* contra *chanda* ajuda a não ler a Mutatio como desapego: ela é “vocação”, nome da mudança, e não um querer da pessoa [hipótese do estudo].

Em ambas as casas há uma ferida que o gesto de reter parece nomear [hipótese do estudo]; soltar e entregar são dois gestos, e é entre eles que o capítulo 4 volta a trabalhar.

3.5 *Mettā* e o Abrigo

Uma casa que se oferece é o toque de dever para com o outro.

O budismo diz, no *Karaṇīyamettā Sutta*, do *Suttanipāta* (*Sn*) 1.8, que a *mettā*, a benevolência, é um “coração sem limites” por “todas as criaturas” (ver 2.6). Ao seu lado ficam *karuṇā* (a compaixão), *muditā* (a alegria com o bem alheio) e *upekkhā* (a equanimidade), as quatro moradas (*brahmavihāra*), que o *Aṅguttara Nikāya* (*AN*) 3.65, § 42, lista (ver 2.6).

O cânon responde com o Abrigo. “Sê casa para o outro. A luz interior não é só para ver — é para aquecer. […] Quem vive o Lumen Fluens se compromete a ser lugar seguro no rio: braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só, confidência para quem precisa de um coração que segure o seu” (Cânon v1.2, “O Abrigo”). A Ficha dizia “compaixão (*mettā*)” e “a interioridade que transborda em cuidado”; o páli separa *mettā* de *karuṇā*, e a letra não tem “compaixão” nem “transborda”: tem casa, braços, lugar seguro, aquecer, oferecer.

A ligação entre interioridade e Abrigo existe, com outro verbo: a interioridade “é o que há para entregar” (Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve”). O Abrigo oferece e pode revelar, mas não fabrica: “o olhar do outro não a cria, mas pode ser o primeiro a vê-la” (Catecismo, 31). O dever é dito com um adjetivo: “há uma luz devida ao outro” (Catecismo, 36). A frase vem na resposta sobre o lobo; que justiça se deve a ele fica aberto até o tratado da justiça (ver 7.3, questão (g)), e este capítulo não a toca.

Fica para o capítulo 4 a nota de alcance: *mettā* vai a “todas as criaturas”; a letra do Abrigo diz “a quem chega até nós”; e a decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII diz que o Abrigo “não vai até a substituição” (ver 4.6). Homônimo: o “lugar seguro” do Abrigo é oferecido a quem chega; o “refúgio” (*saraṇa*) do budismo é o que se toma nos Três Refúgios, o Buda, o *Dhamma* (o ensinamento) e a *Saṅgha* (a comunidade) [paráfrase; localização a confirmar]. As duas palavras não se confundem [leitura do estudo].

A casa e o coração sem limites são ofertas parecidas; as medidas de cada uma, não.

3.6 O bodhisattva e a lamparina posta no rio

Um budismo que fica na corrente por causa dos outros é o que a Ficha deixou fora de conta.

O budismo diz, em sânscrito, pela voz de Śāntideva no *Bodhicaryāvatāra* (*BCA*), que o bodhisattva, quem faz o voto de despertar pelos outros, oferece a balsa, o barco, a ponte, a ilha e a lamparina aos que desejam cruzar (*BCA*, Makara III, 18–19 (sânscrito 3.17–18); ver 2.11), e pede para permanecer enquanto houver seres (*BCA*, Makara X, 55 (sânscrito 10.55); ver 2.11). No sânscrito, "ilha" e "lamparina" são uma só palavra, *dīpa*, a mesma de *DN* 16, 3.26 (*attadīpā*); o estudo declara as duas leituras, "ilha" e "lâmpada", sem decidir (ver 2.9).

A razão da troca de si pelo outro vem antes: o "eu" nasce do hábito (*BCA*, Makara VIII, 111–112) [V-skt; V-pt: Makara; paráfrase]. A prática de trocar os termos "eu" e "outro" é a de VIII, 120 (ver 2.11).

Na tradição tibetana, Tsongkhapa, citando Kamalaśīla, nomeia essa permanência: a "única causa do nirvana não-assentado" é "a grande compaixão" (ver 2.11). Por isso o estudo não diz que o bodhisattva "adia" o despertar: a letra pede que ele permaneça [leitura do estudo].

A lamparina posta no rio é a resposta do cânon: "A imagem deste elemento é a lamparina posta no rio: a luz de cada um, entregue às águas de todos — e por elas levada mais longe do que qualquer um iria sozinho" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"). A Ficha dizia: "não queremos sair do rio — queremos atravessá-lo portando mensagem". A letra não tem "desembarcar" nem "outra margem"; "atravessar" só nas Meditações Práticas.

O estudo propõe, como hipótese forte, que o bodhisattva que oferece aos outros o meio da travessia e permanece está mais perto da lamparina posta no rio do que do "desembarcar" da Ficha, e que isso corrige a fronteira "navegar vs. desembarcar" [hipótese do estudo].

Homônimos: a "outra margem" de Śāntideva (*pāra*) não é a margem do cânon, que é dentro do rio; a lamparina oferecida a quem a deseja não é a Lux nem lhe dá nome; a troca de si pelo outro é medida no capítulo 4, depois da decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII (ver 3.6). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bi)) se esse bodhisattva fica ao lado da lamparina como leitura, e se a Ficha troca "navegar vs. desembarcar" por uma fronteira mais fina.

O bodhisattva que permanece e a lamparina entregue dizem coisas vizinhas, antes de dizerem aonde [hipótese do estudo].

3.7 A mente luminosa e “a luz não se acende — ela se revela”

Uma luz que já estava ali, coberta, é o toque de estrutura que mais exige cuidado.

Do budismo vem a frase do *Aṅguttara Nikāya* (*AN*) 1.49–52: *pabhassaram idaṁ, bhikkhave, cittaṁ*, “luminosa, monges, é esta mente” (ver 2.8). Num trecho ela está maculada por máculas que “chegam de fora”; no seguinte, libertada delas.

A tradição lê o trecho sem consenso, e a letra não diz “natureza” nem “Buda”. Anālayo entende a luminosidade como potencial a cultivar, e não como “uma natureza inerente já existente” (ver 2.8) [V-en: Anālayo; tradução do estudo]. A natureza de Buda (*tathāgatagarbha*) vem de outra linha: o *Tathāgatagarbhasūtra* diz que todos os seres “contêm um tathāgata” (ver 2.11), e o *Mahāparinirvāṇa Sūtra* (Taishō 374, obra diferente do *Mahāparinibbāna Sutta* de 3.1) a diz “eu” (ver 2.11).

A letra do cânon está no Pilar I: “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). O Tratado da Luz Interior diz o que a frase decide: “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar — inclusive ao olhar de quem a possui” (Tratado da Luz Interior, “Definição”), e que a luz “pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”). E de manhã: “Acender não é criar algo novo em você; é parar de fingir que não existe” (Meditações Práticas, “O Acender da manhã”).

O estudo registra o toque como de estrutura na leitura que vê a luminosidade como presente e encoberta; na leitura de Anālayo, a mente é potencial a cultivar, e o toque não se sustenta [leitura do estudo]. A fronteira, dita aqui e medida no capítulo 4: no cânon páli a mente luminosa não é dita um eu, no *Mahāparinirvāṇa Sūtra* a natureza de Buda é dita “eu”, e a Lux, em qualquer dos casos, é de cada pessoa e fica sem nome [leitura do estudo].

A série já fixou um padrão: o sol de Platão é estrutura, e o Bem não é nome da Luz (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X); o intelecto agente “como a luz” é “estrutura, nunca nome da Luz” (decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI). O estudo não faz da mente luminosa nem da natureza de Buda um nome da Luz. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bg)) se o toque de estrutura entra como leitura, com a fronteira (sem eu, de alguém) dita na mesma frase.

Revelar e descobrir são verbos vizinhos; de quem é a luz, é o que o verbo não diz.

3.8 O Kālāma e a Bússola

Conhecer por si, antes de entrar, é um toque de método.

No *Kālāma Sutta* (*AN* 3.65; ver 2.8), o budismo põe o critério em conhecer por si (*attanāva jāneyyātha*) o que é hábil e o que é inábil, e a medida é ética: a cobiça, o ódio e a ilusão levam ao dano, e o contrário deles ao bem. Entre o que se reconhece como hábil está o que é “louvado pelos sábios” (*viññuppasatthā*; *AN* 3.65, §§ 26.2–26.3) [V-pi; paráfrase].

A tradição corrige a leitura abusiva. Bodhi observa que o rótulo “Carta do Livre Exame” é problemático, que os Kālāmas ainda não eram discípulos, que a passagem “foi dita num contexto específico” e que o sutta conduz, por fim, à confiança no Buda como mestre (ver 2.8) [V-en: ensaio de Bodhi no Acesso ao Insight; tradução do estudo].

Do lado do cânon está a Bússola, cuja pergunta é uma só: “a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair? Se a resposta é não, não vou” (Cânon v1.2, “A Bússola”). Ela “não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Cânon v1.2, “A Bússola”). E a decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X diz: “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa” (ver 4.9).

O estudo lê assim: nas duas casas há um conhecer por si antes de aceitar; no sutta ele se apoia também no que os sábios louvam e termina na confiança no Buda, e no cânon o veto é a própria Luz na pessoa, sem voz externa [hipótese do estudo]. Pela correção de Bodhi, o sutta não é licença de livre exame doutrinal, e o estudo não o lê assim; o critério dele é ético, e o da Bússola é “a luz está lá?”, que veta e não escolhe. Só o fundador altera a doutrina. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bm)) se o *Kālāma Sutta* fica ao lado da Bússola como leitura.

Conhecer por si, antes de entrar: o que se pede a quem permanece é outra conversa.

3.9 As perguntas não respondidas e a origem em aberto

Duas casas deixam sem resposta o que não decidem por ninguém; é um silêncio, e por isso o mais fácil de ler errado.

O budismo diz, no *Cūḷamāluṅkya Sutta* (*MN* 63; ver 2.8), que o Buda deixou sem declarar dez pontos (*avyākata*, os não declarados), e no *Ānanda Sutta* (*SN* 44.10; ver 2.8) que cala diante da pergunta sobre o eu. A razão, ele a dá a Ānanda: se dissesse que o eu existe, isso não favoreceria o conhecimento de que “todas as coisas são não-eu” (*SN* 44.10, 3.5–3.7); se dissesse que não existe, Vacchagotta ficaria ainda mais confuso (*SN* 44.10, 3.8–3.9) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. A tradição lê: Thanissaro vê no silêncio a recusa de tomar a pergunta [V-en: Thanissaro; paráfrase]; a divisão moderna sobre o não-eu é do capítulo 4.

O cânon responde com a independência confessional: “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). E o Tratado da Luz Interior chama a origem de “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto, respeitando a independência confessional” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). Sobre o depois, a letra também cala: “morte” e “morrer” não ocorrem; o renascimento, voz do budismo, não encontra nela afirmação nem negação, e o capítulo 4 declara a fronteira sem decidir [leitura do estudo].

O silêncio tem forma parecida nas duas casas, e o estudo marca as duas razões de calar como diferentes. O Buda cala porque a pergunta não leva à cessação e porque qualquer resposta alimentaria uma visão; o cânon cala porque a filosofia não decide por ninguém [hipótese do estudo]. O estudo não faz desse silêncio um ateísmo budista nem uma ponte para o cânon; segue o procedimento dos anteriores: “A letra autoriza quem crê a dar à Luz o nome da sua fé; não autoriza o estudo a dá-lo” (Estudo XII, Prólogo).

Nove toques, e em nenhum a Luz ganhou nome. O que fica em cada casa, quando o toque acaba, é o assunto do capítulo 4.

4 ONDE NOS SEPARAMOS

O capítulo 3 mostrou onde a letra do cânon e a do budismo se tocam; este mostra onde se separam, sem diminuir nenhuma das duas. Cada fronteira vem com o que o budismo diz, o que a tradição lê e o que o cânon responde; onde ele cala, o estudo diz que cala. As perguntas ao fundador vêm em parágrafos próprios. O cânon não é budista nem antibudista: o renascimento, o *kamma* (a ação e o seu fruto) e o refúgio entram aqui na voz do budismo, como material.

4.1 O não-eu e a luz pessoal

Esta seção marca a fronteira central do estudo, e começa por dizer que a própria casa do budismo não concorda sobre o que o não-eu ensina.

O budismo diz, no *Saṃyutta Nikāya* (*SN*) 22.59, o *Anattalakkhaṇa Sutta* (o sermão das características do não-eu), que cada agregado é não-eu (*anattā*) porque não se deixa comandar, e que a prática é ver tudo como "isto não é meu" (§§ 2 e 6–7; ver 2.3) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. A letra diz que cada agregado é não-eu; que "não existe eu" é conclusão da tradição. Perguntado por Vacchagotta se há um eu, o Buda se cala (*SN* 44.10, *Ānanda Sutta*; ver 2.8): dizer que há o poria entre os eternalistas e não favoreceria o conhecimento de que tudo é não-eu (3.5–3.7); dizer que não o poria entre os aniquilacionistas e deixaria Vacchagotta mais confuso (3.8–3.9) [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase].

A tradição lê de modos que não se somam. Walpola Rahula é a referência de quem lê que o Buda negou o eu: para ele o budismo é "único na história do pensamento humano ao negar a existência de tal Alma, Eu ou *Ātman*" (*What the Buddha Taught*, cap. VI) [V-en: Rahula, cap. VI; tradução do estudo]. Mark Siderits lê a pessoa como a carruagem do *Milindapañha*: "enquanto o carro é, em última instância, irreal, ele é convencionalmente real" (*Personal Identity and Buddhist Philosophy*) [V-en: Siderits; tradução do estudo]. Thanissaro Bhikkhu lê o contrário no ponto decisivo: "o ensinamento do *anattā* não é uma doutrina de não-eu, mas uma estratégia de não-eu para se livrar do sofrimento" ("No-self or Not-self?") [V-en: Thanissaro; tradução do estudo].

Steven Collins lê a negação do eu como um tabu linguístico (*Selfless Persons*), e Peter Harvey observa que tal Eu não é explicitamente negado (*The Selfless Mind*) [V via secundária: pesquisa de fontes do estudo; paráfrase].

Dentro do budismo a divisão continua. Os personalistas (*pudgalavāda*, ver 2.11), que num tempo reuniram a maioria da *saṅgha* fora do Mahāyāna, diziam a pessoa (*pudgala*) nem idêntica aos agregados nem separada deles [V via secundária: Priestley]. No Mahāyāna, Nāgārjuna diz que o Buda ensinou "eu", ensinou "não-eu" e ensinou nem um nem outro (*Mūlamadhyamakakārikā* (*MMK*) XVIII, 6; ver 2.11) [V-skt; V-en: Garfield;

paráfrase]; o *Mahāparinirvāṇa Sūtra* (Taishō 374; ver 2.11) diz “eu” da natureza de Buda (*tathāgatagarbha*) [V-zh; tradução do estudo]. O estudo declara a divisão e não escolhe lado [leitura do estudo].

O cânon responde pela letra: “O valor de cada pessoa é intrínseco” (ver 3.7); “eu sem a minha luz sou uma mentira” (Cânon v1.2, “A Bússola”); “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). “Individual” nomeia “o fechamento, não a singularidade” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”). A oposição do cânon é entre aberto e fechado, e não entre eu e não-eu; sobre a natureza do eu ele não tem tese, só sobre o seu valor e a sua integridade.

A Ficha dizia “núcleo pessoal” e “agregados sem eu” [Ficha, não cânon], e a letra diz outra coisa: “núcleo” é palavra só do Tratado da Luz Interior (“a pessoa possui um núcleo que não é feito daquilo que ela produz, conquista ou acumula”, “Definição”), e “agregados” não ocorre. Que a pessoa, de manhã, no Acender, “ainda não é ninguém — não é o cargo, não é a lista de mensagens não lidas” (Meditações Práticas, “O Acender da manhã”) dissolve papéis, e não a nega [leitura do estudo].

O budismo tem uma prática de ver “isto não é meu” sobre tudo o que há na pessoa; o cânon diz “a minha luz” e “cada pessoa”, e não diz se a Lux é um agregado ou outra coisa. Se Siderits tem razão, o “possui” do Tratado seria ainda um tomar por meu, embora o Tratado distinga “posse” de “transparência” (“Objeção provável e resposta breve”); se Thanissaro tem, o sutta não decide o ponto. Os personalistas não se confundem com o personalismo de Mounier que o Tratado das Águas Comuns ouve, e o estudo não os aproxima do cânon além da palavra “pessoa” [leitura do estudo].

A mente luminosa pede o mesmo cuidado. O sutta diz que “luminosa […] é esta mente”, maculada por máculas que vêm de fora (*Aṅguttara Nikāya* (*AN*) 1.49–52; ver 2.8) [V-pi; V-en: Thanissaro; tradução do estudo]. Lida como luminosidade presente e encoberta, tem paralelo na letra, porque a luz pode estar “plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”). Anālayo a lê como potencialidade que exige cultivo, “e não um retorno a uma natureza inerente” [V-en: Anālayo; tradução do estudo], e nessa leitura ela fica do lado de acender, e não de revelar [leitura do estudo].

No cânon páli a mente luminosa não é dita um eu; no *Mahāparinirvāṇa Sūtra* a natureza de Buda é dita “eu”; a Lux, em qualquer dos casos, é de cada pessoa e fica sem nome (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) [leitura do estudo]. Nem a mente luminosa nem a natureza de Buda viram nome da Luz, como a série não fez do sol de Platão (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X: “o Bem não é nome da Luz”) nem do intelecto agente “como a luz” (decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI: “estrutura, nunca nome da Luz”).

Questão aberta (bg): o toque de estrutura entre a mente luminosa e “a luz não se acende — ela se revela” entra como leitura, com a fronteira dita na mesma frase (sem eu no cânon páli; a Lux é de alguém)? Se entra, ao custo de lembrar que Anālayo a lê como cultivo; se não, fica como nota.

Resta a vacuidade, que a Ficha pôs em face da dignidade. Nāgārjuna diz que a vacuidade (*śūnyatā*) é a ausência de natureza própria (*svabhāva*) de tudo o que surge em dependência, e que ela é “o caminho do meio” (*MMK* XXIV, 18; ver 2.11) [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]: não é ausência de existência, e quem a toma por nada se fere com ela (*MMK* XXIV, 7) [V-skt; V-en: Garfield; paráfrase]. A Ficha lia “dignidade vs. vacuidade” [Ficha, não cânon] como se o vazio negasse valor; Nāgārjuna recusa essa leitura, e o único “vazio” doutrinal do cânon é a hipótese que o Tratado da Luz Interior rejeita, “um vazio que precisa ser preenchido por mérito, esforço ou reconhecimento externo” (“Definição”), o contrário da Lux. A fronteira que sobra é outra: o cânon diz “intrínseco” do valor, Nāgārjuna diz que nada tem natureza própria, e valor e natureza são coisas diferentes [leitura do estudo].

Questão aberta (bl): a Ficha reescrita troca dignidade × vacuidade por “valor intrínseco de cada pessoa × ausência de natureza própria de todas as coisas”? Se não, a Ficha segue lendo a vacuidade como negação de valor, o que Nāgārjuna recusa.

Do lugar da luz na pessoa passa-se ao lugar do próprio rio, onde as duas casas usam palavras parecidas para coisas diferentes (4.2).

4.2 A outra margem e a margem

O budismo tem a outra margem, o cânon tem a margem, e as duas não são a mesma coisa: é o homônimo mais perigoso do estudo, palavra parecida que as duas casas entendem de outro modo.

A palavra “margem” ocorre 24 vezes no corpus do cânon, e “outra margem” nenhuma. Em todas as 24 a margem é posição dentro do rio, e nunca chegada: o lugar do retiro, onde “a margem também é rio” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”); onde a folha “parou” e o rio a retoma (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”). A decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII fez do critério do Tratado o glossário da margem, “estar consigo”: “Quem atraca está consigo, não desolado, e continua no rio” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”).

O budismo diz o contrário na mesma imagem. Na jangada do *Majjhima Nikāya* (*MN*) 22 (ver 2.5), o *Dhamma* serve “para atravessar”, e a outra margem é *pāra*, o fim da travessia. São poucos os que cruzam para a outra margem (*Dhammapada* (*Dhp*) 85; *Sutta Nipāta* (*Sn*) 5.18; ver 2.9). Em Nāgārjuna a outra margem não é outro lugar: entre a existência cíclica e o nirvāṇa não há “a menor diferença” (*MMK* XXV, 19; ver 2.11) [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo].

A letra do cânon não traz fim do rio nem lugar de chegada; o verbo é “navegar”, e sobre o depois ela cala. A correnteza arrasta quem resiste (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III), e não é caminho de saída; o rio é “o fluxo do tempo” (ver 3.1). Em *Dīgha Nikāya* (*DN*) 16, 3.26, *attadīpā viharatha* traz *dīpa*, ilha ou lâmpada, sem decidir (ver 2.9): Sujato, Thanissaro e Vajira–Story traduzem “ilha” [V-pi; V-en: Sujato; Thanissaro; Vajira–Story], e a leitura de Walshe em *DN* 16 e a “lâmpada” de Rhys Davids ficam [tese a confirmar]. A lamparina do cânon, “posta no rio”, não traduz *dīpa* nem se apoia em *DN* 16 [leitura do estudo].

O estudo nunca escreve “margem” para o nirvāṇa sem “outra”, nem junta as duas sem dizer que são duas. “Poucos cruzam” (*Dhp* 85) toca ainda a fronteira da série, “nenhuma pessoa está fora da Lux” (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII), que o Estudo XIII, 5.9, registra como não estendida às casas do Oriente: questão (bj).

Questão aberta (bh): o fundador quer uma nota no glossário da margem? Se quer, o glossário ganha a frase “a margem do cânon não é a outra margem”, que o estudo propõe e a letra não traz; se não, o homônimo fica dito aqui e no Prólogo.

A margem fica dentro do rio; resta ver o que se faz nele, cessar ou portar (4.3).

4.3 A cessação e o portar

A Ficha opôs navegar a desembarcar, e o que resta, depois de corrigi-la, é a direção da travessia.

O budismo diz, em *SN* 56.11 (*Dhammacakkappavattana Sutta*), que o que cessa é o desejo (*taṇhā*) (§ 4.7; ver 2.2), e o Buda recusa a acusação de ensinar a destruição do ser (*MN* 22, 37.5; ver 2.5) [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase].

O cânon responde: “viver bem é manter a luz acesa enquanto se navega o fluxo: não resistir à mudança nem ser arrastado por ela, mas portá-la como mensagem” (Cânon v1.2, “Origem”). Portar não é suportar: “suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz” (Catecismo, 14). A Ficha dizia “navegar vs. desembarcar: não queremos sair do rio — queremos atravessá-lo portando mensagem” [Ficha, não cânon]; “desembarcar” e “travessia” têm zero ocorrências, “atravessar” só nas Meditações Práticas, e “portando” é a forma da Ficha: a letra da Origem é “portá-la como mensagem”. Não sair do rio a letra sustenta (“continua no rio”; ver 4.2); o contraste com desembarcar é da Ficha.

A correção vem do próprio Mahāyāna (ver 3.6). Śāntideva faz o voto de ser balsa, barco e ponte para os que desejam cruzar para a outra margem, e lamparina para os que desejam luz (*Bodhicaryāvatāra* (*BCA*), Makara III, 18–19, sânscrito 3.17–18; ver 2.11) [V-pt: Makara], e pede para permanecer enquanto houver seres sencientes (Makara X, 55, sânscrito 10.55; ver 2.11) [V-pt: Makara]. Na tradição tibetana, “a única causa do nirvana

não-assentado” é “a grande compaixão”, diz Tsongkhapa citando Kamalaśīla (ver 2.11) [V-en: Lamrim Chenmo; tradução do estudo].

A fronteira que resta é de direção. O bodhisattva fica para que os outros cheguem à outra margem: o barco e a ponte são para quem a busca (*pārepsūnām*, sânscrito 3.17) [V-skt]. A lamparina do cânon é “entregue às águas de todos” (ver 3.6), sem lugar de chegada. Em Makara III, 18–19, “ilha” e “lamparina” correspondem a uma só palavra do sânscrito, *dīpa*, ilha ou lâmpada, sem decidir (ver 2.9) [V-skt].

Questão aberta (bi): o bodhisattva que permanece pelos outros, ao lado da lamparina posta no rio, entra como leitura, e a Ficha troca a oposição navegar × desembarcar pela direção da travessia? Se sim, o capítulo 6 corrige a Ficha; se não, ela fica com a ressalva de que “desembarcar” não é letra de nenhuma das duas casas.

Ficou dito o que a travessia pede; falta dizer o que o rio é para quem nele sofre (4.4).

4.4 *Dukkha* e a noite

O budismo e a Vigília diagnosticam coisas diferentes, e convém dizer primeiro o que o cânon não diz.

O budismo diz, em *SN* 56.11, que os “cinco agregados tomados com apego” são sofrimento (*dukkha*) (§ 4.2; ver 2.2) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. O alvo não é a vida inteira, mas os agregados tomados como “meus”, e a origem é o desejo (*taṇhā*) [leitura do estudo]. Uma leitura corrente da tradição, de que o estudo não conferiu o autor, distingue três modos de *dukkha*, e a impermanência do que é bom é um deles [tese a confirmar]. O budismo diz ainda que a dor tem duas flechas (*SN* 36.6; ver 2.2) [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase].

O cânon responde que o seu vocabulário é outro. “Sofr*” não ocorre (ver 3.4) fora do Tratado da Vigília, que a diz nas vozes de Jó, Boécio e Weil e uma vez na sua: “há escuridões que nenhuma bússola veta, e para quem as sofre ela nada prescreve” (“O problema que responde”). Quando diagnostica, o cânon diz noite: “a perda, a doença, o acaso que desaba” (Cânon v1.2, “A Vigília”). A Ficha dizia “o apego como raiz do sofrer” [Ficha, não cânon]; a letra diz “sem apego ansioso ao que passa” (ver 3.4). O cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite.

A fronteira tem três larguras. A de extensão: *dukkha* cobre os agregados e até o bom que passa; a noite é só o mal que ninguém causou, e a mudança, no cânon, é vocação (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III). A de explicação: o budismo dá causa e cura; a Vigília recusa explicar, porque “explicar o sofrimento é consolá-lo; logo, ele não deve ser explicado” (Weil, em Tratado da Vigília, “Fundamentação”), e o erro dos consoladores de Jó foi ler o sofrimento como pagamento de culpa. A explicação budista não é essa

retribuição: o *kamma* é só uma de oito causas (*SN* 36.21, 6.1–6.4; ver 2.7) [V-pi; V-pt via inglês: Beisert; paráfrase].

A de fim: a Vigília “promete presença, não vitória”, e não é esperança, “que olha para uma manhã que a luz não promete” (Tratado da Vigília, “Definição”); a terceira verdade promete cessação. Que a Vigília não prometa fim é fato da letra; o estudo lê nisso o que a separa de qualquer doutrina de cessação [leitura do estudo].

O Estudo XIII, 5.9, registra que a decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI (“padrão para os clássicos que virão”) e a n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII (“nenhuma pessoa está fora da Lux”) não foram estendidas às casas do Oriente. A n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII, que diz a mesma frase também diante da superfluidade, é a terceira fronteira da série, e nenhuma das três foi estendida ao Oriente [leitura do estudo].

Questão aberta (bj): as fronteiras da série e o Oriente. “Nenhuma pessoa está fora da Lux” diz-se também diante do renascimento, do *kamma* e da desigualdade e de “poucos cruzam” (*Dhp* 85)? E “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” entra como fronteira da série ou fica só deste estudo?

Do diagnóstico passa-se ao ato: o que conta como mal feito (4.5).

4.5 O *kamma* e o lobo

O budismo e o cânon medem o mal feito por critérios diferentes, e o espelho de Rāhula é posto diante do Examinar, para a pergunta (bf).

O budismo diz que *kamma* é a intenção (*AN* 6.63; ver 2.7), e o ato de verdade de Aṅgulimāla assenta em *sañcicca*, “intencionalmente” (*MN* 86, 15.6; ver 2.7) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. O espelho de Rāhula (*Ambalaṭṭhikārāhulovāda Sutta*, *MN* 61, §§ 8–18; ver 2.4) mede o ato pelo dano a si, ao outro ou a ambos, e não só pela intenção [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase].

O cânon responde: “O lobo é o mal que alguém inflige, e é lobo quem o inflige, com ou sem intenção; a irreflexão não é noite” (Tratado da Vigília, “Definição”; igual em Catecismo, 35). A decisão n.º 5 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII fixou o mesmo; a n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX, que “a fronteira entre noite e lobo passa pelo ato, não pela pessoa”; a n.º 9 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII, que “o dano que não se quis entra no Examinar”.

O estudo partia da fórmula de que o budismo pesa a intenção e o cânon o ato, e *MN* 61 não a deixa de pé [hipótese do estudo]: o budismo usa *kamma* para o que conta como ação com fruto para quem a faz, e olha também o dano; o cânon usa lobo para o mal que alguém inflige, “com ou sem intenção”. Que justiça se deve ao lobo é a questão (g), aberta até o tratado da justiça [leitura do estudo].

O Examinar tem duas perguntas, “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”, e o fecho de gratidão a “alguém do passado que tornou o dia possível” (Cânon

v1.2, “Os Quatro Pilares”, I; “Regra de Vida”). “Espelho” e “refletir” não ocorrem. Há perguntas em três tempos nas duas casas, mas no cânon nenhuma é antes, durante e depois do ato; mudam o objeto (o dano; a luz escondida e a que brilhou), quem ouve (o Mestre ou os sensatos; “em voz baixa ou numa frase escrita”, Meditações Práticas, “O Examinar da noite”) e o fim (a purificação; o fechamento) [hipótese do estudo].

Questão aberta (bf): o espelho de Rāhula (*MN* 61) entra ao lado do Examinar como leitura (refletir antes, durante e depois) ou como glossário? Se leitura, o capítulo 3 a registra; se glossário, a palavra “espelho” ou “refletir” entraria no glossário do Examinar, que hoje a não traz; se nenhum dos dois, o toque fica como nota.

O budismo diz que o ódio não se aplaca com ódio (*Dhp* 5; ver 2.6), e que o Buda detém o assassino Aṅgulimāla, que depois é acolhido (*MN* 86; ver 2.7). O cânon diz do lobo: “não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro” (Catecismo, 36). A Regra da Misericórdia é reflexiva, e o perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX).

Questão aberta (g): que justiça se deve ao lobo, e a Regra da Misericórdia tem parte nela? O estudo registra *Dhp* 5 e Aṅgulimāla como material do tratado, sem decidir; (g) segue aberta.

O estudo lê o *kamma* contra o determinismo (*SN* 36.21; *MN* 101, 3.5) e a favor da responsabilidade (*MN* 135, 5.1–5.3) [V-pi; V-en: Sujato; hipótese do estudo]; que a fronteira da série valha diante dele é parte de (bj), em 3.4.

Questão aberta (bk): o *kamma* e o lobo “com ou sem intenção” (decisão n.º 5 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII, que não se reabre): o estudo declara a fronteira acima, e a Ficha reescrita a registra, ou fica só no estudo? A questão (k), o mal estrutural, não encontra letra budista.

Do ato passa-se à serenidade de quem assiste (4.6).

4.6 A *upekkhā* e a Vigília que fica

O budismo distingue a equanimidade da indiferença, e só depois disso se pergunta o que a separa da Vigília.

O budismo diz que a equanimidade (*upekkhā*) é a quarta das moradas de Brahmā (*brahmavihāra*), com *mettā*, *karuṇā* e *muditā*: “com a mente acompanhada de equanimidade” (*upekkhāsahagatena cetasā*, *AN* 3.65, § 42) [V-pi; tradução do estudo]. Uma leitura corrente da tradição, de que o estudo não conferiu o autor, distingue-a da frieza: é a mente equilibrada que sustenta as outras três sem apego [tese a confirmar]. Śāntideva funda a compaixão em que “o sofrimento não tem dono” (*BCA* VIII, 101–102) [V-skt; V-pt: Makara].

O cânon responde que a Vigília fica: “ninguém ficará sem luz dentro da noite” (Cânon v1.2, “A Vigília”); “vela quem fica, passe a noite ou não” (Tratado da Vigília,

“Objeção provável e resposta breve”); e o Tratado, a propósito de Weil, “onde a mente não suporta ficar, a Vigília fica” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”). A Objeção III da Disputatio adverte que a Misericórdia sem gramática de culpa e de justiça “arrisca deixar de ser misericórdia e tornar-se indiferença moral disfarçada de serenidade”; a objeção fala da Regra da Misericórdia, não da *upekkhā*, e o estudo não as aproxima. O Abrigo é “lugar seguro no rio” (ver 3.5), e a decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII fixou que “não vai até a substituição”.

Nenhuma das duas fronteiras é “indiferença contra cuidado”, que seria caricatura. A primeira é de alcance: *mettā* desdobra “um coração sem limites” por todos os seres (*Sn* 1.8; ver 2.6), e o Abrigo é a quem chega. A segunda é de quem sofre: a compaixão de Śāntideva se funda em que não há dono do sofrimento, e a Vigília lê a noite “a partir de quem está nela” (Tratado da Vigília, “O problema que responde”). A troca de si pelo outro (*BCA* VIII, 120; ver 2.11) fica fora do Abrigo, que “não vai até a substituição” (decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII), e o Abrigo revela e nada exige (decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII) [leitura do estudo].

A Vigília fica e o Abrigo oferece; o corpo e o prazer são o assunto seguinte (4.7).

4.7 A renúncia, o caminho do meio e a celebração

A Ficha opôs celebração a renúncia; o primeiro sermão desfaz a oposição, e sobra uma fronteira mais fina.

O budismo diz, em *SN* 56.11, que há dois “extremos” a evitar, a indulgência nos prazeres dos sentidos e a automortificação, e que o caminho do meio (*majjhimā paṭipadā*) passa entre os dois (§§ 2 e 4.3; ver 2.2) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. O corpo não é negado, é observado: o *Satipaṭṭhāna Sutta* (*MN* 10; *DN* 22; ver 2.4) manda contemplar o corpo no corpo, “ardente, ciente e atento”, sem se apoiar em nada nem se agarrar a nada no mundo (*MN* 10, § 5.3) [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase].

O cânon responde com uma cópia literal: “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV). “O templo também dança” (Meditações Práticas, “A celebração maior”). A letra da celebração é “presença encarnada”, “idealmente com outros: a luz é para todo o mundo ver, não para consumo próprio” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”). “Renúncia” tem zero ocorrências, como “desapego” e “soltar” (ver 3.4), e o cânon não os recusa em lugar algum. O sabbath do fluxo é “meio dia sem produzir nada. Só ser”, e a decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI o fixa como não-ato, “não é contemplação”.

A Ficha dizia “celebração vs. renúncia: a transcendência passa pela matéria” [Ficha, não cânon]. A segunda metade é a letra; a oposição é da Ficha, e lê o caminho como se ele fosse só mortificação, quando o primeiro sermão recusa a mortificação e a indulgência. O

cânon não prescreve nem veta a renúncia; “meio” é ainda homônimo, pois no cânon é meio-dia ou instrumento, e o meio-termo é de Aristóteles (Estudo XI). A fronteira que sobra é de direção: o budismo observa o corpo para não se agarrar, e o cânon o habita para entregar [hipótese do estudo]. O budismo, em sua voz, poderia perguntar se a celebração do cânon toca o primeiro extremo; o cânon não tem resposta escrita a essa pergunta, nem o estudo a dá [leitura do estudo].

Depois do corpo vem o que está depois da vida (4.8).

4.8 O renascimento e o silêncio sobre o depois

Aqui a letra do cânon cala, e o estudo declara o silêncio sem decidir pelo leitor.

O budismo diz que o desejo leva a vidas futuras (*ponobbhavikā*) e que o renascimento (*jāti*) é sofrimento (*SN* 56.11, §§ 4.2 e 5.4; ver 2.2) [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase]. O renascimento (*punabbhava*) é parte do diagnóstico. No mesmo cânon páli, porém, o Buda deixa sem declarar se o Realizado (*Tathāgata*, o título que o Buda dá a si mesmo) existe depois da morte (*MN* 63, *Cūḷamāluṅkya Sutta*; ver 2.8) [V-pi; paráfrase].

O cânon responde com um fato da letra: “morte” e “morrer” não ocorrem no corpus. A Ficha III dizia “sobre o depois do rio, silêncio respeitoso” [Ficha, não cânon]; a frase é da Ficha, e não letra. O Tratado da Vigília diz que a luz não depende do fim para valer, e que quem crê “poderá ler uma manhã na fé que professa, quem não crê não a lerá, e a Vigília não depende de nenhuma das duas leituras” (“Segunda objeção”). O cânon não afirma nem nega o renascimento.

A fronteira declarada é só esta: o budismo inclui o renascimento no diagnóstico, e o cânon cala sobre o depois [leitura do estudo]. O estudo não decide pelo leitor. Que a frase “nenhuma pessoa está fora da Lux” se diga também diante do renascimento é a pergunta (bj).

Dito o silêncio sobre o depois, resta o refúgio que o budismo oferece e o culto que o cânon não tem (4.9).

4.9 O refúgio e a ausência de culto

O refúgio do budismo e o Abrigo do cânon têm nomes parecidos, e o *Kālāma Sutta* pesa contra a Bússola.

O budismo diz que se toma refúgio (*saraṇa*) no Buda, no *Dhamma* e na *Saṅgha* [paráfrase; localização a confirmar; a fórmula não foi conferida]. No *DN* 16 o Buda manda Ānanda viver com ilhas (ou lâmpadas: *dīpa*, sem decidir; ver 4.2) e tendo a si por refúgio (*attasaraṇā*, 3.26; ver 2.9). O estudo não faz do budismo um “ateísmo” nem decide se é religião ou filosofia: Rahula recusa o dilema: “não importa como se chame” (*What the Buddha Taught*, cap. 1) [V-en: Rahula; tradução do estudo].

O cânon responde com um homônimo. O Abrigo é “lugar seguro no rio” oferecido a quem chega (ver 3.5); “refúgio” só ocorre na voz de Mounier: “não persegue um refúgio, mas um reunir de forças” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”). A Ficha III dizia “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial” [Ficha, não cânon]; a frase não é letra.

O budismo diz, no *Kālāma Sutta* (*AN* 3.65; ver 2.8), que o critério é conhecer por si (*attanāva jāneyyātha*) o que é hábil e o que é inábil, e que a medida é ética. Bodhi corrige a leitura de “livre-exame”: os Kālāmas ainda não eram discípulos, o sutta omite a visão correta, e o que se confirma na experiência fundamenta a confiança no que a transcende (ver 2.8) [V-en: ensaio de Bodhi no Acesso ao Insight; paráfrase]. O critério do sutta inclui o que é “louvado pelos sábios” (*viññuppasatthā*) e termina na confiança no Buda [V-pi; tradução do estudo]. A Bússola “percebe o particular e veta” (decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI), e o veto é “a própria Luz na pessoa, sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X) [leitura do estudo].

Questão aberta (bm): o *Kālāma Sutta* e o veto da Bússola entram lado a lado como leitura, com a fronteira dita (o sutta leva à confiança no Buda; o veto é a própria Luz na pessoa, “sem voz externa”)? Se entram, com a correção de Bodhi; se não, ficam como notas.

Questão aberta (j): Moriá. O estudo não achou passagem budista que a toque, e o registra.

Do refúgio passa-se à Ficha, que juntou tudo isso numa lista (4.10).

4.10 A Ficha corrigida

A Ficha disse oito coisas que a letra não tem; o capítulo 6 as mede uma a uma, e aqui basta nomeá-las.

A Ficha dizia “impermanência” e “mundo em fluxo”; “atenção plena”, *sati* e “vida no automático”; “o apego como raiz do sofrer”; “compaixão (*mettā*)” e “transborda em cuidado”; “agregados sem eu”; “desembarcar”; “renúncia”; “vacuidade” em face de “dignidade” [Ficha, não cânon]. A letra de cada uma está em 4.1, 4.3, 4.4 e 4.7, e o capítulo 6 a mede. Nenhuma frase do corpus liga Heráclito ao Buda: é comparação que se ouve, sem intérprete nomeado que a sustente com obra e página [tese a confirmar]. Das quatro correções que o estudo propunha testar, três se confirmaram (4.1, 4.3, 4.7), e a quarta, Heráclito, ficou como comparação que se ouve.

A fórmula da série é “o Lumen Fluens aceita de X o A e recusa o B”, e há quatro candidatas. Primeira: “aceita do budismo o espelho e recusa a outra margem”; custa que pode ler-se como recusa do caminho do budismo, e o cânon não é antibudista, e que a palavra entra na fórmula, e não na letra, como “pluralidade” no Estudo XIII (decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). Segunda: “aceita a diligência e recusa a chegada como condição”; custa que “chegada” entra do mesmo modo na fórmula, e não na letra. Terceira:

“aceita a impermanência e recusa a travessia”; custa o que custa a primeira. Quarta: “aceita a atenção e recusa o não-eu”; custa que “atenção” é *sati* vertida, e a letra diz “presença”, e atribuir ao cânon, que não tem tese sobre a natureza do eu, uma recusa que a letra não faz [hipótese do estudo].

Questão aberta (be): a fórmula da série para o budismo. A fórmula é do fundador; o molde recusa o que gradua, ordena ou exclui pessoas. Qual das quatro candidatas, ou outra, é a do budismo?

Questão aberta (bn): a Ficha reescrita. O estudo propõe, no capítulo 6, a nova letra dos toques e das fronteiras; o fundador aprova, emenda ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo? Se aprova, as oito frases deixam a Ficha; se mantém, ela fica como apontamento, “não cânon”, com as correções ao lado.

Daqui o estudo passa ao budismo diante das casas da série (capítulo 5).

5 O BUDISMO DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE

Os capítulos 3 e 4 põem o budismo diante do cânon; este o põe diante das casas que a série já visitou: as cinco outras do primeiro grupo (o estoicismo, o cristianismo, o Vedanta, o existencialismo, o taoísmo) e os clássicos ouvidos depois, de Hegel (Estudo VII) a Arendt (Estudo XIII). Em cada casa diz-se o que o autor escreveu ou calou do budismo, o que a tradição discute e o que o cânon responde; onde nada há, diz-se que não há.

5.1 Hegel: o “nada” e o corretivo da tradição

O Estudo VII, 4.1, já ouviu Hegel; aqui ele é posto diante da letra budista.

Hegel trata o budismo, com o lamaísmo, como *Religion des Insichseins*, “religião do ser-em-si”: ali “o nada e o não-ser é o último e o mais alto”, o nirvana é aniquilação, o primeiro atributo do Dalai-Lama é “esquecimento e compaixão”, e Fo põe “o desprezo do indivíduo” como perfeição. O VII ressalva que as palavras são de Hegel, “e a série não as adota” [V via secundária: Estudo VII, 4.1; tradução do estudo].

A tradição lê a origem desse “nada”: segundo o Estudo VII, Hegel dependia de um enviado inglês, Turner, e fundia “Fo, Buddha, Dalai-Lama” numa só figura; Roger-Pol Droit sustenta que o século XIX europeu viu no budismo um “culto do nada” que projetava o próprio niilismo (*Le culte du néant*), e Deyve dos Santos, que Hegel lê mal a doutrina por usar fontes de sua época [V via secundária: Estudo VII, 4.1; obras não abertas].

O budismo responde com a própria letra, e a acusação já corria em vida do Buda. No *Alagaddūpama Sutta*, do *Majjhima Nikāya* (*MN*) 22, os que o acusam de pregar a destruição do ser ouvem que ele descreve “o sofrimento e a cessação” (*MN* 22, 37.5; ver 2.5) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. E o *Dhammacakkappavattana Sutta*, do *Saṃyutta Nikāya* (*SN*) 56.11, diz que cessa “sem resto, desse mesmo desejo” (*SN* 56.11, 5.7; ver 2.2) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]: a sede (*taṇhā*, o desejo), e não o ser.

O Estudo VII deixou em aberto, como paráfrase, que o *nibbāna* (a “extinção”) é extinção da sede, e não do ser [paráfrase; localização a confirmar]. O estudo a registra como leitura sua, apoiada em *MN* 22, 37.5, e *SN* 56.11, 5.7, e dispensa pergunta [leitura do estudo].

O cânon responde como o VII: Hegel serve para nomear a fronteira, não para dizer o que o budismo é. A pergunta da régua, o que vale a pessoa em si, cai onde a Ficha de outubro pusera “dignidade vs. vacuidade” (Estudo VII, 4.1) [Ficha, não cânon]. O rótulo “nada” fica com quem o pôs, e a série “visita casas, não as gradua” (Estudo VII, 4, abertura) [leitura do estudo]. De Hegel, que viu o budismo como nada, passa-se aos dois que o leram com afinidade (5.2).

5.2 Schopenhauer e Nietzsche: a afinidade, a decadência e a correção da tradição

Os dois escreveram de fora; vê-se o que a tradição lhes corrige.

Schopenhauer escreve, em *O mundo como vontade e como representação* (II, cap. 17), uma frase condicional que a fama simplificou: «Wollte ich die Resultate meiner Philosophie zum Maaßstabe der Wahrheit nehmen, so müßte ich dem Buddhaismus den Vorzug vor den andern zugestehn», "se eu tomasse os resultados da minha filosofia por medida da verdade, teria de conceder ao budismo a primazia sobre os demais" [V-de via Zeno; V-en: Haldane–Kemp; tradução do estudo]. Diz *den Vorzug*, a primazia, e não "a melhor religião". No volume I, o que resta da supressão da vontade é, para quem ainda a tem, "Nada", mas para quem a negou, "este nosso mundo tão real, com todos os seus sóis e vias lácteas, é Nada" (§ 71) [V-de via Zeno; V-en: Haldane–Kemp; tradução do estudo].

Nietzsche reúne, em *O Anticristo* (20), o budismo e o cristianismo como religiões de *décadence* (a decadência, em francês no próprio Nietzsche), e diz que o budismo é "cem vezes mais realista que o cristianismo" [V-de via Zeno; V-en: Mencken; tradução do estudo]. Cita como "refrão comovente" de todo o budismo o verso «nicht durch Feindschaft kommt Feindschaft zu Ende» ("não é pela inimizade que a inimizade chega ao fim"), que corresponde ao *Dhammapada* (*Dhp*) 5 (ver 2.6); mas escreve que "na doutrina do Buda o egoísmo se torna dever" [V-de via Zeno; tradução do estudo].

A leitura "niilista" tem três correções. A primeira é a de Droit (ver 5.1). A segunda é a do próprio budismo, que recusa os dois extremos, "tudo existe" e "tudo não existe" (*SN* 12.15, 4.1–4.2; ver 2.2) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. A terceira está em *SN* 56.11: entre as três formas da sede há "o desejo de não existir" (*SN* 56.11, 5.5; ver 2.2) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo], de modo que a letra põe o desejo do nada entre as origens do *dukkha* (o sofrimento), e não o nada como meta [leitura do estudo].

A frase do egoísmo é onde Nietzsche mais se afasta do cânon páli [hipótese do estudo]. O *Karaṇīyamettā Sutta*, do *Suttanipāta* (*Sn*) 1.8, o discurso do amor benevolente (*mettā*), manda cultivar por todas as criaturas "um coração sem limites" (*Sn* 1.8, 7.1–7.4; ver 2.6) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo].

O cânon responde com o que tem. Nenhuma forma de "sofrer" ocorre no Cânon nem no Catecismo (ver 3.4); o que o cânon diagnostica é a noite, "o mal que ninguém causou: a perda, a doença, o acaso que desaba", e "a Vigília promete presença, não vitória" (Cânon v1.2, "A Vigília"). "Compaixão" não ocorre em escrito algum; a letra do Abrigo é "casa", "braços", "lugar seguro" (Cânon v1.2, "O Abrigo"; ver 3.5). Vigília e Abrigo não são o Nada de Schopenhauer nem o "budismo de europeus" de Nietzsche (*Genealogia da moral*, Prólogo, 5) [V-de via Zeno; tradução do estudo]: não tomam o sofrer por tese [leitura do estudo]. Dos leitores de fora passa-se aos dois que quase não o viram (5.3).

5.3 Levinas e Ricoeur: o Oriente como limite

Dos dois a série ouviu pouco do budismo (Estudo VIII, 4.6; Estudo IX, 4.6).

Levinas, nos dois volumes que o Estudo VIII leu, não trata de budismo, Vedanta, taoísmo nem Zen. Há duas frases genealógicas: a metafísica grega vislumbrou uma estrutura que admite um além "sem contribuição de um pretenso pensamento oriental", e a noção de um ser acima do ser "não deve, portanto, ser reconduzida a nenhuma sabedoria oriental" (*Totality and Infinity*) [V-en; tradução do estudo; via Estudo VIII, 4.6]. São reparos sobre a origem de uma ideia, não juízo sobre doutrina alguma. Noutro texto, "o único valor absoluto é a possibilidade humana de dar, em relação a si, prioridade ao outro" (*Entre nós*) [V-pt; via Estudo VIII, 4.6].

Ricoeur fala do Oriente quase só para marcar um limite: as culturas orientais "não fazem parte de minha memória finita" (*Autobiografia intelectual*); só um "diálogo prolongado entre o judaico-cristianismo e o budismo" poderia identificar um ponto de encontro das duas sabedorias (*O mal*); e o "quase-budismo" de Parfit é discutido uma vez (*O si-mesmo como um outro*) [V-es via secundária: Estudo IX, 4.6]. Nenhum intérprete nomeado discute Ricoeur e essas casas.

O cânon responde com o que o VIII e o IX disseram: a Independência confessional "dá o exemplo cristão e não gradua os outros nomes da Luz", e a delimitação "os gregos e a Bíblia", tirada de uma entrevista, é de Levinas, que o cânon não herda; o VIII a deixa ao lado do "único valor absoluto", sem conciliá-los (Estudo VIII, 4.6); a Ricoeur, "o cânon não responde, porque nada lhe foi perguntado" (Estudo IX, 4.6) [leitura do estudo]. De Levinas e Ricoeur passa-se aos gregos (5.4).

5.4 Platão e Sócrates, Aristóteles: pessoas lado a lado, um homônimo e pontes sem intérprete

Na Grécia o budismo não aparece como doutrina ao lado de doutrina (Estudo X, 4.7; Estudo XI, 5.8).

O Estudo X não achou intérprete nomeado que aproxime Platão do budismo. Há três coisas de natureza diferente: a negação de Levinas (ver 5.3); a vizinhança de pessoas, em que Jaspers põe Sócrates entre os "indivíduos paradigmáticos" com Buda, Confúcio e Jesus e Buber o nomeia ao lado de Abraão, Moisés, Jesus, Confúcio e Buda; e o contraste de Wong entre Hegel e Laozi, citado no Estudo VII, 4.6 [V via secundária: Estudo X, 4.7]. "Jaspers e Buber põem pessoas lado a lado, e não doutrinas" (Estudo X, 4.7) [leitura do estudo].

O X recusou a ponte entre o filosofar como exercício de morrer (*Fédon*, 64a) e a renúncia da Ficha de outubro. O cuidado (*epimeleia*) da alma (Estudo X, 1.2) seria outro lugar de ponte com a disciplina budista da atenção, e nenhum intérprete nomeado a faz [hipótese do estudo].

Heráclito entra porque o *Crátilo* traz o rio (ver 3.1). O *Dhammapada* diz que “todas as condições são impermanentes” (*Dhp* 277; ver 2.3) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. A comparação entre os dois é uma comparação que se ouve, sem intérprete nomeado que a sustente com obra e página [tese a confirmar]; nenhuma frase do cânon nem dos Estudos VII a XIII a faz, e o estudo não a faz. No cânon, Heráclito é interlocutor do fluxo (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”, 4.º §).

Pirro é o grego que uma linha da tradição liga ao budismo: Christopher Beckwith sustenta a tese em *Greek Buddha*, e a resenha de Jerker Blomqvist na *Bryn Mawr Classical Review* avisa que “muitas das conclusões são controversas” [V-en; tradução do estudo].

Em Aristóteles, o Estudo XI, 5.8, ouve três aproximações, sem intérprete nomeado para nenhuma [tese a confirmar]: a impermanência com o tempo-número da *Física* IV, o *Brahman* (o absoluto do Vedanta) com o motor imóvel, o não agir do taoísmo (*wu wei*) com a *energeia* (a atividade em ato). O XI não afirma nenhuma, e este estudo tampouco. O que Aristóteles dá é um homônimo.

O budismo diz “caminho do meio” em três lugares: entre o prazer dos sentidos e a mortificação de si, “o caminho do meio da prática” (*SN* 56.11, 3.4; ver 2.2) «majjhimā paṭipadā» [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]; entre “tudo existe” e “tudo não existe” (*SN* 12.15; ver 5.2); e em Nāgārjuna, para quem a vacuidade é “o caminho do meio” (*Mūlamadhyamakakārikā*, *MMK*, XXIV, 18; ver 2.11) [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]. Nenhum é o meio-termo de Aristóteles, a mediania de que trata o Estudo XI (4.3), nem o “meio” do cânon, que aparece em “meio dia sem produzir nada” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”) ou como instrumento. A decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI (“aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida”) recusa a medida que gradua pessoas, “e não a mediania”. Dos gregos passa-se aos dois em quem o budismo é ausência (5.5).

5.5 Agostinho e Arendt: o que não há

Aqui o capítulo descreve ausências (Estudo XII, 5.8; Estudo XIII, 5.9).

De Agostinho o XII diz que “budismo, vedanta e taoísmo não estão no texto de Agostinho, e isso é achado, não lacuna”. Há uma frase da *Cidade de Deus*: sábios de outras gentes, indianos entre eles, “viram e ensinaram” o que um pronome designa, e “a todos eles pomos à frente dos demais e confessamos mais próximos de nós” (VIII, 9) [V-lat; tradução do estudo; via Estudo XII, 5.8]; não há obra, doutrina nem nome.

Resta saber se a *concupiscentia* (o desejo desordenado) e a *taṇhā* se comparam. Nenhum intérprete nomeado as compara, e o único traço está na tradução: Pedro Guimarães, tradutor do *Dhammapada*, intitula o capítulo de *Dhp* 334–359 “A concupiscência” e verte *taṇhā* por “concupiscência” e “cobiça” [V-pt: Guimarães], escolha de tradutor, e não ponte de intérprete. O Buda diz “cavem a raiz do desejo” (*Dhp* 337; ver 2.5) [V-pi; tradução do estudo]. O cânon não tem teoria do desejo: “desejo” não ocorre, e

“apego” só aparece como “sem apego ansioso ao que passa” (ver 3.4). O XII recusou as pontes entre o assombro de Agostinho e a vacuidade, e entre a *distentio* (a distensão do espírito) e a impermanência; este estudo recusa também a da *concupiscentia* [hipótese do estudo].

Do Estudo XIII, a seção sobre o Oriente começa por “Há pouco a citar aqui, e o estudo o diz” (Estudo XIII, 5.9). O XIII não achou passagem de Arendt sobre o budismo, nem intérprete que o ponha em conversa com ela [localização a confirmar]. Registra que a decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI (a fronteira do escravo por natureza e da mulher, “padrão para os clássicos que virão”) e a decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII (“para os clássicos cristãos”) não foram estendidas às casas do Oriente. A frase “nenhuma pessoa está fora da Lux” é a da decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII, repetida na n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII, e a série nunca a disse diante do Oriente [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bj)) se a frase vale ali. Das ausências passa-se ao encontro que a tradição conta com o Japão (5.6).

5.6 Heidegger e o Zen: Nishitani e a Escola de Kyoto

Heidegger é a casa em que a tradição conta um encontro com o Japão, e quase tudo o que se conta vem marcado como tese a confirmar. Ele pertence ao Estudo V, que a série ainda não refez.

Uma leitura corrente da tradição, sem autor conferido, conta quatro primeiras leituras ocidentais do budismo: a afinidade (Schopenhauer), a *décadence* que também elogia (Nietzsche), a aniquilação (Hegel) e o encontro com o Nada japonês (Heidegger e Nishitani) [tese a confirmar]. De Heidegger e Nishitani há duas entradas. Nishitani, segundo o verbete “Kyoto School” da *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, estudou com Heidegger entre 1937 e 1939, e Heidegger “o convidava com frequência à sua casa para aprender sobre o Zen”; a tese central de Nishitani é “superar o niilismo passando por ele” [V-en via secundária; tradução do estudo].

A segunda entrada é “Aus einem Gespräch von der Sprache” (“De um diálogo sobre a linguagem”), em *Unterwegs zur Sprache* (*A caminho da linguagem*). O interlocutor japonês se lê como Tezuka, que, na passagem de Heidegger que Parkes cita, “fez várias perguntas perspicazes sobre a natureza especial do pensamento japonês” [V-en via secundária; tradução do estudo]. Um diálogo de Heidegger com Hisamatsu, em 1958, também se conta, e não foi verificado [tese a confirmar].

O budismo responde por dentro, e a resposta é uma disputa. Dōgen escreve que estudar o caminho dos budas é estudar a si mesmo, e que estudar a si mesmo é “esquecer-se de si” (*Shōbōgenzō*, “Genjōkōan”; ver 2.11) [V-ja; V-en: Soto Zen Text Project; tradução do estudo]; a palavra é *jiko* (o si mesmo), e não *ātman*: o Zen propõe um percurso, e não uma tese sobre o eu [leitura do estudo]. O budismo crítico de Hakamaya Noriaki e Matsumoto

Shirō sustenta que os ensinamentos da natureza de buda, da iluminação originária e da escola de Kyoto não são budismo (ver 2.11) [V-en: Hubbard–Swanson; paráfrase]. O Nada japonês que Heidegger ouviu é, pois, disputado dentro do budismo [leitura do estudo].

O cânon responde com cautela de homônimo. Quem põe o Nada de Kyoto ao lado da Lux precisa dizer que o único "vazio" doutrinal do cânon é o que o Tratado da Luz Interior recusa, "vazio que precisa ser preenchido" ("Definição", 3.º §; ver 4.1), e que a letra não o liga ao Nada de Kyoto nem ao *śūnya* (vazio) de Nāgārjuna [leitura do estudo]. Que a travessia do niilismo de Nishitani toque a Vigília, nenhum intérprete nomeado o diz, e o estudo não o faz. Do Zen passa-se à comparação mais citada de todas, a da Stoa (5.7).

5.7 O estoicismo: a comparação clássica, em breve

O Estudo II, escrito em paralelo a este, trata a Stoa por inteiro; aqui se aponta só a comparação mais frequente.

Duas entradas ligam a Stoa ao budismo. Schopenhauer contrapõe ao sábio estoico, «ein hölzerner, steifer Gliedermann» ("um boneco de madeira, rígido, de que nada se pode fazer"), os «Weltüberwinder und freiwilligen Büßer» ("vencedores do mundo e penitentes voluntários") que a sabedoria indiana apresenta (*O mundo como vontade e como representação*, I, § 16) [V-de via Zeno; V-en: Haldane–Kemp; tradução do estudo]. E Gindin, na *Tricycle*, lista como semelhanças a equanimidade diante do exterior, o que depende de nós e a ideia de caminho, e como diferença a meta que o caminho budista transcende, como a imagem da jangada [V via secundária; paráfrase]; nenhuma comparação acadêmica foi conferida [tese a confirmar].

A Ficha do Estudo II, que não é cânon, tocou a Stoa no rio (Marco Aurélio, *Meditações*, IV.43), no exame da noite (Sêneca, *Sobre a ira*, III.36, "tribunal lá, misericórdia aqui") e no involuntário (Epicteto, *Encheiridion*, "Manual", 1) [Ficha, não cânon]; o Cânon nomeia os estoicos uma vez, entre os interlocutores dos tratados (Cânon v1.2, "Parte III — A trilha dos escritos"). O estudo não faz ponte alguma: a medida da Stoa é do Estudo II. Da Stoa passa-se às quatro casas que faltam (5.8).

5.8 O cristianismo, o Vedanta, o existencialismo e o taoísmo: quatro portas

As quatro casas que faltam pertencem aos Estudos III a VI; aqui cada uma é só uma porta.

Ao cristianismo (Estudo III) o budismo chega pela compaixão e pela caridade e pelo silêncio. A Ficha do Estudo III toca o Abrigo na caridade, com "vinde a mim os cansados" (Mt 11,28) [Ficha, não cânon]; Nāgārjuna encerra a obra saudando Gautama, "que por compaixão ensinou a doutrina verdadeira" (*MMK* XXVII, 30) [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]. O homônimo se declara: *karuṇā* ("compaixão") e *mettā* (ver 5.2) não

são o Abrigo, que o cânon dirige a “quem chega até nós” (ver 3.5) e que “não vai até a substituição” (decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII; ver 4.6).

O silêncio: o Buda deixou dez pontos sem resposta (*avyākata*, “não declarados”) porque não são «atthasaṁhitaṁ», “ligados ao fim” (*MN* 63, 7–8; ver 2.8) [V-pi; tradução do estudo]. O cânon deixa a origem da luz, diz o Tratado da Luz Interior, como “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto, respeitando a independência confessional” (“Fundamentação”, 6.º §), e a Ficha do Estudo III: “a filosofia não decide por ninguém” [Ficha, não cânon]. Os dois silêncios se parecem na forma e diferem nas razões: o do Buda é de utilidade para o fim, o do cânon é de não decidir por ninguém [hipótese do estudo].

Ao Vedanta (Estudo IV) o budismo chega por uma disputa de família. O IV tomou o *ātman* (*Katha Upaniṣad* II.18–19) por eco mais direto da luz interior (Estudo VII, 4.4). O Buda manda ver cada agregado como “isto não é meu” (*SN* 22.59, 6–7; ver 2.3) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo] e, perguntado se há um eu, cala-se (*SN* 44.10, 2.3–2.7; ver 2.8) [V-pi; paráfrase]. A disputa passa por dentro do budismo: a *Ratnagotravibhāga* diz evitar o extremo dos *tīrthika* (os não-budistas), dissolvendo a fabricação do eu, e o dos *śrāvaka* (os ouvintes, discípulos da via antiga), dissolvendo a do não-eu (I, comentário aos vv. 35–38) [V-skt; tradução do estudo; páginas a confirmar]; o *Mahāparinirvāṇa Sūtra* (Taishō 374) faz do eu o sentido de *tathāgatagarbha* (a natureza de buda; ver 2.11), e o budismo crítico responde que isso não é budismo (ver 5.6).

O cânon responde por homônimo: a oposição que ele faz não é eu × não-eu, é aberto × fechado (“pessoal, nunca individual”; ver 4.1) [leitura do estudo]. A Ficha IV disse ainda “o rio tem margens — não é véu (*māyā*)” [Ficha, não cânon]; ali “margem” é limite, um terceiro sentido, que não é a margem do cânon nem a outra margem (*pāra*).

Ao existencialismo (Estudo V) chega pela angústia e pelo *dukkha*. Nenhum intérprete nomeado aproxima a angústia do *dukkha* [tese a confirmar]; o que há é o *Leiden* (o sofrimento, em alemão) de Schopenhauer e Nietzsche (ver 5.2), o Nada de Nishitani e Heidegger (ver 5.6) e o “quase-budismo” de Parfit em Ricoeur (ver 5.3). Quanto vale o *dukkha* diante da noite é matéria de 4.4, e o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bj)).

Ao taoísmo (Estudo VI) chega pelo Chan (a escola chinesa que o Zen japonês herda), que uma leitura corrente da tradição, sem autor conferido, conta como encontro do budismo indiano com o pensamento chinês [tese a confirmar]. No *Mumonkan* (a “Passagem sem Porta”), caso 6, o Buda mostra uma flor, só Mahākāśyapa sorri, e o Buda diz: “Tenho […] a Mente Maravilhosa do Nirvana, […] independente das palavras e transmitida para além da doutrina” (Sekida, *Two Zen Classics*) [V-en: Sekida; tradução do estudo]. A cena vem de fonte do Chan do século XIII, sem texto canônico indiano que a sustente [tese a confirmar], e a “Mente Maravilhosa do Nirvana” é nome zen da transmissão, e não nome

da Luz. A Ficha do Estudo VI tocou o taoísmo no *wu wei* e separou-se em impessoal contra pessoal [Ficha, não cânon]. Das quatro portas passa-se ao padrão (5.9).

5.9 O padrão: o que as casas receberam do budismo e o que lhe opuseram

Olhadas juntas, as visitas deixam um padrão menor e mais seco do que se esperaria de uma casa tão citada.

O que as casas receberam do budismo é pouco e quase sempre de segunda mão. Hegel, Schopenhauer e Nietzsche o leram de fora, e uma leitura corrente da tradição, sem autor conferido, os conta, com Heidegger e Nishitani, como as primeiras leituras ocidentais (ver 5.6) [tese a confirmar]. O que lhe opuseram foi quase sempre um rótulo: o “nada” de Hegel, o “niilismo” de Nietzsche, a sabedoria oriental a que Levinas nega a origem da ideia do Bem, o limite de memória de Ricoeur. O gesto de Hegel, que vê no indeterminado o nada, é o que o VII nomeou e este estudo não repete: “O estudo segue Hegel na pergunta, não nos rótulos” (Estudo VII, 4.7). Com Platão, Aristóteles, Agostinho e Arendt o budismo é ausência, e junto de Sócrates, em Jaspers e Buber, é pessoa ao lado de pessoa, e não doutrina ao lado de doutrina (Estudo X, 4.7) [leitura do estudo].

A série, em sete estudos, só o anunciou como “o que não há”. Do VIII ao XIII, o “Como ler este estudo” diz “quase nada do Oriente” ou, “com honestidade, o que não há: o Oriente”; cada seção cita uma parte diferente da Ficha de outubro, do VII, com quatro toques e três separações, ao XIII, sem nenhuma (ver 6.2); e as fronteiras fixadas pela decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI e pela decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII não foram estendidas ao Oriente (ver 5.5). Nenhuma das sete fórmulas, como a decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII (“o Lumen Fluens aceita de Arendt a pluralidade e recusa a aparição”), diz o que o cânon aceita ou recusa do budismo, e a do Estudo I é do fundador (ver 7.3, questão (be)) [leitura do estudo].

O cânon responde, como às outras casas, pela Independência confessional (“seja qual for o nome”; ver 3.9), que não gradua os nomes da Luz. As duas notas de procedimento deste capítulo, a paráfrase de *nibbāna* (5.1) e a comparação de Heráclito com o Buda (5.4), ficam em 7.3 como registros, sem letra. O capítulo 6 mede o que a Ficha disse e o que as sete seções esperaram dela.

6 A FICHA E AS PRÉVIAS: O QUE A SÉRIE JÁ DISSE DO BUDISMO

Antes deste estudo havia duas coisas sobre o budismo na série: a Ficha de outubro e as sete seções em que os Estudos VII a XIII o citaram ou o calaram. Este capítulo mede as duas e propõe uma Ficha reescrita; a proposta é do estudo, e só o fundador altera a doutrina.

6.1 A Ficha do Estudo I, toque a toque e fronteira a fronteira

Cada uma das oito frases da Ficha é medida em três partes: a letra do cânon, a voz da Ficha, a letra do budismo. As Fichas dos Estudos I a VII são “apontamentos do fundador, não cânon” (Estudo XI, “Como ler este estudo”) [leitura do estudo]. O veredito é confirmado, corrigido ou abandonado [leitura do estudo]. Nenhuma das oito é inteira letra do cânon. As letras do cânon e do budismo vêm por remissão aos capítulos 3, 4 e 2; o nome de elemento sem obra é do Cânon v1.2.

O primeiro toque diz: “O rio e a impermanência (anicca, Dhammapada 277): lemos o mesmo mundo em fluxo” [Ficha, não cânon]. É letra o rio, “o fluxo do tempo” (“Origem”; ver 3.1); “impermanência” (*anicca*) e “mundo em fluxo” não ocorrem em escrito algum. O budismo diz que todas as condições (*saṅkhārā*) são impermanentes (*Dhammapada* [*Dhp*] 277; ver 2.3) e, nas últimas palavras do Buda, “Perseverem com diligência” (*Dīgha Nikāya* [*DN*] 16, 7.7; ver 2.9) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. Veredito: corrigido. O rio fica; “impermanência” e “o mesmo mundo” são da Ficha, e a letra faz do rio tempo, herança e dever [leitura do estudo]. Heráclito e o Buda lendo o mesmo fluxo é comparação que se ouve, sem intérprete nomeado com obra e página; nem o cânon nem os Estudos VII a XIII a fazem [tese a confirmar].

O segundo: “Presença e atenção plena (Satipaṭṭhāna Sutta): o Corpus e o sati recusam a vida no automático” [Ficha, não cânon]. A letra é “estar inteiro onde o corpo está” e, contra ela, “Sem tela, sem multitarefa” (“Os Quatro Pilares”, IV; ver 3.2); “atenção plena”, *sati* (a atenção, a lembrança) e “automático” não ocorrem. O budismo diz, no *Satipaṭṭhāna Sutta* (*Majjhima Nikāya* [*MN*] 10), “observando o corpo no corpo” (ver 2.4) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. Veredito: corrigido. As duas disciplinas começam pelo corpo, e isso fica; “atenção plena” e “recusam a vida no automático” são da Ficha. O cânon diz o que a presença é e o que a atrapalha, não o que recusa [leitura do estudo].

O terceiro: “Disponibilidade e não-apego: a Mutatio ecoa o diagnóstico do apego como raiz do sofrer” [Ficha, não cânon]. A letra tem “sem apego ansioso ao que passa” (“Os Quatro Pilares”, III; ver 3.4); “desapego” e “desejo” não ocorrem, e “sofr-” só na voz de outros, no Tratado da Vigília (ver 3.4). O budismo diz, no *Saṃyutta Nikāya* (*SN*) 56.11, que “os cinco agregados tomados com apego” são sofrimento (§ 4.2) e põe a origem no desejo que “leva a vidas futuras” (§ 4.4; ver 2.2) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. Veredito: metade confirmada, metade abandonada. “Disponibilidade” é letra; “não-apego” é

paráfrase da Ficha para “sem apego ansioso ao que passa”; o “diagnóstico” e a “raiz do sofrer” são do budismo, e o cânon dá ao apego um só objeto, o que passa [leitura do estudo].

O quarto: “Abrigo e compaixão (mettā): a interioridade que transborda em cuidado” [Ficha, não cânon]. A letra diz da luz interior que “é para aquecer” (“O Abrigo”; ver 3.5) e, no Tratado das Águas Comuns, a interioridade “é o que há para entregar” (“Objeção provável e resposta breve”; ver 3.5); “compaixão” e “transborda” não ocorrem. O budismo diz, no *Sutta Nipāta* (*Sn*) 1.8, “um coração sem limites” por “todas as criaturas” (ver 2.6) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]; *mettā*, o amor benevolente, e *karuṇā*, a compaixão, são duas das quatro moradas (*brahmavihāra*; *Aṅguttara Nikāya* [*AN*] 3.65, 42), e a Ficha funde as duas [paráfrase]. Veredito: corrigido. Do interior à entrega é letra; “compaixão” e “transborda” são da Ficha; e o alcance difere: todos os seres de um lado e, do outro, “a quem chega até nós” (“O Abrigo”) [leitura do estudo].

A primeira fronteira: “Luz atemporal vs. anattā (SN 22.59): onde o budismo vê agregados sem eu, afirmamos um núcleo pessoal que o fluxo não dissolve” [Ficha, não cânon]. Cada parte tem letra, em lugares diferentes (“Origem”; “As Águas Comuns”; “núcleo” só no Tratado da Luz Interior; ver 4.1); “agregados sem eu” é da Ficha. O budismo diz, no *SN* 22.59, que cada agregado é *anattā* (não-eu) e que a prática é ver “isto não é meu” (§§ 2 e 6–7; ver 2.3) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]; perguntado se o eu existe, o Buda cala (*SN* 44.10, 2.3–2.7; ver 2.8) [V-pi; tradução do estudo]. A tradição lê de mais de um modo, e Thanissaro faz do *anattā* uma “estratégia de não-eu” (ver 4.1) [V-en: Thanissaro; tradução do estudo]. Veredito: corrigido. A fronteira fica e é a central; mas a oposição do cânon é pessoa aberta contra indivíduo fechado, não eu contra não-eu, e o cânon não tem tese sobre a natureza do eu [leitura do estudo].

A segunda: “Navegar vs. desembarcar: não queremos sair do rio — queremos atravessá-lo portando mensagem” [Ficha, não cânon]. A letra é “enquanto se navega o fluxo” (“Origem”) e “continua no rio” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”; ver 4.2); “desembarcar” e “travessia” não ocorrem, e “portando” é da Ficha: a letra é “portá-la como mensagem”. O budismo diz que a doutrina é uma jangada “para atravessar, não para agarrar” (*MN* 22, 13.1; ver 2.5) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo], e a *pāra* é o fim da travessia. Mas o bodhisattva pede ser “uma balsa, um barco, uma ponte” (*Bodhicaryāvatāra* [*BCA*], Makara III, 18; sânscrito 3.17) e permanecer enquanto houver seres (Makara X, 55; sânscrito 10.55; ver 2.11) [V-pt: Makara]. Veredito: corrigido. “Não queremos sair do rio” tem apoio na letra; “desembarcar” é da Ficha e descreve o caminho páli melhor do que o bodhisattva. “Margem” é homônimo: a do cânon fica dentro do rio (“A margem também é rio”; ver 4.2); a *pāra* do budismo é onde a travessia termina.

A terceira: “Celebração vs. renúncia: a transcendência passa pela matéria” [Ficha, não cânon]. A segunda metade é cópia do Pilar IV (“Os Quatro Pilares”, IV; ver 4.7).

“Renúncia” não ocorre em escrito algum, e o cânon não a recusa em lugar nenhum. O budismo diz, no primeiro sermão, que o Realizado evitou “esses dois extremos”, a indulgência nos prazeres e a mortificação de si, e compreendeu “o caminho do meio da prática” (*SN* 56.11, § 2.4; ver 2.2) [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]. Veredito: corrigido. A oposição lê o budismo como se fosse só renúncia, e o primeiro sermão recusa a mortificação tanto quanto a indulgência. A fronteira é mais fina: observar o corpo para não se agarrar ou habitá-lo para celebrar é [hipótese do estudo] do capítulo 4 (ver 4.7).

A quarta: “Dignidade vs. vacuidade (śūnyatā): afirmamos valor pessoal irredutível” [Ficha, não cânon]. A letra do Cânon é “O valor de cada pessoa é intrínseco” (“Os Quatro Pilares”, I; ver 3.7). “Dignidade” e “irredutível” são do Tratado da Luz Interior; “vacuidade” não ocorre; e o único “vazio” doutrinal dos escritos do cânon é o que o Tratado recusa, “um vazio que precisa ser preenchido” (“Definição”; ver 4.1). O budismo diz, em Nāgārjuna, que o que surge em dependência é vacuidade e, sendo designação dependente, “ela mesma o caminho do meio” (*Mūlamadhyamakakārikā* [*MMK*] XXIV, 18; ver 2.11) [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]. A vacuidade é ausência de natureza própria (*svabhāva*), não de existência [leitura do estudo]. Veredito: corrigido. A Ficha põe uma palavra do Tratado contra uma do budismo; a fronteira existe, mas é entre o valor intrínseco de cada pessoa e a ausência de natureza própria de todas as coisas.

Resta ver o que a série fez com as oito frases (6.2).

6.2 As sete seções dos Estudos VII a XIII sobre o Oriente

Cada um dos Estudos VII a XIII tem uma seção sobre o que não há do Oriente. O capítulo 5 as expõe; aqui se mede o que cada uma esperava da Ficha.

O Estudo VII (4.1) é a que mais diz do budismo, com o “nada” de Hegel (ver 5.1). Do Estudo I resume os quatro toques, omite “navegar vs. desembarcar” e deixa em aberto a paráfrase de que o *nibbāna* (a extinção) é “extinção da sede” [paráfrase; localização a confirmar]. Este estudo dá a localização que faltava: o que cessa é o desejo (*SN* 56.11, § 4.7; ver 2.2), e o Buda recusa a acusação de ensinar a destruição do ser (*MN* 22, 37.5; ver 2.5) [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase]. O “nada” fica com quem o pôs, e o estudo segue Hegel “na pergunta, não nos rótulos” (Estudo VII, 4.7; ver 5.9).

O Estudo VIII (4.6) “não inventa um diálogo” (ver 5.3). É a única seção que cita as oito frases da Ficha, e nada esperava delas: Levinas não visitou essas casas.

O Estudo IX (4.6) descreve uma ausência: o Oriente não faz parte da “minha memória finita” de Ricoeur (*Autobiografia intelectual*, via Estudo IX, 4.6) [V-es via Estudo IX], e o cânon não responde “porque nada lhe foi perguntado” (ver 5.3). Este estudo pergunta; não é o “diálogo prolongado” de Ricoeur, é a visita da série [leitura do estudo].

O Estudo X (4.7) não acha intérprete que aproxime Platão do budismo e recusa a ponte entre o filosofar como exercício de morrer e a renúncia da Ficha: seria do estudo

[hipótese do estudo], e ele não a faz (ver 5.4). Como “renúncia” é palavra da Ficha (6.1), este estudo também não a faz.

O Estudo XI (5.8) ouve três aproximações, entre elas a da impermanência com o tempo-número da *Física* IV, todas [tese a confirmar]; “o estudo não afirma nenhuma” (ver 5.4). Em 5.1 “impermanência” é palavra da Ficha e do budismo, não do cânon, e este estudo não faz a ponte. O Estudo XII (5.8) trata a ausência como “achado, não lacuna” (ver 5.5) e recusa as pontes com a vacuidade e com a impermanência; este estudo também. O Estudo XIII (5.9) é a menor: “Há pouco a citar aqui” (ver 5.5), e não cita frase alguma da Ficha I.

Dois fatos saem da leitura conjunta [leitura do estudo]. Cada seção cita uma parte diferente da Ficha: só a do VIII a cita inteira, a do VII omite uma fronteira, as do IX ao XII citam duas, a do XIII nenhuma. E nenhuma fronteira da série foi estendida ao Oriente.

O Estudo XIII (5.9) registra que a decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI (“para os clássicos que virão”) e a decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII (“para os clássicos cristãos”) não foram estendidas às casas do Oriente. A frase “nenhuma pessoa está fora da Lux” é a da decisão n.º 6 sobre o Estudo XII, repetida na decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII, que a diz também diante da superfluidade; as três são as fronteiras da série [leitura do estudo].

A pergunta é nova, e o estudo a faz ao fundador (ver 7.3, questão (bj)): se a frase se diz também diante do renascimento, do *kamma* e da desigualdade, e de “Poucos são […] os que cruzam” (*Dhp* 85; ver 2.9); e se “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” (ver 4.4) entra como fronteira da série ou fica só deste estudo. Sobre o depois o cânon cala, e o estudo declara a fronteira sem decidir pelo leitor (ver 4.8).

Do que a série esperou passa-se ao que a Ficha, medida, passa a dizer (6.3).

6.3 A Ficha reescrita: proposta ao fundador

O texto abaixo foi proposto ao fundador na versão 1.0 e aprovado em 3 de novembro de 2026, com dois acréscimos marcados (decisões n.º 7 e 9 de 3 de novembro sobre o Estudo I); substitui a Ficha de outubro. Na versão 1.0 dizia-se: proposta ao fundador, não decisão: segue o formato da Ficha, uma linha por toque e por fronteira, com a localização; as remissões são ao Cânon v1.2. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bn)) se a aprova, a emenda ou mantém a Ficha de outubro.

Toques:

- O fluxo e as condições (*Dhp* 277; *DN* 16, 7.7; “Origem”; Pilar III): os dois partem do que passa e põem uma tarefa depois, a diligência (*appamāda*) de um lado, portar a mudança com disponibilidade, sem apego ansioso, do outro.
- Presença e *sati* (*MN* 10; Pilar IV): o Corpus pede estar inteiro onde o corpo está, o *sati* observa o corpo no corpo; as duas começam pelo corpo, e a direção difere.

- O espelho de Rāhula e o Examinar (*MN* 61; Pilar I; “Regra de Vida”): olhar de volta o que se fez, no budismo antes, durante e depois do ato, no cânon ao fim do dia e com gratidão; estrutura próxima, outro objeto, outro fim [hipótese do estudo].
- A mente luminosa e a luz que se revela (*AN* 1.49–52; Pilar I): uma mente luminosa coberta por visitantes, uma luz que se revela. Para o comentário (a *bhavaṅga-citta*, a “mente-base”) e para Thanissaro, a luminosidade está presente e as máculas vêm de fora, e o toque de estrutura vale; para Anālayo a mente é potencial a cultivar, e o toque se desfaz (ver 2.8, 4.1). A Lux segue sem nome, e é de alguém.
- O Abrigo e *mettā* (*Sn* 1.8; “O Abrigo”): o amor de mãe pelo filho único, estendido a todos os seres, e a casa oferecida a quem chega.
- O *Kālāma Sutta* e a Bússola (*AN* 3.65; “A Bússola”): conhecer por si o que é hábil — com a correção de Bodhi: o critério inclui o que é “louvado pelos sábios” e termina na confiança no Buda — e o veto, que é a própria Luz na pessoa, sem voz externa. [Acrescentado por decisão do fundador em 03/11/2026 (Estudo I, n.º 9)]

Fronteiras:

- Uma luz de alguém e o *anattā* (*SN* 22.59; *SN* 44.10; “As Águas Comuns”): o budismo ensina a ver cada agregado como não meu, não eu, não meu eu, e cala diante da pergunta se há eu; o cânon diz que a luz é pessoal, não individual; a pergunta que fica é se há alguém, e a tradição budista responde de mais de um modo.
- O bodhisattva e a lamparina posta no rio (*MN* 22; *BCA* III, 18–19 e X, 55; “Origem”; Tratado das Águas Comuns, “Definição”): a jangada é para atravessar, mas o bodhisattva oferece barco, ponte e lamparina (*dīpa*, também “ilha”: a controvérsia de *DN* 16 entre ilha e lâmpada, declarada em 2.9 e não decidida) e fica enquanto houver seres; o cânon navega o rio, e a sua margem é dentro do rio, não a outra margem (*pāra*), onde a travessia termina: duas coisas com o mesmo nome.
- O corpo habitado e o caminho do meio (*SN* 56.11; Pilar IV): o Buda recusa a indulgência e a mortificação, e o corpo é observado, não negado; o cânon diz que a transcendência passa pela matéria; a fronteira é a direção.
- O valor intrínseco e a ausência de natureza própria (*MMK* XXIV, 18 e XXV, 19; Pilar I): o cânon afirma o valor de cada pessoa como intrínseco; Nāgārjuna diz que tudo o que surge em dependência é vazio de natureza própria (*svabhāva*), sem diferença entre o *saṃsāra* (o ciclo) e o nirvāṇa; a vacuidade é ausência de natureza própria, não de existência.
- O *kamma* e o lobo (*AN* 6.63; *MN* 61; “A Vigília”; Catecismo, 35): o *kamma* é a intenção e o espelho de Rāhula mede também o dano; o lobo é quem inflige o mal,

> “com ou sem intenção”, e lhe é devida justiça. [Acrescentado por decisão do fundador em 03/11/2026 (Estudo I, n.º 7)]

[hipótese do estudo]

Mudam seis coisas [leitura do estudo]: saem as palavras sem letra medidas em 6.1; “dignidade vs. vacuidade” passa a valor intrínseco contra ausência de natureza própria (ver 7.3, questão (bl)); “navegar vs. desembarcar” vira a fronteira com o bodhisattva (questão (bi)); o espelho de Rāhula (questão (bf)) e a mente luminosa (questão (bg)) entram como toques de estrutura; e o homônimo da margem fica declarado na própria linha (questão (bh)).

A proposta não leva à Ficha as fronteiras que o capítulo 4 marca além das quatro (a noite e o *dukkha*, o *kamma* e o lobo, o renascimento): o estudo pergunta ao fundador, em (bj) e (bk) de 7.3, se alguma entra, e em (bm) se o *Kālāma Sutta* e a Bússola são um sexto toque. E não dá nome à Lux: “A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). A fórmula e as perguntas ficam para o capítulo 7.

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS

7.1 O que o estudo encontrou

O estudo saiu de uma Ficha de oito frases e volta com nove toques, nove fronteiras e um homônimo declarado desde a primeira página, o da margem. O que os textos conferidos mostraram primeiro foi sobre a Ficha, não sobre o budismo: ela falava do cânon com palavras do budismo — “atenção plena”, “compaixão”, “desapego”, “vacuidade”, “desembarcar” — e nenhuma dessas palavras está na letra do cânon (6.1). Devolvidas a cada casa as suas palavras, o que fica é mais fino e mais útil do que a Ficha dizia: duas casas que leem o mesmo mundo em fluxo, usam práticas de estrutura próxima e dão respostas diferentes à pergunta por quem está no rio, pelo que é a margem e pelo que a vida é quando dói.

Os nove toques estão no capítulo 3. A impermanência e o Flumen: “todas as condições são impermanentes” e “um rio que não para de correr” (Catecismo, 2), a mesma estrutura — nada surge só — e outra conclusão (3.1) [hipótese do estudo]. *Sati* e a presença do Corpus, que começam, as duas, pelo corpo (3.2). O espelho de Rāhula e o Examinar, duas revistas do que se fez, com estrutura próxima e outro objeto (3.3). O apego e a lamparina de museu: “sem apego ansioso ao que passa” e a luz que só se protege (3.4).

Mettā e o Abrigo: o amor de mãe pelo filho único e a casa oferecida a quem chega (3.5). O bodhisattva que fica pelos outros e a lamparina “entregue às águas de todos” (3.6). A mente luminosa e “a luz não se acende — ela se revela”, com a fronteira dita na mesma frase e a divisão da tradição registrada (3.7). O *Kālāma* e a Bússola, o conhecer por si e o veto sem voz externa (3.8). E as perguntas não respondidas e a origem em aberto: dois silêncios de forma parecida e razões diferentes (3.9).

As nove fronteiras estão no capítulo 4, e a primeira comanda as outras. O não-eu e a luz pessoal, dita com a divisão da própria casa do budismo antes de qualquer juízo, e com o cânon sem tese sobre a natureza do eu — a sua oposição é entre aberto e fechado (4.1). A outra margem e a margem, o homônimo: 24 ocorrências de “margem” no cânon, nenhuma “outra” (4.2). A cessação e o portar, com a correção da Ficha pelo bodhisattva e a fronteira que resta, a direção da travessia (4.3). *Dukkha* e a noite: o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite, e a Vigília não explica nem promete fim: “promete presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”; 4.4).

O *kamma* e o lobo, onde a fórmula de partida do estudo — o budismo pesa a intenção, o cânon o ato — não resistiu a *Majjhima Nikāya* (*MN*) 61 (4.5). A *upekkhā* e a Vigília que fica, sem a caricatura de indiferença contra cuidado (4.6). A renúncia, o caminho do meio e a celebração, com a cópia literal da letra, “A transcendência passa pela matéria”, no meio (4.7). O renascimento e o silêncio sobre o depois, declarado sem decidir

pelo leitor (4.8). O refúgio e a ausência de culto, com o homônimo “refúgio” e a correção de Bodhi ao *Kālāma* (4.9).

O capítulo 5 mostrou que o budismo chegou às casas da série de segunda mão e sob rótulo — o “nada” de Hegel, a “decadência” de Nietzsche, o Oriente como limite em Levinas e Ricoeur, a ausência em Platão, Aristóteles, Agostinho e Arendt — e que só com Heidegger e a Escola de Kyoto houve conversa, pessoa ao lado de pessoa (5.9) [leitura do estudo]. O capítulo 6 mediu a Ficha, releu as sete seções sobre “o que não há: o Oriente” e propôs uma Ficha reescrita, com cinco toques e quatro fronteiras, que o fundador aprova, emenda ou deixa (6.3).

7.2 A fórmula

O estudo propõe ao fundador, e só ele pode adotá-la: **o Lumen Fluens aceita do budismo a atenção e recusa a chegada.**

Aceita a atenção como prática, não como palavra. É o olhar de volta sobre o que se fez — como o espelho que serve “para refletir”, antes, durante e depois do ato (*MN* 61; ver 2.4) — e a observação do corpo e da mente, “observando o corpo no corpo” (*MN* 10; ver 2.4), lidos ao lado do Examinar, que pergunta “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), e da presença do Corpus, “estar inteiro onde o corpo está” (ver 3.2).

A letra tem “atenção” no sentido comum (“caminhar com atenção”, Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV; ver 3.2) e “presença” como termo da prática; “atenção plena” não ocorre. “Atenção” entra na fórmula no sentido de *sati*, como prática: se o fundador a adotar, passa a nomear nela a prática, como “pluralidade” passou a nomear a estrutura no Estudo XIII (decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). O que se aceita é a estrutura da prática: olhar de volta, habitar o corpo, não viver sem ver; o que fica com o budismo é o fim dela, a desidentificação (4.7).

Recusa a chegada como condição: o que se recusa é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de chegar, e não a travessia nem o caminho, que ficam com o budismo — nem a outra margem, que o estudo não julga. É o precedente do Estudo XIII, em que “a aparição recusada é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser vista”, e não o espaço de aparição (decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). Chegar, aqui, é despertar, cruzar, estar entre os poucos que “cruzam para a outra margem” (*Dhammapada* (*Dhp*) 85; ver 2.9).

A letra do cânon é a do Pilar I: o valor é “anterior a qualquer conquista ou circunstância”; “a Lux admite graus de visão, nunca de valor” (decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X); a Lux intus “não é ponto de chegada da vida moral, mas seu ponto de partida” (Tratado da Luz Interior, “Síntese”). O budismo diz que há uma chegada e que ela é o fim do caminho; o que ela vale para quem não chegou é matéria da pergunta (bj)

(“poucos cruzam”, *Dhp* 85), e o estudo não a decide [leitura do estudo]. O cânon não tem chegada: tem rio, margem dentro do rio, e uma luz que vale antes de qualquer travessia [leitura do estudo].

O capítulo 4 propôs quatro letras (4.10): “aceita do budismo o espelho e recusa a outra margem”; “aceita a diligência e recusa a chegada como condição”; “aceita a impermanência e recusa a travessia”; “aceita a atenção e recusa o não-eu”. A do estudo toma de duas delas o que não custa e evita o que custava nas outras: recusar “a outra margem” ou “a travessia” leria o cânon contra o caminho do budismo, e o cânon não é antibudista; recusar “o não-eu” atribuiria ao cânon uma tese sobre a natureza do eu que a letra não tem; “o espelho” é um só toque, e “a diligência” é *appamāda* vertida, mais estreita que a prática inteira. Fica “a atenção”, que nomeia a prática inteira, e “a chegada”, que nomeia a condição — e o molde das fórmulas anteriores pede isso: o que se recusa é o que gradua, ordena ou exclui pessoas, e a chegada, lida como condição, graduaria [leitura do estudo].

7.3 Questões abertas

As perguntas deste estudo vão de (be) a (bn) e seguem às do Estudo XIII, que vão de (aw) a (bd); as do Estudo II, escrito em paralelo, vão de (bo) a (bx). As herdadas (g), (j) e (k) vêm pelo nome. Nenhuma reabre decisão tomada; todas são do estudo, e só o fundador decide.

(be) A fórmula. O estudo propõe “o Lumen Fluens aceita do budismo a atenção e recusa a chegada”, com a chegada lida como condição e “atenção” no sentido de *sati*, e põe ao lado as quatro letras do capítulo 4 (4.10, 7.2). O fundador adota uma, emenda ou recusa todas? [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo I, n.º 1): o Lumen Fluens aceita do budismo a atenção e recusa a chegada. A atenção entra como prática — o olhar de volta sobre o que se fez, a observação do corpo e da mente, lidos ao lado do Examinar e da presença —, não como palavra da letra; a chegada recusada é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de chegar — não a travessia nem a outra margem, que são do budismo e ficam com ele.]

(bf) O espelho de Rāhula. *MN* 61 — o espelho “para refletir”, antes, durante e depois do ato — entra ao lado do Examinar como leitura ou como glossário? Se leitura, o capítulo 3 a registra; se glossário, a palavra “espelho” ou “refletir” entraria no glossário do Examinar, que hoje a não traz; se nenhum dos dois, o toque fica como nota. A estrutura é próxima e o objeto coincide em parte: o dano a si e ao outro, lá; a luz escondida e a que brilhou, aqui, com o mal que o existir causa sem intenção, desde a decisão n.º 9 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII (2.3, 4.5). [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo I, n.º 2): como leitura; o glossário do Examinar não muda.]

(bg) A mente luminosa. O toque de estrutura entre "luminosa […] é esta mente", maculada por máculas que vêm de fora (*Aṅguttara Nikāya* (*AN*) 1.49–52), e "a luz não se acende — ela se revela" entra como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a mente luminosa não é dita um eu no cânon páli; a Lux é de alguém — e com a divisão da tradição registrada (para Anālayo, é potencial a cultivar, e o toque se desfaz)? Nem a mente luminosa nem a natureza de Buda viram nome da Luz, como o sol (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X) e o intelecto agente (n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI) não viraram (3.7, 4.1). [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo I, n.º 3): como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a mente luminosa não é dita um eu no cânon páli; a Lux é de alguém —; nem a mente luminosa nem a natureza de Buda viram nome da Luz.]

(bh) O homônimo "margem". O fundador quer uma nota no glossário da margem — "a margem do cânon não é a outra margem" —, que o estudo propõe e a letra não traz, ou basta o homônimo dito no estudo e no Prólogo? (4.2) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo I, n.º 4): a margem do cânon é dentro do rio, a outra margem é o fim da travessia budista; o glossário da margem não muda.]

(bi) O bodhisattva e a lamparina. O bodhisattva que faz o voto de ser "uma balsa, um barco, uma ponte" e fica enquanto houver seres (*Bodhicaryāvatāra* (*BCA*), Makara III, 18–19 (sânscrito 3.17–18) e X, 55 (sânscrito 10.55)) entra ao lado da lamparina posta no rio como leitura? E a Ficha troca "navegar vs. desembarcar" pela fronteira da direção da travessia? (3.6, 4.3) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo I, n.º 5): como leitura; a Ficha troca "navegar vs. desembarcar" pela direção da travessia.]

(bj) As fronteiras da série e o Oriente. As fronteiras fixadas nas decisões n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI e n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII valem para os clássicos, e o Estudo XIII, 5.9, registrou que nenhuma decisão as estende às casas do Oriente; a n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII a faz terceiro padrão da série, e é este estudo que registra que nenhuma das três foi estendida ao Oriente [leitura do estudo]. O estudo pergunta duas coisas: se "nenhuma pessoa está fora da Lux" se diz também diante do renascimento, do *kamma* e da desigualdade, e de "poucos cruzam" (*Dhp* 85); e se "o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite" entra como fronteira da série ou fica só deste estudo (4.4, 4.8). [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo I, n.º 6): "nenhuma pessoa está fora da Lux" diz-se também diante do renascimento, do *kamma*, da desigualdade e de "poucos cruzam"; e "o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite" entra como fronteira da série, para as casas que virão.]

(bk) O *kamma* e o lobo. O *kamma* é a intenção (*AN* 6.63), e o lobo é "quem o inflige, com ou sem intenção" (decisão n.º 5 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII, que não se reabre). A fórmula de partida do estudo — o budismo pesa a intenção, o cânon o ato — não resistiu a *MN* 61, que mede também o dano. O estudo declara a fronteira que resta; a Ficha

reescrita a registra, ou fica só no estudo? A questão (k), o mal estrutural, não encontra letra budista (4.5). [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo I, n.º 7): a fronteira registra-se na Ficha reescrita; a decisão n.º 5 de 17 de outubro não se reabre; a questão (k) não encontra letra budista.]

(bl) A vacuidade e o valor intrínseco. A Ficha dizia "dignidade vs. vacuidade"; para Nāgārjuna a vacuidade é ausência de natureza própria, "o caminho do meio" (*Mūlamadhyamakakārikā* (*MMK*) XXIV, 18), e não ausência de existência nem de valor. A Ficha reescrita troca a frase por "valor intrínseco de cada pessoa × ausência de natureza própria de todas as coisas"? (4.1) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo I, n.º 8): entra "valor intrínseco de cada pessoa × ausência de natureza própria de todas as coisas".]

(bm) O *Kālāma* e a Bússola. O *Kālāma Sutta* — conhecer por si o que é hábil, com a correção de Bodhi: o critério inclui o que é "louvado pelos sábios" e termina na confiança no Buda — e o veto da Bússola, "a própria Luz na pessoa, sem voz externa" (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), entram lado a lado como leitura, com a fronteira dita? Se entram, a Ficha reescrita pode tê-los como sexto toque; se não, ficam como notas (3.8, 4.9). [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo I, n.º 9): como leitura, com a correção de Bodhi e a fronteira dita (o sutta termina na confiança no Buda; o veto é a própria Luz na pessoa, sem voz externa); entram na Ficha reescrita como sexto toque.]

(bn) A Ficha reescrita. O capítulo 6 propõe a nova letra — cinco toques e quatro fronteiras, sem "atenção plena", "compaixão", "renúncia", "desembarcar" e "dignidade vs. vacuidade", com o espelho de Rāhula e a mente luminosa como toques de estrutura e o homônimo "margem" declarado na própria linha (6.3). O fundador aprova, emenda, ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo? Se mantém, ela fica como apontamento, "não cânon", com as correções ao lado. [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo I, n.º 10): como proposta em 6.3, com os acréscimos das n.º 7 e 9 — seis toques e cinco fronteiras; substitui a Ficha de outubro na Biblioteca do site.]

(g) A justiça devida ao lobo. Fica aberta até o tratado da justiça, como a série decidiu (decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, repetida na n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI e na n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII); o perdão da vítima ao lobo já fora deixado ao mesmo tratado (n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX). O estudo registra como matéria desse tratado "o ódio nunca se aplaca pelo ódio" (*Dhp* 5; ver 2.6) e Aṅgulimāla, o assassino que o Buda detém e depois acolhe (*MN* 86; ver 2.7), e pergunta se a Regra da Misericórdia, que é reflexiva, tem parte nela (4.5).

(j) Moriá. O estudo não achou passagem budista que toque a pergunta pela Bússola diante da ordem de sacrificar o filho, e registra o silêncio (4.9).

(k) O mal estrutural. Não encontra letra budista neste estudo; o *kamma* lido como justificação da desigualdade, que a tradição corrige, entra em (bj) e não em (k) (4.5).

Dois registros de procedimento, sem letra, que o fundador responde se quiser: a paráfrase do Estudo VII, 4.1, “*nibbāna* é extinção da sede, não do ser”, que a letra de *MN* 22 e de *Saṃyutta Nikāya* (*SN*) 56.11 apoia e o estudo adota como leitura (5.1); e a comparação entre Heráclito e o Buda, que se ouve, que nenhum intérprete localizado sustenta com obra e página, e que o estudo não faz (5.4) — se o fundador quiser Heráclito na Ficha reescrita, cabe em (bn), como uma oração. Um aviso, não uma pergunta: a controvérsia *dīpa*, ilha ou lâmpada (*Dīgha Nikāya* (*DN*) 16; *BCA* III, 18–19), fica declarada sem decisão em cada lugar, e a lamparina do cânon não se apoia nela (4.2).

7.4 O que o budismo oferece

Ao Examinar, o budismo oferece o espelho de Rāhula, a revista mais antiga que a série encontrou de um ato olhado de volta — e a lição de que o que se pergunta decide o que o exame faz: Rāhula pergunta pelo dano a si, ao outro ou a ambos; o Examinar pergunta pela luz escondida e pela que brilhou e, desde a decisão n.º 9 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII, também pelo dano que não se quis, e fecha com gratidão a “alguém do passado que tornou o dia possível” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”). Se o fundador adotar (bf), a Ficha reescrita o diz em uma linha; se não, o estudo o guarda como leitura (3.3).

À Regra de Vida, oferece a disciplina de *sati*: a presença do Corpus, “estar inteiro onde o corpo está”, “sem tela, sem multitarefa”, encontra no *Satipaṭṭhāna Sutta* a casa que mais perto chegou dela, com a direção trocada — observar para não se agarrar, habitar para entregar (3.2, 4.7) [hipótese do estudo]. E oferece um aviso: a atenção budista é um dos oito membros do caminho e não anda sozinha (2.2); o cânon também não é técnica [leitura do estudo].

Ao tratado da justiça, que o fundador deixou aberto em (g), oferece duas peças de matéria: “o ódio nunca se aplaca pelo ódio” (*Dhp* 5; ver 2.6), e Aṅgulimāla, detido e acolhido — o lobo que recomeça (*MN* 86; ver 2.7). Nenhuma das duas decide o que se deve ao lobo; dizem o que um caminho antigo fez com ele, e por isso servem [leitura do estudo].

Às Fichas, oferece o que o estudo acrescenta. À Ficha do Estudo I, a letra proposta em 5.3. À Ficha do Estudo IV, a disputa de família sobre o eu: o Buda manda ver cada agregado como “isto não é meu” (*SN* 22.59; ver 2.3) e, perguntado se há um eu, cala-se, e a própria tradição budista se divide (5.8); o Estudo IV, que tomou o *ātman* por eco da luz interior, poderá medi-lo pelo lado do Vedanta.

À Ficha do Estudo VI, o Chan, que uma leitura corrente da tradição, sem autor conferido, conta como encontro do budismo com o pensamento chinês [tese a confirmar], e o *wu wei* diante do caminho do meio, se o Estudo VI quiser medi-lo (5.8). À Ficha do Estudo V, a angústia diante do *dukkha*, que nenhum intérprete nomeado aproxima [tese a confirmar], e o diálogo de Heidegger com o Japão, que este estudo deixou quase todo como [tese a confirmar] (5.6). Ao Estudo II, escrito em paralelo, a comparação corrente entre o

budismo e a Stoa — a equanimidade diante do exterior, o que depende de nós, a ideia de caminho —, que este estudo só apontou [tese a confirmar] (5.7).

E à série, oferece uma primeira vez: nenhuma das três fronteiras da série — o padrão para os clássicos, “nenhuma pessoa está fora da Lux”, a mesma frase diante da superfluidade — havia sido posta diante de uma casa do Oriente. A pergunta (bj) o faz, e o que o fundador responder valerá para o Vedanta e o taoísmo, que vêm depois.

7.5 A lamparina

O budismo tem a sua imagem de luz, e ela não é a lamparina. Nas últimas palavras, o Buda manda Ānanda viver *attadīpā*, e *dīpa* é ilha ou lâmpada — a tradição lê dos dois lados, e o estudo não decide (*DN* 16, 3.26; ver 2.9). No voto de Śāntideva, a mesma palavra: que eu seja ilha para os que buscam terra, lâmpada para os que buscam luz (Makara III, 18–19; ver 2.11). Se é ilha, o budismo diz: faça de si mesmo um refúgio no meio da inundação. Se é lâmpada, diz: seja luz para si mesmo, e o bodhisattva acrescenta: e para os outros. Em qualquer das duas leituras, a luz está do lado de quem a leva, e o caminho é atravessar.

A lamparina do cânon tem três lugares — de museu, quando só se protege; guardada do vento, na margem; posta no rio, “a luz de cada um, entregue às águas de todos” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”) —, e nenhum deles é uma chegada. O bodhisattva, que fica enquanto houver seres, é a figura budista que mais se parece com a lamparina posta no rio, e o estudo o diz (3.6); mas ele fica para que os outros cheguem, e a lamparina do cânon fica porque o rio é o lugar onde se fica. A margem do cânon não é a outra margem; é dentro do rio, e “a margem também é rio” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) [leitura do estudo].

O estudo termina onde a Ficha de outubro começou, no fluxo. “Todas as condições são impermanentes” (*Dhp* 277) e “um rio que não para de correr” (Catecismo, 2) são a mesma observação; o que cada casa faz com ela é o que as separa. O budismo lê a impermanência e conclui que nada nela é meu nem é eu (*SN* 22.59) e, em Nāgārjuna, que nada tem natureza própria (*MMK* XXIV, 18); e disso se liberta. O cânon lê o rio e conclui que ninguém começa do zero e que cada um deve ao rio; e nele permanece alguém, com a sua luz. O estudo não diz qual das duas leituras é a verdadeira; diz que são duas, que se tocam em nove lugares e se separam em nove, e que a palavra “margem”, que as duas usam, nomeia nelas coisas diferentes. O cânon diz que a lamparina é de alguém, e que se entrega [leitura do estudo].

REFERÊNCIAS

Bibliografia

Referências em ABNT simplificada: SOBRENOME, Nome. *Título*. Tradução. Cidade: Editora, ano. A numeração é contínua e corresponde aos blocos abaixo; as notas entre colchetes dizem como cada obra chegou ao estudo. Três estados são distinguidos: **edição de consulta** (a edição que a pesquisa de fontes do estudo abriu), **intermediário** (o leitor por cujo texto a passagem chegou) e **nomeada, não aberta** (a obra aparece no estudo, mas nenhuma edição foi aberta). Onde falta um dado, está escrito [dados a completar]; a cidade só aparece quando uma fonte a dá. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

O cânon páli: texto e traduções

1. SUTTACENTRAL. *Cânon páli*: texto páli (edição Mahāsaṅgīti). suttacentral.net. [Edição de consulta, lida em 3 de novembro de 2026 pela interface de programação do sítio, com os arquivos salvos. É a fonte de todos os marcadores [V-pi] e da numeração por coleção, sutta e seção (*DN*, *MN*, *SN*, *AN*, *Dhp*, *Sn*). A numeração da PTS só entra onde o Acesso ao Insight a dá.]

1. SUJATO, Bhikkhu (trad.). Traduções inglesas dos suttas, em SuttaCentral (CC0). [Edição de consulta. É a letra inglesa de quase todas as passagens marcadas [V-en: Sujato]; o português é sempre do estudo, com o original nas Fontes de cada capítulo. A discussão de Sujato sobre *dīpa* e *dvīpa* chegou pelo fórum de SuttaCentral, como intermediário.]

1. THANISSARO Bhikkhu (trad.). Traduções de *DN* 16, *SN* 22.59, *SN* 56.11, *MN* 22, 61 e 63, *AN* 1.49–52 (com a nota 1) e *Dhammapada*. dhammatalks.org (traduções revistas) e accesstoinsight.org (traduções mais antigas). [Edição de consulta. Serve de contraste com Sujato, sobretudo em *dukkha* ("estresse") e em *pabhassara*.]

1. VAJIRA; STORY, F. (trad.). *Mahāparinibbāna Sutta*. [Cidade a completar]: Buddhist Publication Society, 1998. [Edição de consulta, lida no Acesso ao Insight. Traduz *attadīpā* por "ilha".]

1. WALSHE, Maurice. *Samyutta Nikaya: An Anthology*. [Cidade a completar]: Buddhist Publication Society (Wheel 318–321), 1985. [Edição de consulta, lida no Acesso ao Insight, só para a nota 1 a *SN* 22.43, que dá "ilha". Não serve de prova da leitura de Walshe em *DN* 16 (n.º 9).]

1. BODHI, Bhikkhu (trad.). *The Connected Discourses*. [Cidade a completar]: Wisdom, 2000. [Nomeada, não aberta. A numeração e a nota de Bodhi a *AN* 1.49–52 ficam [tese a confirmar].]

1. ÑĀṆAMOLI, Bhikkhu; BODHI, Bhikkhu (trad.). *The Middle Length Discourses*. [Cidade a completar]: Wisdom, 1995; 2009. [Nomeada, não aberta.]

1. BODHI, Bhikkhu (trad.). *The Numerical Discourses*. [Cidade a completar]: Wisdom, 2012. [Nomeada, não aberta. Sua numeração difere da de SuttaCentral em ao menos um sutta (*AN* 3.129 por 3.131).]

1. WALSHE, Maurice (trad.). *The Long Discourses*. [Cidade a completar]: Wisdom, 1987; 1995. [Nomeada, não aberta. A leitura de Walshe em *attadīpā* (*DN* 16) fica [tese a confirmar].]

1. NORMAN, K. R. Traduções do *Dhammapada* e do *Sutta Nipāta*. Pali Text Society. [Títulos, cidade e anos: dados a completar. Nomeadas, não abertas.]

1. PALI TEXT SOCIETY. Edições do cânon páli (*A* i 10; *S* iii 42). [Nomeada, não aberta. Só chegam os números de página que o Acesso ao Insight traz: *AN* 1.49–52 = *A* i 10; *SN* 22.43 = *S* iii 42; *AN* 3.131 = *A* i 282.]

1. CHAṬṬHA SAŃGĀYANA. Edição birmanesa do cânon páli. [Nomeada, não aberta como edição; o texto chegou pela transcrição de SuttaCentral (n.º 1). Cidade, editora e ano: dados a completar.]

O cânon páli em português

1. BEISERT, Michael (trad.). Traduções do cânon páli no Acesso ao Insight (acessoaoinsight.net). [Edição de consulta, feita a partir do inglês, e não do páli: o texto acompanha o Acesso ao Insight em inglês. Marcador [V-pt via inglês: Beisert]. Lê *mano* como "mente", *anattā* como "não-eu", *taṇhā* como "desejo", *dukkha* como "sofrimento". Tradutor, não intérprete do ponto doutrinal.]

1. BEISERT, Michael (trad.). Traduções do cânon páli hospedadas em SuttaCentral em português (*Dhp*, *Sn* 1.8, *Kp* 9, *MN* 118, *AN* 3.65, *SN* 36.21, entre outras). [Edição de consulta, também via inglês. Para *AN* 8.51 a tradução não existe em SuttaCentral.]

1. GUIMARÃES, Pedro (trad.). *Dhammapada — A senda da verdade*. [Edição impressa: dados a completar.] [Edição de consulta, nos trechos hospedados em SuttaCentral em português; a tradução vem de uma tradição de língua inglesa que a pesquisa não identificou. Marcador [V-pt: Guimarães]. Lê *taṇhā* como "cobiça" e "concupiscência" e intitula o capítulo de *Dhp* 334–359 "A concupiscência"; *anattā* aparece como "impessoais".]

1. COHEN, Nissim (trad.). *Dhammapada: a senda da virtude*. São Paulo: Palas Athena, [ano a confirmar: 2004 ou 2005; a primeira edição fica por esclarecer]. [Nomeada, não aberta; a pesquisa abriu só a resenha de Deyve Redyson (n.º 37).

Apresentada como a primeira tradução em português feita diretamente do páli. Do mesmo tradutor: *Ensinamentos do Buda: uma antologia do Cânone Páli*, São Paulo: Devir, 2008, também não aberta.]

O Mahāyāna: textos e traduções

1. NĀGĀRJUNA. *Mūlamadhyamakakārikā*. Göttingen Register of Electronic Texts in Indian Languages (GRETIL), arquivo de Bachman. [Edição de consulta, sânscrito; transcrição eletrônica, não edição crítica. Marcador [V-skt]. A numeração dos versos do estudo é a de GRETIL.]

1. GARFIELD, Jay L. *The Fundamental Wisdom of the Middle Way: Nāgārjuna's Mūlamadhyamakakārikā*. Oxford: Oxford University Press, 1995. [Edição de consulta, em cópia digitalizada (OCR) sem numeração de versos; tradução feita do tibetano, e não do sânscrito. Pp. 69 e 75 citadas no capítulo 5. Lido também como intérprete: o comentário a *MMK* XXIV, pp. 304–305 (a vacuidade como ausência de *svabhāva*, e não aniquilação).]

1. SIDERITS, Mark; KATSURA, Shōryū. *Nāgārjuna's Middle Way: Mūlamadhyamakakārikā*. Boston: Wisdom, 2013. [Edição de consulta (OCR), traduzida do sânscrito, com o comentário de Candrakīrti. Confirma a numeração dos versos citados.]

1. ŚĀNTIDEVA. *Bodhicaryāvatāra*. GRETIL, arquivo de Mahoney. [Edição de consulta, sânscrito; transcrição eletrônica. Marcador [V-skt]. A numeração é a sânscrita (III, 17–18 onde a Makara tem III, 18–19).]

1. BARNETT, Lionel D. *The Path of Light*. London: John Murray, 1909. [Edição de consulta; tradução inglesa abreviada do sânscrito, de domínio público.]

1. ŚĀNTIDEVA. *O caminho do bodisatva (Bodhicharyāvatāra)*. Tradução do Padmakara Translation Group, feita do tibetano, vertida do inglês por Manoel Vidal e Cândida Bastos; prefácio do Dalai Lama. Três Coroas (RS): Makara, 2013. [Edição de consulta, a edição brasileira. A numeração dos versos é a tibetana e difere da sânscrita no capítulo III (Makara III, 18–19 = sânscrito 3.17–18). Marcador [V-pt: Makara]. Todas as páginas ficam [página a confirmar]; o prefácio do Dalai Lama não foi resumido.]

1. CROSBY, Kate; SKILTON, Andrew (trad.). Tradução inglesa do *Bodhicaryāvatāra*. [Cidade, editora e ano: dados a completar.] [Nomeada, não conferida: o exemplar não foi obtido.]

1. WALLACE [prenome a completar] (trad.). Tradução inglesa do *Bodhicaryāvatāra*. [Cidade, editora e ano: dados a completar.] [Nomeada, não conferida: o exemplar obtido não tinha texto legível.]

1. *Mahāparinirvāṇa Sūtra*. Tradução chinesa de Dharmakṣema, Taishō 374 (T 12, 405b7–8 e 407b9–11). CBETA. [Edição de consulta, chinês. Marcador [V-zh]. Não é o *Mahāparinibbāna Sutta* (*DN* 16). Não há texto sânscrito completo da passagem sobre o "eu".]

1. *Tathāgatagarbhasūtra*. In: ZIMMERMANN, Michael. *A Buddha Within: The Tathāgatagarbhasūtra*. Tóquio: ICABS, 2002. [Edição de consulta; tradução do tibetano com cotejo do chinês. Símile 1, citado na p. 105, que fica [página a confirmar] (inferida dos marcadores de página). Lido também como intérprete.]

1. *Ratnagotravibhāga*. GRETIL. [Edição de consulta, só o sânscrito; I, 27–28 e o comentário aos vv. 35–38, páginas e numeração a confirmar. A edição e a tradução de E. H. Johnston (Patna, 1950) e a leitura de Jikidō Takasaki são nomeadas, não abertas.]

1. TSONG-KHA-PA. *The Great Treatise on the Stages of the Path to Enlightenment* (*Lamrim chenmo*), vol. 2. Tradução do Lamrim Chenmo Translation Committee. [Cidade e editora: dados a completar], 2004 (© Tibetan Buddhist Learning Center). [Edição de consulta, em cópia do Internet Archive; pp. 29–30, que citam Kamalaśīla. A edição de publicação fica [dados a completar].]

1. DŌGEN. *Shōbōgenzō*, "Genjōkōan". In: *Treasury of the True Dharma Eye: Zen Master Dōgen's Shōbōgenzō*, vol. 1. Soto Zen Text Project. Sōtōshū Shūmuchō, 2023. [Edição de consulta, japonês e tradução inglesa. Marcadores [V-ja; V-en: Soto Zen Text Project].]

1. HAKUIN. *Zazen wasan*. [Intermediário: o japonês veio da Wikipédia japonesa, que reproduz o *Zenshū seiten* (1911); a edição impressa e a tradução inglesa de Ōmori Sōgen ficam por conferir. Não é citado em nenhum capítulo.]

1. SEKIDA, Katsuki. *Two Zen Classics*. Weatherhill, 1977 (*Mumonkan*, caso 6, pp. 41–42). [Edição de consulta. Cidade: dados a completar.]

1. UNNO, Taitetsu (trad.). *Tannishō: A Shin Buddhist Classic*. Honolulu: Buddhist Study Center Press, [ano a confirmar: 1984 ou 1996]. [Edição de consulta, a seção III; página a confirmar.]

1. *Sukhāvatīvyūha* maior. GRETIL. [Edição de consulta, sânscrito; voto 19 (a cláusula de exclusão). A tradução inglesa de F. Max Müller (*Sacred Books of the East* 49,

parte II, Oxford, 1894) foi lida para o voto e a nota; páginas a confirmar.]

A tradição: brasileiros e portugueses

Beisert e Guimarães, os dois portugueses que a pesquisa conferiu, entram como tradutores nas entradas 13 a 15; a pesquisa não os leu como intérpretes do ponto doutrinal.

1. SASAKI, Ricardo. "Uma história da tradução buddhista no Ocidente". In: REDYSON, Deyve (org.). *Budismo e Filosofia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. [Nomeado, não aberto; chega pela resenha em *Cultura Oriental* 1(2), 2014, pp. 59–62. Sasaki é do Centro de Estudos Buddhistas Nalanda (MG).]

1. MONTEIRO, Joaquim. "Schopenhauer e o Harivarman, uma possível confrontação". In: REDYSON, Deyve (org.). *Budismo e Filosofia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. [Nomeado, não aberto; mesma resenha. Monteiro é da UNIPAZ/RS.]

1. REDYSON, Deyve (org.). *Budismo e Filosofia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. 232 p. [Nomeado, não aberto. Outros autores do volume: Ricardo Mário Gonçalves, Leandro Durazzo, Clodomir B. de Andrade e Derley Menezes Alves.]

1. REDYSON, Deyve. Resenha da antologia de Nissim Cohen. *Interações* 6(9), 2011, pp. 171–174. [Edição de consulta (a resenha); intermediário do que se sabe de Cohen (1930–2009) e da antologia.]

1. USARSKI, Frank (org.). *O Budismo no Brasil*. São Paulo: [editora a completar], 2002. [Nomeado, não aberto. Referência da sociologia da religião para o budismo no Brasil; as teses ficam [tese a confirmar].]

1. USARSKI, Frank. *O Budismo e as outras: encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais*. Aparecida: Ideias & Letras, 2009. 304 p. [Nomeado, não aberto; chega pela resenha na *Revista Brasileira de História das Religiões*, ano IV, n. 12, jan. 2012.]

1. BORGES, Paulo. "O sorriso do Buda". In: REDYSON, Deyve (org.). *Budismo e Filosofia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. [Nomeado, não aberto; Borges é de Lisboa. É também autor de *O Sorriso do Buda* (editora e ano não confirmados).]

1. FERRARO, Giuseppe. Notas e comentários a NĀGĀRJUNA, *Versos fundamentais do Caminho do Meio*. [Cidade a completar]: PHI Editora, 2016. 686 p. [Nomeado, não aberto; Ferraro (UFMG) é aparentemente o tradutor, a confirmar. A editora fala em "primeira versão do sânscrito para o português". Assina também o capítulo sobre os cinco *skandha* em *Budismo e Filosofia*.]

1. PADMA SAMTEN, Lama. *Mandala do Lótus*. [Cidade a completar]: Peirópolis, 2006. 152 p. [Nomeado, não aberto; voz do budismo tibetano praticado no Brasil. Do mesmo autor, *A jóia dos desejos*, editora não confirmada.]

1. SANTOS, Deyve dos. [Título a completar]. *Revista Dialectus* 2(4), 2014, pp. 63–77. [Intermediário: Estudo VII, 4.1 (Hegel lê mal a doutrina por usar fontes de sua época); artigo não aberto.]

1. TANAHASHI, Kazuaki. *Sutra do Coração*. Tradução de Marcelo Nicolodi. [Cidade a completar]: Lúcida Letra, 2018. [Nomeada, não lida; edição brasileira.]

A tradição: autores estrangeiros

1. RAHULA, Walpola. *What the Buddha Taught*. New York: Grove Press, ed. rev. 1974 (1.ª ed. 1959). [Edição de consulta, texto aberto: cap. VI (o budismo "único" ao negar a Alma, o Eu ou o *Ātman*; página a confirmar) e cap. 1, p. 5 ("não importa como se chame"; página a confirmar). Em português, *O que o Buda ensinou*: tradutor e editora não confirmados, edição não aberta.]

1. ANĀLAYO, Bhikkhu. "The Luminous Mind in Theravāda and Dharmaguptaka Discourses". *Journal of the Oxford Centre for Buddhist Studies* 13, 2017 [ano a confirmar], pp. 10–51. [Edição de consulta (PDF do autor, no sítio da Universidade de Hamburgo). A mente luminosa como potencial a cultivar; páginas das passagens a confirmar.]

1. ANĀLAYO, Bhikkhu. *From Craving to Liberation: Excursions into the Thought-world of the Pāli Discourses (1)*. [Cidade a completar]: The Buddhist Association of the United States, 2009. [Edição de consulta (PDF), sobre *chanda*, pp. 33 e 63; a p. 63 fica [página a confirmar].]

1. ANĀLAYO, Bhikkhu. *The Foundation History of the Nuns' Order*. Hamburg Buddhist Studies 6. Bochum/Freiburg: projektverlag, 2016. 278 p. [Intermediário: o anúncio do Numata Center; livro não aberto.]

1. BODHI, Bhikkhu. "A Look at the Kalama Sutta". *BPS Newsletter* (ensaio de capa n.º 9). Acesso ao Insight. [Ano a confirmar: o sítio dá 1988 na fonte e © 1998 no rodapé.] [Edição de consulta (ensaio aberto): os Kālāmas não eram discípulos; o rótulo de "livre-exame" é problemático; o sutta "omite toda menção da visão correta".]

1. BODHI, Bhikkhu. Artigo sobre *sati* e *mindfulness*. *Contemporary Buddhism* 12(1), 2011. [Título original a completar.] [Intermediário: o resumo do artigo; o artigo não

foi aberto. *Sati* significou originalmente "memória"; Bodhi previne contra a leitura redutora da atenção nua.]

1. BODHI, Bhikkhu. *Abhidhammattha Saṅgaha*. [Dados a completar], 1999, p. 82. [Intermediário: o verbete "Chanda (Buddhism)" da Wikipédia em inglês; *chanda* como eticamente variável.]

1. BODHI, Bhikkhu. "Anatta as Strategy and Ontology". In: *Investigating the Dhamma*. [Cidade a completar]: Buddhist Publication Society, 2017, p. 25. [Nomeado, não aberto; chega por via secundária que a pesquisa não identificou.]

1. THANISSARO Bhikkhu. "No-self or Not-self?". Access to Insight, 1996. [Edição de consulta, lida no parágrafo inicial e no final: o *anattā* "não é uma doutrina de não-eu, mas uma estratégia de não-eu".]

1. THANISSARO Bhikkhu. "Selves & Not-self". Access to Insight, 2011. 79 p. [Edição de consulta; as páginas do sítio não são numeradas, e a página fica [página a confirmar]. A crítica de Thanissaro a Batchelor, anunciada no plano do estudo, não foi encontrada.]

1. GETHIN, Rupert. *The Foundations of Buddhism*. Oxford: Oxford University Press, 1998, pp. 5, 9, 10, 14, 15 e 19. [Nomeada, não aberta; intermediário: a Wikipédia em inglês (n.º 77), em cronologia e vida do Buda.]

1. GETHIN, Rupert. *The Buddhist Path to Awakening*. [Dados a completar], 2001, p. 83. [Nomeada, não aberta; via secundária, sobre *chanda*. O capítulo 1.1 cita "Gethin, 1992, p. 8" sem título; a obra não está identificada.]

1. GOMBRICH, Richard. *What the Buddha Thought*. [Cidade a completar]: Equinox, 2009. [Nomeada, não lida: o PDF obtido não tinha camada de texto e o reconhecimento óptico não devolveu o conteúdo. O estudo não lhe atribui tese; a tese de que *anattā* é "não é *ātman*" (pp. 69–70) chegou só por via secundária, [página a confirmar].]

1. GOMBRICH, Richard. *How Buddhism Began*, 1996; *Theravāda Buddhism*, Routledge, 1988; "Dating the Buddha", 1992. [Dados a completar.] [Nomeadas, não abertas. A datação c. 404/405 a.C. chega por via secundária.]

1. HARVEY, Peter. *The Selfless Mind: Personality, Consciousness and Nirvāṇa in Early Buddhism*. [Cidade a completar]: Curzon, 1995. [Intermediário: a cópia aberta não tinha texto legível. A passagem do cap. 14, § 14.1, p. 246 ("tal Eu não é explicitamente negado") chega pelas anotações da pesquisa de fontes; original a transcrever.]

1. HARVEY, Peter. *An Introduction to Buddhism*. 2.ª ed. [Cidade a completar]: Cambridge University Press, 2013, pp. 57–62. [Nomeada, não aberta; via secundária. Nenhuma tradução portuguesa localizada.]

1. COLLINS, Steven. *Selfless Persons: Imagery and Thought in Theravāda Buddhism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 12. [Intermediário: a cópia aberta não tinha texto legível. O "tabu linguístico" chega pelas anotações da pesquisa; original a transcrever. A Wikipédia em inglês cita 1990, pp. 71–81 e 93–96, divergência de data não resolvida.]

1. SIDERITS, Mark. *Personal Identity and Buddhist Philosophy: Empty Persons*. [Cidade a completar]: Ashgate, 2003, pp. 7 e 11. [A carruagem "convencionalmente real", conferida em inglês; páginas a confirmar. De *Buddhism as Philosophy* (2007), nomeado, não obtido.]

1. WILLIAMS, Paul. *Mahāyāna Buddhism: The Doctrinal Foundations*. [Cidade a completar]: Routledge, 1989, pp. 107–108, 122–123 e 185 (2.ª ed.). [Nomeada; as duas partes da pesquisa divergem sobre ter sido aberta, e o estudo a trata como nomeada, não aberta. Páginas da 2.ª ed. a confirmar.]

1. LOPEZ, Donald. *Buddhism and Science: A Guide for the Perplexed*. Chicago: University of Chicago Press, 2008. [Nomeada, não aberta; só a página da editora.]

1. McMAHAN, David. *The Making of Buddhist Modernism*. [Cidade a completar]: Oxford University Press, 2008. [Nomeada, não aberta; só a página da editora.]

1. PURSER, Ronald; LOY, David. "Beyond McMindfulness". *HuffPost*, 1 jul. 2013. [Edição de consulta: o "pacto fáustico". Do livro de Purser, *McMindfulness*, Repeater, 2019, nomeado, não aberto.]

1. BATCHELOR, Stephen. *Budismo sem crenças: a consciência do despertar*. Tradução de Carlos Alberto Inada. [Cidade a completar]: Palas Athena, 2005. 162 p. [Nomeada, não aberta; só o texto da editora. *After Buddhism*, Yale University Press, 2015 (resenhistas dão 2017), chega pela resenha de Cintita Dinsmore. As críticas diretas de Bodhi e de Thanissaro a Batchelor não foram localizadas.]

1. KABAT-ZINN, Jon. Texto sobre as origens da MBSR. *Contemporary Buddhism* 12(1), 2011, pp. 281–306 (o cabeçalho do manuscrito diz vol. 11, n.º 1). [Título a completar.] [Edição de consulta, o manuscrito. Em português, *Viver a catástrofe total*, tradução de Marcia Epstein, [cidade a completar]: Palas Athena, 2017, nomeada, não aberta.]

1. PRIESTLEY, Leonard. *Pudgalavāda Buddhism*. Toronto, 1999. [Editora a completar.] [Edição de consulta (cópia do Internet Archive) e, ao mesmo tempo, intermediário de Kuiji, Vinītadeva e Vasubandhu, que o estudo não leu. Cap. 1, nota 5; cap. 4. Edição a confirmar.]

1. HUBBARD, Jamie; SWANSON, Paul (orgs.). *Pruning the Bodhi Tree: The Storm over Critical Buddhism*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 1997. [Edição de consulta, só a Introdução de Hubbard (pp. vii e xiv–xv); as demais contribuições (Gregory, Heine, Lin, Takasaki, Sueki, Yamabe; King, p. 174; Matsumoto, p. 165; Hakamaya, p. 56) só pelo índice. Páginas a confirmar.]

1. HAKAMAYA, Noriaki; MATSUMOTO, Shirō. Teses do "budismo crítico": a natureza de buda e a iluminação originária não são budismo. [Intermediário: Hubbard–Swanson (n.º 70) e Williams (n.º 63); as obras dos dois não foram abertas.]

1. ALBAHARI, Miri. *Analytical Buddhism: The Two-Tiered Illusion of Self*. [Cidade a completar]: Palgrave, 2006, pp. 2–3. [Edição de consulta (cópia do Internet Archive); a consciência-testemunha, em paráfrase.]

1. PÉREZ-REMÓN, Joaquín. *Self and Non-self in Early Buddhism*. [Cidade a completar]: Mouton, 1980, p. 298. [Edição de consulta (cópia do Internet Archive); página a confirmar.]

1. NYANAPONIKA Thera. Tradução de *MN* 22, citada nas notas do Acesso ao Insight (n.º 13). [Intermediário. Sua obra própria, *The Heart of Buddhist Meditation* (1962), é nomeada, não aberta, [tese a confirmar].]

1. RHYS DAVIDS, T. W. *Dialogues of the Buddha* (SBE XI, 1881). [Intermediário: a "lâmpada" chega pelo sítio victorsway.eu, partidário; as tentativas de abrir a edição foram bloqueadas pelo sítio. "Sejam lâmpadas para vocês mesmos" fica [tese a confirmar].]

1. WARREN, Henry Clarke. *Buddhism in Translations*. Harvard Oriental Series 3. [Cidade a completar]: Harvard University, 1896, § 15, pp. 129–134. [Edição de consulta, lida em obo.genaud.net; a carruagem do *Milindapañha*.]

1. WIKIPÉDIA (inglês). Verbetes sobre o Buda, a datação do Buda, a formação do cânon e "Chanda (Buddhism)". [Intermediário de Gethin (1992, 1998), do simpósio de Göttingen (Bechert [prenome a completar], org., 1988), de Norman, de Gombrich (c. 404/405 a.C.) e de Bodhi (*Abhidhammattha Saṅgaha*). A biografia e a cronologia ficam [tese a confirmar].]

1. SCHOPENHAUER, Arthur. *Die Welt als Wille und Vorstellung* (I, §§ 16, 63 e 71; II, cap. 17). Zürcher Ausgabe (Zeno.org). [Edição de consulta, alemão; marcador [V-de via Zeno]. Conferida com a tradução inglesa de Haldane e Kemp, marcador [V-en: Haldane–Kemp] (título, cidade e ano: dados a completar).]

1. SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, Tomo I. Tradução de Jair Barboza. [Cidade a completar]: Editora Unesp, 2005 (1.ª ed.). [Nomeada, não aberta; só o catálogo. O texto de Barboza nos trechos citados não foi aberto.]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *Der Antichrist* (20 a 23); *Zur Genealogie der Moral*, Prólogo, 5; *Jenseits von Gut und Böse*, 56. In: *Werke in drei Bänden*, org. Schlechta, 1954, via Zeno.org. [Edição de consulta, alemão; marcador [V-de via Zeno]. O *Anticristo* conferido com a tradução inglesa de H. L. Mencken, marcador [V-en: Mencken] (dados a completar).]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. Tradução de Paulo César de Souza. [Cidade a completar]: Companhia das Letras, ed. de 2016 vista (1.ª ed. 2007, a confirmar). [Nomeada, não aberta. As edições brasileiras da *Genealogia* e de *Além do bem e do mal* ficam [dados a completar].]

1. HEGEL, G. W. F. Obras citadas pelo Estudo VII, 4.1 (W16, ca. 373–390; W12, ca. 164–166): a "religião do ser-em-si", o nada, o nirvana como aniquilação. [Intermediário: Estudo VII. O original não foi reaberto.]

1. DROIT, Roger-Pol. *Le culte du néant: les philosophes et le Bouddha*. [Cidade a completar]: Seuil, 1997. [Nomeado, não aberto; por intermédio do Estudo VII. Em inglês, *The Cult of Nothingness*, tradução de David Streight e Pamela Vohnson, University of North Carolina Press, 2003. A edição brasileira (Civilização Brasileira, 2003?) não foi confirmada.]

1. HEIDEGGER, Martin. "Aus einem Gespräch von der Sprache". In: *Unterwegs zur Sprache*. [Cidade a completar]: Neske, 1959. [Intermediário: o texto chega pela citação de Parkes (n.º 85, nota 98); a obra não foi aberta. Inglês, *On the Way to Language*, tradução de Hertz, 1971. Português, *A caminho da linguagem*, Vozes, 6.ª ed., 2011, 232 p., tradutor não confirmado, edição não aberta. O diálogo de 1958 com Hisamatsu não foi verificado.]

1. PARKES, Graham. Texto "Rising Sun over Black Forest", notas 98 e 110, sobre May (1996). [Dados a completar.] [Edição de consulta (texto aberto). Intermediário de Heidegger (Tezuka, "perguntas perspicazes sobre a natureza especial do

pensamento japonês") e da anedota de William Barrett (introdução a D. T. Suzuki, *Zen Buddhism*, New York, 1956, pp. xi–xii).]

1. NISHITANI, Keiji. *Shūkyō to wa nani ka* (1961); *Religion and Nothingness*. Tradução de Jan Van Bragt. University of California Press, 1982. [Nomeado, não aberto; por intermédio do verbete da *Stanford Encyclopedia* (n.º 87).]

1. DAVIS, Bret W. "Kyoto School". *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. [Edição de consulta (o verbete); autoria e data a confirmar. Nishitani estudou com Heidegger entre 1937 e 1939.]

1. BECKWITH, Christopher. *Greek Buddha: Pyrrho's Encounter with Early Buddhism in Central Asia*. Princeton: Princeton University Press, 2015. [Nomeada, não aberta; por intermédio da resenha de Jerker Blomqvist, *Bryn Mawr Classical Review* 2016.02.32 ("muitas das conclusões são controversas").]

1. JERRYSON, Michael; JUERGENSMEYER, Mark (orgs.). *Buddhist Warfare*. [Cidade a completar]: Oxford University Press, 2010. [Nomeada, não aberta; as páginas da editora estavam bloqueadas.]

1. TAMBIAH [prenome a completar]. *Buddhism Betrayed?* Chicago: [editora a completar], 1992. [Nomeada, não aberta.]

1. BODHIPAKSA. *Fake Buddha Quotes* (fakebuddhaquotes.com). [Intermediário dos vereditos sobre as frases virais, conferidos contra SuttaCentral onde indicado. Atribuição a confirmar.]

1. GINDIN [prenome a completar]. "Do Buddhists Have Fellow Travelers in the Stoics?". *Tricycle*, 29 dez. 2017. [Edição de consulta (o artigo foi aberto); o capítulo 4 o marca como via secundária porque a comparação é de Gindin, e nenhuma comparação acadêmica foi conferida.]

1. PLATÃO. *Crátilo*, 402a. Tradução inglesa de Jowett. [Edição de consulta; marcador [V-en: Jowett]. O português é do estudo.]

As casas visitadas, por intermédio dos Estudos anteriores

1. LEVINAS, Emmanuel. *Totality and Infinity* (tradução de Lingis), pp. 102 e 218; *Entre nós*, pp. 149–150. [Intermediário: Estudo VIII, 4.6. Nenhuma edição aberta pela pesquisa deste estudo.]

1. RICOEUR, Paul. *Autobiografia intelectual*, p. 32; *O mal*, p. 67; *O si-mesmo como um outro*, p. 136 (edição espanhola). [Intermediário: Estudo IX, 4.6. Original a transcrever.]

1. JASPERS, Karl (segundo Carroll Quigley, 1962); BUBER, Martin; WONG [prenome a completar]. [Obras a completar.] [Intermediário: Estudo X, 4.7 (Jaspers e Buber, pessoas lado a lado) e Estudo VII, 4.6 (Wong, o contraste entre Hegel e Laozi).]

1. PLATÃO. *Fédon*, 64a (o filosofar como exercício de morrer); o cuidado (*epimeleia*) da alma. [Intermediário: Estudo X, 1.2 e 4.7. Nenhuma edição aberta.]

1. ARISTÓTELES. A mediania; o tempo-número da *Física* IV; o motor imóvel; a *energeia*. [Intermediário: Estudo XI, 3.3 e 4.8. As três aproximações com o budismo são [tese a confirmar].]

1. AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, VIII, 9. [Intermediário: Estudo XII, 4.8. Passagem em latim, marcador [V-lat]; edição não aberta.]

1. ARENDT, Hannah. [Obras a completar.] [Nomeada por intermédio do Estudo XIII, 4.9, que não achou passagem sua sobre o budismo; localização a confirmar.]

1. MARCO AURÉLIO, *Meditações*, IV.43; SÊNECA, *Sobre a ira*, III.36; EPICTETO, *Encheiridion*, 1. [Nomeados pela Ficha do Estudo II, que não é cânon; nenhuma edição aberta. A comparação entre a Stoa e o budismo é do Estudo II, escrito em paralelo.]

1. *Katha Upaniṣad*, II.18–19. [Intermediário: Estudo VII, 4.4 (o *ātman* como eco da luz interior); nenhuma edição aberta.]

O cânon e os escritos

1. LUMEN FLUENS. *Cânon v1.2*. [Autoridade final; só o fundador a altera.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Luz Interior*.

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Vigília*.

1. LUMEN FLUENS. *Tratado das Águas Comuns*.

1. LUMEN FLUENS. *Disputatio da Luz Interior e do Mal*.

1. LUMEN FLUENS. *Catecismo*.

1. LUMEN FLUENS. *Meditações Práticas*.

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 17/10* (n.º 1–7, numeradas como no Prólogo do Estudo VII).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 19/10* (n.º 1–12, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10 sobre o Estudo IX* (n.º 1–13).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10 sobre o Estudo X* (n.º 1–10).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10 sobre o Estudo XI* (n.º 1–11).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10 sobre o Estudo XII* (n.º 1–11).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10 sobre o Estudo XIII* (n.º 1–12). [As listas de 23/10 e 31/10 são sempre citadas com o nome do estudo.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VII*.

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VIII*.

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IX*.

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado X*.

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XI*.

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XII*.

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XIII*. [Os Estudos VII a XIII entram como leitura anterior; a seção sobre "o que não há: o Oriente" de cada um é medida no capítulo 5.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado II*. [Escrito em paralelo a este; tratado só por remissão (4.7).]

1. LUMEN FLUENS. *Fichas dos Estudos I a VII*. [Apontamentos do fundador, não cânon. A Ficha do Estudo I, de outubro de 2026, é medida frase a frase no capítulo 5.]

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO

Nos apêndices, as seções são numeradas como na edição de leitura (Prólogo e capítulos 1 a 6); nesta edição, some-se 1 ao número do capítulo (1.8 da edição de leitura = 2.8 desta).

Prólogo

O budismo

1. Prólogo · *Dhammapada*, 277 (SuttaCentral) · “todas as condições são impermanentes” · «sabbe saṅkhārā aniccā» · [V-pi; tradução do estudo] · ver 1.3
2. Prólogo · *Sutta Nipāta*, 1.8, *Karaṇīyamettā Sutta* (SuttaCentral) · “protegeria com a própria vida o filho, seu filho único” · «mātā yathā niyaṃ puttaṃ» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo] · ver 1.6
3. Prólogo · *Saṃyutta Nikāya*, 22.59, *Anattalakkhaṇa Sutta* (SuttaCentral) · “isto não é meu” · «netaṃ mama» · [V-pi; V-en: Sujato] · ver 1.3
4. Prólogo · *Majjhima Nikāya*, 61, *Ambalaṭṭhikārāhulovāda Sutta* (SuttaCentral), 8.1–8.3 · o espelho “para refletir”, antes, durante e depois do ato · «paccavekkhaṇattho» · [V-pi; V-pt via inglês: Beisert; tradução do estudo] · ver 1.4
5. Prólogo · *Majjhima Nikāya*, 22, *Alagaddūpama Sutta* (SuttaCentral) · a jangada “para atravessar” · «nittharaṇatthāya» · [V-pi; V-en: Sujato] · ver 1.5
6. Prólogo · *Aṅguttara Nikāya*, 1.49–52 (SuttaCentral) · “luminosa […] é esta mente” · «pabhassaramidaṃ cittaṃ» · [V-pi; V-en: Thanissaro; tradução do estudo] · ver 1.8
7. Prólogo · *Dhammapada*, 85 · os poucos que “cruzam para a outra margem” · «pāragāmino» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo] · ver 1.9
8. Prólogo · *Dīgha Nikāya*, 16, 2.26 (SuttaCentral) · «attadīpā viharatha» · ilha ou lâmpada, sem decidir · [V-pi] · ver 1.9
9. Prólogo · *Saṃyutta Nikāya*, 44.10, *Ānanda Sutta* (SuttaCentral) · as duas razões do silêncio · [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase] · ver 1.8
10. Prólogo · Śāntideva, *Bodhicaryāvatāra*, Makara III, 18–19 (sânscrito 3.17–18); X, 55 (sânscrito 10.55) · “uma balsa, um barco, uma ponte”; ficar enquanto houver seres · [V-pt: Makara; V-skt] · ver 1.11
11. Prólogo · Nāgārjuna, *Mūlamadhyamakakārikā*, XXIV, 18 (GRETIL; Garfield) · a vacuidade é “o caminho do meio” · [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo] · ver 1.11
12. Prólogo · *Saṃyutta Nikāya*, 56.11, *Dhammacakkappavattana Sutta* (SuttaCentral) · os agregados tomados com apego são sofrimento; os dois extremos · [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase] · ver 1.2
13. Prólogo · *Aṅguttara Nikāya*, 3.65, *Kālāma Sutta*; *Majjhima Nikāya*, 63, *Cūḷamāluṅkya Sutta* · conhecer por si; os não declarados · [V-pi; paráfrase] · ver 1.8
14. Prólogo · frase que circula como do Buda · “não acreditem em nada só porque […]” · [V via secundária: Bodhipaksa; atribuição a confirmar] · ver 1.8

A tradição

1. Prólogo · Walpola Rahula, *What the Buddha Taught*, cap. VI · o Buda nega o Eu · [V-en: Rahula, cap. VI; paráfrase] · ver 3.1

2. Prólogo · Thanissaro Bhikkhu, “No-self or Not-self?” · “estratégia de não-eu” · [V-en: Thanissaro; tradução do estudo] · ver 3.1
3. Prólogo · Bhikkhu Anālayo · a mente luminosa como potencial a cultivar · [V-en: Anālayo; paráfrase; página a confirmar] · ver 1.8, 3.1
4. Prólogo · Leonard Priestley · os personalistas (*pudgalavāda*) · [V via secundária: Priestley] · ver 1.11
5. Prólogo · *Mahāparinirvāṇa Sūtra*, Taishō 374 · “eu” da natureza de Buda · [V-zh; tradução do estudo] · ver 1.11

O cânon e os escritos

1. Prólogo · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “pessoal, nunca individual”
2. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela”; “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”
3. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria”; “caminhar com atenção”
4. Prólogo · Cânon v1.2, “Origem” · “portá-la como mensagem”; “O eterno dança no tempo”; “elas apenas despertaram o que já esperava para nascer”
5. Prólogo · Cânon v1.2, “A Vigília” · “a perda, a doença, o acaso que desaba”; “promete presença, não vitória”
6. Prólogo · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “Ao despertar, antes de qualquer tela”
7. Prólogo · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”
8. Prólogo · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “continua no rio”; “refúgio” na voz de Mounier
9. Prólogo · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “a luz de cada um, entregue às águas de todos”
10. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · a Lux intus “não é ponto de chegada da vida moral, mas seu ponto de partida”
11. Prólogo · Disputatio da Luz Interior e do Mal, Objeção II · “o mal que se sofre”
12. Prólogo · decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · o veto “sem voz externa”
13. Prólogo · decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “a Lux admite graus de visão, nunca de valor”
14. Prólogo · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “a fonte continua sem nome no cânon”
15. Prólogo · decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a pluralidade “entra como estrutura, não como palavra da letra”
16. Prólogo · decisões n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · as duas fronteiras que o Estudo XIII, 4.9, registra
17. Prólogo · decisão n.º 9 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · o dano que não se quis entra no Examinar
18. Prólogo · decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a mesma frase diante da superfluidade, terceiro padrão da série
19. Prólogo · Ficha do Estudo I (outubro de 2026) · as oito frases · [Ficha, não cânon]

20. Prólogo · Estudos VII, 4.1; VIII, 4.6; IX, 4.6; X, 4.7; XI, 4.8; XII, 4.8; XIII, 4.9 · “o que não há: o Oriente” · [leitura do estudo]
21. Prólogo · Estudo XII, Prólogo · “A letra autoriza quem crê a dar à Luz o nome da sua fé; não autoriza o estudo a dá-lo” · [leitura do estudo]

Capítulo 1 — O budismo em sua melhor forma

O budismo

1. 1.1 · *Majjhima Nikāya* 26, 16.1, 17.1 e 26.1; *Majjhima Nikāya* 36 · [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase]
2. 1.1 · *Majjhima Nikāya* 36, 39.2 · “a treva foi banida e a luz surgiu” · «tamo vihato, āloko uppanno» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
3. 1.1 · *Dīgha Nikāya* 16, 2.25.10 e caps. 5–6 · “Tenho agora oitenta anos” · «Āsītiko me vayo vattati» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
4. 1.2 · *Saṃyutta Nikāya* 56.11, 2.1–2.4 · “o caminho do meio da prática” · «majjhimā paṭipadā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
5. 1.2 · *Saṃyutta Nikāya* 56.11, 4.2 · “os cinco agregados tomados com apego são sofrimento” · «pañcupādānakkhandhā dukkhā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
6. 1.2 · *Saṃyutta Nikāya* 56.11, 4.2 · “sofrimento”; “estresse” · «dukkha» · [V-en: Sujato; Thanissaro]
7. 1.2 · *Saṃyutta Nikāya* 56.11, 4.4–4.5 · “o desejo de não existir” · «vibhavataṇhā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
8. 1.2 · *Saṃyutta Nikāya* 56.11, 4.7 · “a cessação, sem resto, desse mesmo desejo” · «asesavirāganirodho» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
9. 1.2 · *Saṃyutta Nikāya* 56.11, 3.3 e 4.9–4.10 · «sammādiṭṭhi […] sammāsamādhi» · [V-pi; V-pt via inglês: Beisert]
10. 1.2 · *Saṃyutta Nikāya* 56.11, 11.2 · “está sujeito a cessar” · «nirodhadhammaṁ» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
11. 1.2 · *Saṃyutta Nikāya* 36.6, 2.1–2.3 · «kāyikaṁ, na cetasikaṁ» · [V-pi; paráfrase]
12. 1.3 · *Dhammapada* 277–279 · “Todas as coisas são não-eu” · «sabbe dhammā anattā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
13. 1.3 · *Saṃyutta Nikāya* 22.59, 2.1–2.5 · “A forma é não-eu” · «Rūpaṁ, bhikkhave, anattā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
14. 1.3 · *Saṃyutta Nikāya* 22.59, 7.1 · “Isto não é meu, eu não sou isto” · «netaṁ mama, nesohamasmi» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
15. 1.3 · *Saṃyutta Nikāya* 22.59, 11 · «nibbindati» · [V-pi; V-pt via inglês: Beisert]
16. 1.3 · *Saṃyutta Nikāya* 12.2, 2 · “A ignorância é requisito para as escolhas” · «avijjāpaccayā saṅkhārā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
17. 1.3 · *Saṃyutta Nikāya* 12.21, 1.8–1.9 · “Quando isto existe, aquilo vem a ser” · «imasmiṁ sati idaṁ hoti» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
18. 1.3 · *Saṃyutta Nikāya* 12.15, 3.1–3.3 · “O Realizado ensina pelo meio” · «majjhena tathāgato» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
19. 1.4 · *Majjhima Nikāya* 10, 2.1 · “o caminho que vai numa só direção” · «Ekāyano ayaṁ […] maggo» · [V-pi; tradução do estudo]

20. 1.4 · *Majjhima Nikāya* 10, 3.2 · “vive observando o corpo no corpo” · «kāye kāyānupassī viharati» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
21. 1.4 · *Majjhima Nikāya* 10, 5.3 · “só para conhecer e só para lembrar” · «ñāṇamattāya paṭissatimattāya» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
22. 1.4 · *Majjhima Nikāya* 118, 15.2 · [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase]
23. 1.4 · *Majjhima Nikāya* 61, 8.1–8.3 · “para que serve um espelho?” · «kimatthiyo ādāso?» · [V-pi; V-pt via inglês: Beisert; tradução do estudo]
24. 1.4 · *Majjhima Nikāya* 61, 9.2 · “a prejudicar ambos?” · «ubhayabyābādhāya» · [V-pi; tradução do estudo]
25. 1.4 · *Majjhima Nikāya* 61, 11.6–11.10 e 18.1 · “treinando dia e noite no que é hábil” · «ahorattānusikkhī kusalesu» · [V-pi; tradução do estudo]
26. 1.5 · *Dhammapada* 337 · “cavem a raiz do desejo” · «Taṇhāya mūlaṁ khaṇatha» · [V-pi; tradução do estudo]
27. 1.5 · *Dhammapada* 334–359 · «taṇhā» · [V-pt via inglês: Beisert; V-pt: Pedro Guimarães]
28. 1.5 · *Saṃyutta Nikāya* 51.15, 4.1–4.6 · «Chandeneva chandaṁ pajahissati» · [V-pi; paráfrase]
29. 1.5 · *Majjhima Nikāya* 22, 13.1 · “para atravessar, não para agarrar” · «nittharaṇatthāya, no gahaṇatthāya» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
30. 1.5 · *Majjhima Nikāya* 22, 14.1 · “abandonarão até os ensinamentos” · «dhammāpi vo pahātabbā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
31. 1.5 · *Majjhima Nikāya* 22, 37.5 · “o sofrimento e a cessação do sofrimento” · «dukkhañceva paññāpemi» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
32. 1.5 · *Majjhima Nikāya* 22, 40.1 · “o que não é de vocês” · «yaṁ na tumhākaṁ» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
33. 1.6 · *Sutta Nipāta* 1.8, 7.1–7.4 · “um coração sem limites” · «mānasaṁ bhāvaye aparimāṇaṁ» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
34. 1.6 · *Sutta Nipāta* 1.8, 8.4 · “sem estreiteza, sem ódio, sem rivalidade” · «asambādhaṁ averamasapattaṁ» · [V-pi; tradução do estudo]
35. 1.6 · *Aṅguttara Nikāya* 3.65, 42.1–42.4 · “de equanimidade” · «upekkhāsahagatena cetasā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
36. 1.6 · *Aṅguttara Nikāya* 11.15, 2.2 · “Dorme-se bem. Acorda-se feliz” · «Sukhaṁ supati, sukhaṁ paṭibujjhati» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
37. 1.6 · *Dhammapada* 5 · “aplaca-se pelo amor” · «averena ca sammanti» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
38. 1.7 · *Aṅguttara Nikāya* 6.63, 33.3 · “É a intenção que eu chamo de *kamma*” · «Cetanāhaṁ […] kammaṁ vadāmi» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
39. 1.7 · *Saṃyutta Nikāya* 36.21, 3.12–3.15 e 5.1–5.4 · “por obras passadas” · «sabbaṁ taṁ pubbekatahetū» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
40. 1.7 · *Majjhima Nikāya* 86, 2.1–2.3 · [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase]
41. 1.7 · *Majjhima Nikāya* 86, 5.8–5.9 · “Eu parei, Aṅgulimāla; pare você também” · «Ṭhito ahaṁ, aṅgulimāla» · [V-pi; tradução do estudo]
42. 1.7 · *Majjhima Nikāya* 86, 15.6 · “não me recordo de ter privado intencionalmente” · «nābhijānāmi sañcicca» · [V-pi; tradução do estudo; cf. Beisert]
43. 1.8 · *Majjhima Nikāya* 72, 19.10–19.18 · «tiṇakaṭṭhupādānaṁ paṭicca» · [V-pi; paráfrase]

44. 1.8 · *Majjhima Nikāya* 72, 20.2 · “como o grande oceano” · «seyyathāpi mahāsamuddo» · [V-pi; tradução do estudo]
45. 1.8 · *Majjhima Nikāya* 63, 5.6, 8.2 e 9.2 · «atthasaṁhita»; «Idaṁ dukkhan» · [V-pi; paráfrase]
46. 1.8 · *Saṃyutta Nikāya* 44.10, 1.3–1.7, 2.3–2.6 e 2.8–2.9 · “todas as coisas são não-eu?” · «anulomaṁ abhavissa ñāṇassa» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
47. 1.8 · *Aṅguttara Nikāya* 3.65, 41.3 · «Mā anussavena, mā paramparāya» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
48. 1.8 · *Aṅguttara Nikāya* 3.65, 41.4–41.5, 5–16, 27–32 e 53.2 · «saraṇaṁ gacchāma» · [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase]
49. 1.8 · *Aṅguttara Nikāya* 1.49–52 · “Luminosa, monges, é esta mente” · «Pabhassaramidaṁ, bhikkhave, cittaṁ» · [V-pi; V-en: Sujato; Thanissaro; tradução do estudo]
50. 1.9 · *Saṃyutta Nikāya* 1.1, 1.4–1.9 · “nem parando, nem nadando” · «appatiṭṭhaṁ anāyūhaṁ» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
51. 1.9 · *Dhammapada* 85 · “os que cruzam para a outra margem” · «pāragāmino» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
52. 1.9 · *Sutta Nipāta* 5.18, 1.3 · “a outra margem da velhice e da morte” · «jarāmaraṇassa pāraṁ» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
53. 1.9 · *Sutta Nipāta* 5.11, 3.1 · “a ilha sem outra além dela” · «etaṁ dīpaṁ anāparaṁ» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
54. 1.9 · *Saṃyutta Nikāya* 55.5, 2.3 e 2.6 · “é a corrente” · «maggo soto» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
55. 1.9 · *Dīgha Nikāya* 16, 6.6.12 · “destinado ao despertar” · «niyato sambodhiparāyaṇo» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
56. 1.9 · *Dīgha Nikāya* 16, 6.7.3 · “Perseverem com diligência” · «appamādena sampādetha» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
57. 1.9 · *Dīgha Nikāya* 16, 2.26.1 · «attadīpā viharatha attasaraṇā anaññasaraṇā» · [V-pi]
58. 1.9 · *Dīgha Nikāya* 16, 2.26.1 · “sejam a sua própria ilha, o seu próprio refúgio” · [V-en: Sujato; Thanissaro; Vajira–Story]
59. 1.9 · *Saṃyutta Nikāya* 22.43, nota · “ilha” · [V-en: Walshe-SN]
60. 1.9 · *Dīgha Nikāya* 16, 2.26.3–2.26.6 · «kāye kāyānupassī viharati» · [V-pi; V-en: Sujato]
61. 1.10 · *Dhammapada* 200 · “nós que nada possuímos” · «yesaṁ no natthi kiñcanaṁ» · [V-pi; tradução do estudo]
62. 1.10 · *Dīgha Nikāya* 31, 27.3 e 28.1–28.3 · “a leste, os pais” · «puratthimā disā mātāpitaro» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
63. 1.11 · *Mūlamadhyamakakārikā* XXIV, 18 · “é ela mesma o caminho do meio” · «sā prajñaptir […] madhyamā» · [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]
64. 1.11 · *Mūlamadhyamakakārikā* XXIV, 19 · “não existe coisa não vazia” · «aśūnyo hi dharmaḥ» · [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]
65. 1.11 · *Mūlamadhyamakakārikā* XXV, 19 · “Não há a menor diferença” · «na saṃsārasya nirvāṇāt» · [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]
66. 1.11 · *Mūlamadhyamakakārikā* XVIII, 6 · «ātmety api prajñapitam anātmety api deśitam» · [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]

67. 1.11 · *Bodhicaryāvatāra* III, 18–19 (sânscrito 3.17–18), Makara · “uma balsa, um barco, uma ponte” · «dīpārthināmahaṃ dīpaḥ» · [V-pt: Makara; V-skt]
68. 1.11 · *Bodhicaryāvatāra* VIII, 102, Makara · “O sofrimento não tem dono” · «asvāmikāni duḥkhāni» · [V-pt: Makara; V-skt]
69. 1.11 · *Bodhicaryāvatāra* VIII, 111–112, Makara · [V-pt: Makara; paráfrase]
70. 1.11 · *Bodhicaryāvatāra* VIII, 120, Makara · “trocar os termos ‘eu’ e ‘outro’” · «parātmaparivartanam» · [V-pt: Makara; V-skt]
71. 1.11 · *Bodhicaryāvatāra* X, 55 (sânscrito 10.55), Makara · “para afastar as dores do mundo” · «jagadduḥkhāni nighnataḥ» · [V-pt: Makara; V-skt]
72. 1.11 · Tsongkhapa, *Lamrim Chenmo*, vol. 2, Lamrim Chenmo Translation Committee · “a grande compaixão” · [V-en: Lamrim Chenmo Translation Committee; tradução do estudo]
73. 1.11 · *Tathāgatagarbhasūtra*, símile 1, Zimmermann · “contêm um tathāgata” · [V-en: Zimmermann; tradução do estudo]
74. 1.11 · *Mahāparinirvāṇa Sūtra*, Taishō 374, 407b9, CBETA · “o ‘eu’ é o sentido de *tathāgatagarbha*” · «我者即是如來藏義» · [V-zh; tradução do estudo]
75. 1.11 · Dōgen, *Shōbōgenzō*, “Genjōkōan”, 01:8, Soto Zen Text Project · “é esquecer-se de si” · 「自己をわするるなり」 · [V-ja; V-en: Soto Zen Text Project; tradução do estudo]
76. 1.11 · *Tannishō* III, Unno · “quanto mais a pessoa má” · [V-en: Unno; tradução do estudo]
77. 1.11 · *Sukhāvatīvyūha* maior, voto 19 · «saddharmapratikṣepa» · [V-skt; paráfrase]
78. 1.11 · *Saṃyutta Nikāya* 22.22, 6 · “portador do fardo” · «bhārahāro ca puggalo» · [V-pi; V via secundária: Priestley]
79. 1.11 · *Aṅguttara Nikāya* 8.51 · “ela é capaz, Ānanda” · «Bhabbo, ānanda, mātugāmo» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
80. 1.11 · *Aṅguttara Nikāya* 8.51 · «Vassasatūpasampannāya bhikkhuniyā» · [V-pi; paráfrase]

A tradição

1. 1.1 · Gethin, *The Foundations of Buddhism*, Oxford, 1998, p. 19; Gethin, 1992, p. 8; simpósio de Göttingen (Bechert, org.), via Wikipédia · [V via secundária: Wikipédia; tese a confirmar]
2. 1.4 · Bodhi, *Contemporary Buddhism* 12(1), 2011 · [V-en: resumo do artigo de Bodhi; paráfrase]
3. 1.8 · Bodhi, “A Look at the Kalama Sutta”, Acesso ao Insight · “omite toda menção da visão correta” · “omits all mention of right view” · [V-en: ensaio de Bodhi no Acesso ao Insight; tradução do estudo]
4. 1.8 · Bodhipaksa, fakebuddhaquotes.com · [V via secundária: Bodhipaksa; atribuição a confirmar]
5. 1.8 · Anālayo, *Journal of the Oxford Centre for Buddhist Studies* 13 (2017) · “uma potencialidade da mente” · “a potentiality of the mind” · [V-en: Anālayo; tradução do estudo]
6. 1.9 · Sujato, sobre *dīpa* e *dvīpa* · [V via secundária: Sujato]
7. 1.9 · Rhys Davids, *Dialogues of the Buddha* (SBE XI, 1881) · “lâmpadas para vocês mesmos” · “lamps unto yourselves” · [V via secundária: Rhys Davids; tese a confirmar]
8. 1.11 · Hubbard e Swanson (orgs.), *Pruning the Bodhi Tree*, 1997, p. vii · “Só a crítica é budismo” · [V-en: Hubbard–Swanson; tradução do estudo]

9. 1.11 · Priestley, *Pudgalavāda Buddhism*, Toronto, 1999 · [V via secundária: Priestley]
10. 1.11 · Thanissaro, “No-self or Not-self?”, 1996 · [V-en: Thanissaro; paráfrase]
11. 1.11 · Rahula, *What the Buddha Taught*, 1959, cap. VI · “único na história do pensamento humano” · [V-en: Rahula; tradução do estudo]
12. 1.11 · Batchelor, *Budismo sem crenças*, Palas Athena, 2005 · [tese a confirmar]
13. 1.11 · Anālayo, *The Foundation History of the Nuns’ Order*, 2016 · [V via secundária: anúncio do Numata Center]
14. 1.11 · Jerryson e Juergensmeyer, *Buddhist Warfare*, 2010; Tambiah, *Buddhism Betrayed?*, 1992 · [V via secundária: Jerryson e Juergensmeyer; tese a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 1.9 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns”, 2.º § · “A margem também é rio”

Capítulo 2 — Onde nos tocamos

O budismo

1. 2.1 · *Dīgha Nikāya* 16, 6.7, trad. Sujato (texto em 1.9) · “perseverem com diligência” · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
2. 2.1 · *Saṃyutta Nikāya* 12.21, 1.8–1.9, trad. Sujato (texto em 1.3) · “isto” e “aquilo” · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
3. 2.2 · *Majjhima Nikāya* 10 (texto em 1.4) · “numa só direção” · [V-pi; tradução do estudo]
4. 2.2 · *Majjhima Nikāya* 10, refrão, trad. Sujato (texto em 1.4) · “observando o corpo no corpo” · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
5. 2.3 · *Majjhima Nikāya* 61, § 17.6, trad. Sujato · “horrorizar-se, repugnar-se, enojar-se” · «aṭṭīyitabbaṁ harāyitabbaṁ jigucchitabbaṁ» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
6. 2.4 · *Saṃyutta Nikāya* 56.11, § 4.4, trad. Sujato (texto em 1.2) · “comprazendo-se aqui e ali” · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
7. 2.4 · *Saṃyutta Nikāya* 56.11, § 4.7 (texto em 1.2) · “o desvanecer e a cessação” · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
8. 2.4 · *Saṃyutta Nikāya* 45.8, trad. Sujato · “gera entusiasmo” · «chandaṁ janeti vāyamati vīriyaṁ ārabhati» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
9. 2.5 · *Suttanipāta* 1.8, trad. Sujato (texto em 1.6) · “coração sem limites”; “todas as criaturas” · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
10. 2.5 · Os Três Refúgios (o Buda, o *Dhamma*, a *Saṅgha*) · [paráfrase; localização a confirmar]
11. 2.6 · Śāntideva, *Bodhicaryāvatāra* III, 18–19 (sânscrito 3.17–18), Makara; GRETIL (texto em 1.11) · [V-skt; V-pt: Makara; paráfrase]
12. 2.6 · Śāntideva, *Bodhicaryāvatāra* X, 55 (sânscrito 10.55), Makara; GRETIL (texto em 1.11) · [V-skt; V-pt: Makara; paráfrase]
13. 2.6 · Śāntideva, *Bodhicaryāvatāra* VIII, 111–112, Makara; GRETIL 8.111–112 · [V-skt; V-pt: Makara; paráfrase]
14. 2.7 · *Aṅguttara Nikāya* 1.49–52, trad. Sujato (texto em 1.8) · “luminosa, monges, é esta mente”; “chegam de fora” · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]

15. 2.8 · *Aṅguttara Nikāya* 3.65, §§ 26.2–26.3 (texto em 1.8) · “louvado pelos sábios” · «viññuppasatthā» · [V-pi; paráfrase]
16. 2.9 · *Saṃyutta Nikāya* 44.10, 2.5–2.7, trad. Sujato (texto em 1.8) · “todas as coisas são não-eu” · «sabbe dhammā anattā’ti» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
17. 2.9 · *Saṃyutta Nikāya* 44.10, 2.8–2.9, trad. Sujato · «sammūḷhassa vacchagottassa bhiyyo sammohāya abhavissa» · [V-pi; V-en: Sujato; paráfrase]

A tradição

1. 2.1 · Platão, *Crátilo* 402a, trad. Jowett · “compara as coisas à corrente de um rio e diz que não se pode entrar duas vezes na mesma água” · “he compares them to the stream of a river, and says that you cannot go into the same water twice” · [V-en: Jowett; tradução do estudo]
2. 2.1 · A comparação Heráclito–Buda, sem intérprete nomeado · [tese a confirmar]
3. 2.2 · Bhikkhu Bodhi, artigo sobre *sati*, *Contemporary Buddhism* 12(1), 2011 · “memória” · «memory» · [V-en: resumo do artigo de Bodhi; paráfrase]
4. 2.4 · *Wikipédia* em inglês, “Chanda (Buddhism)”, citando Bodhi, *Abhidhammattha Saṅgaha*, 1999, p. 82 · [V via secundária: *Wikipédia*; paráfrase]
5. 2.4 · Anālayo, *From Craving to Liberation*, 2009, p. 63 · [V-en: Anālayo; paráfrase; página a confirmar]
6. 2.6 · Tsongkhapa, *Lamrim chenmo*, vol. 2, pp. 29–30, trad. Lamrim Chenmo Translation Committee, 2004, citando Kamalaśīla (texto em 1.11) · “única causa do nirvana não-assentado”; “a grande compaixão” · «The sole cause of the non-abiding nirvana of the bhagavans is great compassion» · [V-en: Lamrim Chenmo Translation Committee; tradução do estudo; página a confirmar]
7. 2.7 · Anālayo, “The Luminous Mind in Theravāda and Dharmaguptaka Discourses”, *Journal of the Oxford Centre for Buddhist Studies* 13 (2017; ano a confirmar), pp. 10–51 · “uma natureza inerente já existente” · «an already existing inherent nature» · [V-en: Anālayo; tradução do estudo; página a confirmar]
8. 2.7 · *Tathāgatagarbhasūtra*, símile 1, Zimmermann, *A Buddha Within*, 2002, p. 105 (texto em 1.11) · “contêm um tathāgata” · «all sentient beings contain a tathagata» · [V-en: Zimmermann; tradução do estudo; página a confirmar]
9. 2.7 · *Mahāparinirvāṇa Sūtra*, Taishō 374, 407b9–11 (texto em 1.11) · [V-zh; paráfrase]
10. 2.8 · Bhikkhu Bodhi, “A Look at the Kalama Sutta”, Acesso ao Insight · “Carta do Livre Exame” · «the Buddha’s Charter of Free Inquiry» · [V-en: ensaio de Bodhi no Acesso ao Insight; tradução do estudo]
11. 2.8 · Bodhi, “A Look at the Kalama Sutta” · “foi dita num contexto específico” · «has been stated in a specific context» · [V-en: ensaio de Bodhi no Acesso ao Insight; tradução do estudo]
12. 2.8 · Bodhi, “A Look at the Kalama Sutta” · «a deepened faith in the Buddha as teacher» · [V-en: ensaio de Bodhi no Acesso ao Insight; paráfrase]
13. 2.9 · Thanissaro Bhikkhu, “Selves & Not-self”, Acesso ao Insight, 2011 · [V-en: Thanissaro; paráfrase; página a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 2.1 · Cânon v1.2, “Origem” · “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações”

2. 2.1 · Catecismo, 2 · “um rio que não para de correr”
3. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero”
4. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II (Prática) · “o que recebi que me trouxe até aqui?”
5. 2.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “Presença: estar inteiro onde o corpo está”; “Sem tela, sem multitarefa”
6. 2.2 · Catecismo, 18 · “tem o corpo à mesa e a atenção em outro lugar”
7. 2.2 · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” · “gosto de reação, não de presença”; “antes de lembrar quem estava respondendo”
8. 2.2 · Meditações Práticas, “O sabbath do fluxo” · “quase automática”
9. 2.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I (Prática) · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”
10. 2.3 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “Encerrar com gratidão a alguém do passado”; “que mensagem carrego através disto?”
11. 2.3 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “o exame de um juiz severo”; “com honestidade e sem crueldade”
12. 2.3 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “revela onde ela ficou coberta”
13. 2.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “sem apego ansioso ao que passa”
14. 2.4 · Catecismo, 15 · “não se agarra ao que o rio leva”
15. 2.4 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “vira lamparina de museu”
16. 2.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a luz de cada um, entregue às águas de todos”
17. 2.5 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro”; “lugar seguro no rio”; “a quem chega até nós”
18. 2.5 · Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve” · “é o que há para entregar”
19. 2.5 · Catecismo, 31 · “o olhar do outro não a cria, mas pode ser o primeiro a vê-la”
20. 2.5 · Catecismo, 36 · “há uma luz devida ao outro”
21. 2.6 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a lamparina posta no rio: a luz de cada um, entregue às águas de todos”
22. 2.7 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “O valor de cada pessoa é intrínseco”; “A luz não se acende — ela se revela”
23. 2.7 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar”
24. 2.7 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta”
25. 2.7 · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” · “parar de fingir que não existe”
26. 2.8 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?”; “apenas veta os que exigiriam apagar a luz”
27. 2.9 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem crê, a Luz tem nome próprio”
28. 2.9 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “deliberadamente deixa em aberto”
29. 2.5 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “O Abrigo não vai até a substituição”

30. 2.3 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “A gratidão do Examinar é o lugar da dívida aos mortos”
31. 2.7 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “O sol é estrutura”
32. 2.8 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”
33. 2.7 · Decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “estrutura, nunca nome da Luz”
34. 2.3 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “o Examinar é o que a irreflexão dispensa”
35. 2.1 · Ficha do Estudo I · “lemos o mesmo mundo em fluxo” · [Ficha, não cânon]
36. 2.2 · Ficha do Estudo I · “o Corpus e o sati recusam a vida no automático” · [Ficha, não cânon]
37. 2.4 · Ficha do Estudo I · “a Mutatio ecoa o diagnóstico do apego como raiz do sofrer” · [Ficha, não cânon]
38. 2.5 · Ficha do Estudo I · “compaixão (mettā)”; “a interioridade que transborda em cuidado” · [Ficha, não cânon]
39. 2.6 · Ficha do Estudo I · “não queremos sair do rio — queremos atravessá-lo portando mensagem” · [Ficha, não cânon]
40. 2.9 · Estudo XII, Prólogo · “A letra autoriza quem crê a dar à Luz o nome da sua fé; não autoriza o estudo a dá-lo” · [leitura do estudo]

Capítulo 3 — Onde nos separamos

O budismo

1. 3.1 a 3.8 · passagens do budismo dadas com original e marcador em 1.2, 1.3, 1.4, 1.5, 1.7, 1.8, 1.9 e 1.11, como as remissões do corpo indicam · [V-pi; V-skt; V-zh]
2. 3.1 · *Mūlamadhyamakakārikā* XXIV, 7, trad. Garfield, 1995 · «śūnyatāṃ śūnyatārthaṃ ca tata evaṃ vihanyase» · [V-skt; V-en: Garfield; paráfrase]
3. 3.5 · *Majjhima Nikāya* 135, 4.1–4.3, e 101, 2.5, SuttaCentral, trad. Sujato · [V-pi; V-en: Sujato; hipótese do estudo]
4. 3.6 · *Aṅguttara Nikāya* 3.65, § 42 · “com a mente acompanhada de equanimidade” · «upekkhāsahagatena cetasā» · [V-pi; tradução do estudo]
5. 3.6 · *Bodhicaryāvatāra* VIII, 101–102, Makara, 2013 · “o sofrimento não tem dono” · «asvāmikāni duḥkhāni sarvāṇy evāviśeṣataḥ» · [V-skt; V-pt: Makara]
6. 3.9 · os Três Refúgios (*saraṇa*) · [paráfrase; localização a confirmar; fórmula não conferida]
7. 3.9 · *Aṅguttara Nikāya* 3.65 (*Kālāma Sutta*) · “louvado pelos sábios” · «viññuppasatthā» · [V-pi; tradução do estudo]

A tradição

1. 3.1 · Walpola Rahula, *What the Buddha Taught*, Grove Press, ed. rev. 1974, cap. VI · “único na história do pensamento humano ao negar a existência de tal Alma, Eu ou *Ātman*” · “stands unique in the history of human thought in denying the existence of such a Soul, Self, or Atman” · [V-en: Rahula, cap. VI; tradução do estudo; página a confirmar]

2. 3.1 · Mark Siderits, *Personal Identity and Buddhist Philosophy*, Ashgate, 2003, pp. 7 e 11 · “enquanto o carro é, em última instância, irreal, ele é convencionalmente real” · “while the chariot is ultimately unreal, it is conventionally real” · [V-en: Siderits; página a confirmar; tradução do estudo]
3. 3.1 · Thanissaro Bhikkhu, “No-self or Not-self?”, Acesso ao Insight, 1996 · “o ensinamento do *anattā* não é uma doutrina de não-eu, mas uma estratégia de não-eu […]” · “the anatta teaching is not a doctrine of no-self, but a not-self strategy […]” · [V-en: Thanissaro; tradução do estudo]
4. 3.1 · Steven Collins, *Selfless Persons*, Cambridge, 1982, p. 12 · o tabu linguístico · [original a transcrever] · [V via secundária: pesquisa de fontes do estudo; paráfrase]
5. 3.1 · Peter Harvey, *The Selfless Mind*, Curzon, 1995, p. 246 · “tal Eu não é explicitamente negado” · [original a transcrever] · [V via secundária: pesquisa de fontes do estudo; paráfrase]
6. 3.1 · Leonard Priestley, *Pudgalavāda Buddhism*, Toronto, 1999, cap. 4 (Kuiji) · [V via secundária: Priestley; edição a confirmar]
7. 3.1 · Anālayo, “The Luminous Mind in Theravāda and Dharmaguptaka Discourses”, *Journal of the Oxford Centre for Buddhist Studies* 13 (2017; ano a confirmar), pp. 10–51 · “e não um retorno a uma natureza inerente já existente” · “rather than being a return to an already existing inherent nature” · [V-en: Anālayo; página a confirmar; tradução do estudo]
8. 3.2 · Maurice Walshe, *Samyutta Nikaya: An Anthology*, BPS, 1985, n. 1 a *SN* 22.43 (“ilha”) · [V-en: Walshe-SN]; em *DN* 16 · [tese a confirmar]
9. 3.2 · T. W. Rhys Davids, *Dialogues of the Buddha*, SBE 11, 1881 · *dīpa* como “lâmpada” · [V via secundária: victorsway.eu; tese a confirmar]
10. 3.4 e 3.6 · leitura corrente da tradição, autor não conferido · [tese a confirmar]
11. 3.9 · Bhikkhu Bodhi, “A Look at the Kalama Sutta”, Acesso ao Insight · os Kālāmas não eram discípulos · [V-en: ensaio de Bodhi no Acesso ao Insight; paráfrase]
12. 3.9 · Walpola Rahula, *What the Buddha Taught*, cap. 1, p. 5 · “não importa como se chame” · “It does not matter what you call it.” · [V-en: Rahula; tradução do estudo; página a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 3.1 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “eu sem a minha luz sou uma mentira”
2. 3.1 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a luz é pessoal, nunca individual […]”
3. 3.1 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “o fechamento, não a singularidade”
4. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “a pessoa possui um núcleo que não é feito daquilo que ela produz […]”
5. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “um vazio que precisa ser preenchido por mérito, esforço ou reconhecimento externo”
6. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito […]”
7. 3.1 · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” · “ainda não é ninguém — não é o cargo […]”
8. 3.2 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a margem também é rio”
9. 3.2 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “parou numa margem”

10. 3.2 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “Quem atraca está consigo, não desolado, e continua no rio”
11. 3.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “quem resiste ao fluxo é arrastado”
12. 3.3 · Cânon v1.2, “Origem” · “manter a luz acesa enquanto se navega o fluxo […] portá-la como mensagem”
13. 3.3 · Catecismo, 14 · “suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo […]”
14. 3.4 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “a perda, a doença, o acaso que desaba”
15. 3.4 · Tratado da Vigília, “O problema que responde” · “para quem as sofre ela nada prescreve”
16. 3.4 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “explicar o sofrimento é consolá-lo; logo, ele não deve ser explicado”
17. 3.4 · Tratado da Vigília, “Definição” · “promete presença, não vitória”
18. 3.5 · Tratado da Vigília, “Definição” · “O lobo é o mal que alguém inflige […] com ou sem intenção; a irreflexão não é noite”
19. 3.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I; “Regra de Vida” · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”; “alguém do passado que tornou o dia possível”
20. 3.5 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “em voz baixa ou numa frase escrita”
21. 3.5 · Catecismo, 36 · “não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro”
22. 3.6 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “ninguém ficará sem luz dentro da noite”
23. 3.6 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “vela quem fica, passe a noite ou não”
24. 3.6 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “onde a mente não suporta ficar, a Vigília fica”
25. 3.6 · Tratado da Vigília, “O problema que responde” · “a partir de quem está nela”
26. 3.6 · Disputatio, “Objeção III” · “tornar-se indiferença moral disfarçada de serenidade”
27. 3.7 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria”
28. 3.7 · Meditações Práticas, “A celebração maior” · “O templo também dança”
29. 3.7 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “presença encarnada”; “meio dia sem produzir nada. Só ser”
30. 3.8 · Tratado da Vigília, “Segunda objeção” · “a Vigília não depende de nenhuma das duas leituras”
31. 3.9 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “não persegue um refúgio, mas um reunir de forças”
32. 3.5 · Decisão n.º 5 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · o lobo “com ou sem intenção”
33. 3.5 · Decisão n.º 9 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “o dano que não se quis entra no Examinar”
34. 3.6 · Decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “o Abrigo revela e nada exige”
35. 3.6 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “não vai até a substituição”
36. 3.5 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · o perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça
37. 3.5 · Decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “a fronteira entre noite e lobo passa pelo ato, não pela pessoa”
38. 3.1 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o Bem não é nome da Luz”

39. 3.9 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “a própria Luz na pessoa, sem voz externa”
40. 3.9 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · a Bússola “percebe o particular e veta”
41. 3.4 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “padrão para os clássicos que virão”
42. 3.7 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · o sabbath do fluxo como não-ato, “não é contemplação”
43. 3.1 · Decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “estrutura, nunca nome da Luz”
44. 3.2 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”
45. 3.2 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “estar consigo”
46. 3.4 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a mesma frase, diante da superfluidade
47. 3.10 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a pluralidade entra como estrutura, não como palavra da letra
48. 3.1 · Ficha do Estudo I · “núcleo pessoal”; “agregados sem eu”; “dignidade vs. vacuidade” · [Ficha, não cânon]
49. 3.3 · Ficha do Estudo I · “navegar vs. desembarcar […] queremos atravessá-lo portando mensagem” · [Ficha, não cânon]
50. 3.4 · Ficha do Estudo I · “o apego como raiz do sofrer” · [Ficha, não cânon]
51. 3.7 · Ficha do Estudo I · “celebração vs. renúncia: a transcendência passa pela matéria” · [Ficha, não cânon]
52. 3.8 · Ficha do Estudo III · “sobre o depois do rio, silêncio respeitoso” · [Ficha, não cânon]
53. 3.9 · Ficha do Estudo III · “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial” · [Ficha, não cânon]
54. 3.10 · Ficha do Estudo I · as oito afirmações da lista · [Ficha, não cânon]
55. 3.4 · Estudo XIII, 4.9 · as decisões n.º 7 (Estudo XI) e n.º 6 (Estudo XII) não foram estendidas às casas do Oriente · [leitura do estudo]
56. 3.7 · Estudo XI · o meio-termo de Aristóteles · [leitura do estudo]

Capítulo 4 — O budismo diante das casas da série

O budismo

1. 4.1 · *Majjhima Nikāya* 22, 37.5, trad. Sujato (texto em 1.5) · “what I describe is suffering and the cessation of suffering” · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
2. 4.1 · *Saṃyutta Nikāya* 56.11, 4.7, trad. Sujato (texto em 1.2) · “the fading away and cessation of that very same craving no residue left behind” · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
3. 4.2 · *Saṃyutta Nikāya* 12.15, 3.1–3.2, trad. Sujato (texto em 1.2) · “‘All exists’: this is one extreme. ‘All does not exist’: this is the second extreme” · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
4. 4.2 · *Saṃyutta Nikāya* 56.11, 4.5, trad. Sujato · “craving for nonexistence” · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
5. 4.2 · *Suttanipāta* 1.8, 7.1–7.4, trad. Sujato (texto em 1.6) · “unfold a boundless heart” · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]

6. 4.4 · *Saṃyutta Nikāya* 56.11, 2.4, trad. Sujato · “the middle way of practice” · «majjhimā paṭipadā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
7. 4.4 · *Dhammapada* 277, trad. Sujato (texto em 1.3) · “All conditions are impermanent” · «sabbe saṅkhārā aniccā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
8. 4.4 · Nāgārjuna, *Mūlamadhyamakakārikā* XXIV, 18, trad. Garfield · “Is itself the middle way” · «saiva madhyamā» · [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]
9. 4.5 · *Dhammapada* 337 (texto em 1.5) · «Taṇhāya mūlaṁ khaṇatha» · [V-pi; tradução do estudo]
10. 4.6 · Dōgen, *Shōbōgenzō*, “Genjōkōan” · “To study oneself is to forget oneself” · [V-ja; V-en: Soto Zen Text Project; tradução do estudo]
11. 4.8 · Nāgārjuna, *Mūlamadhyamakakārikā* XXVII, 30, trad. Garfield · “Who through compassion / Taught the true doctrine” · [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]
12. 4.8 · *Majjhima Nikāya* 63, 7–8 · «atthasaṁhitaṁ» · [V-pi; tradução do estudo]
13. 4.8 · *Saṃyutta Nikāya* 22.59, 6–7, trad. Sujato · “This is not mine, I am not this, this is not my self” · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
14. 4.8 · *Saṃyutta Nikāya* 44.10, 1.3–1.7 · o Buda cala-se diante da pergunta sobre o eu · [V-pi; paráfrase]
15. 4.8 · *Ratnagotravibhāga* I, comentário aos vv. 35–38 · o extremo dos *tīrthika* e o dos *śrāvaka* · [V-skt; tradução do estudo; página a confirmar]
16. 4.8 · *Mahāparinirvāṇa Sūtra*, Taishō 374, 407b · «我者即是如來藏義» · [V-zh; tradução do estudo]
17. 4.8 · *Mumonkan*, caso 6, trad. Sekida, pp. 41–42 · “the Marvelous Mind of Nirvana, […] independent of words and transmitted beyond doctrine” · [V-en: Sekida; tradução do estudo]

A tradição

1. 4.1 · Hegel, via Estudo VII, 4.1 · “o nada e o não-ser é o último e o mais alto” · «Religion des Insichseins» · [V via secundária: Estudo VII, 4.1; tradução do estudo]
2. 4.1 · Roger-Pol Droit, *Le culte du néant* (1997), via Estudo VII, 4.1 · “culto do nada” · [V via secundária: Estudo VII, 4.1; livro não aberto]
3. 4.1 · Deyve dos Santos (2014) · Hegel usa fontes de sua época · [V via secundária: Estudo VII, 4.1; paráfrase]
4. 4.2 · Schopenhauer, *O mundo como vontade e como representação* II, cap. 17, trad. Haldane–Kemp · “concede to Buddhism the pre-eminence over the rest” · «dem Buddhaismus den Vorzug» · [V-de via Zeno; V-en: Haldane–Kemp; tradução do estudo]
5. 4.2 · Schopenhauer, *O mundo* I, § 71 · «diese unsere so sehr reale Welt mit allen ihren Sonnen und Milchstraßen – Nichts» · [V-de via Zeno; V-en: Haldane–Kemp; tradução do estudo]
6. 4.2 · Nietzsche, *O Anticristo* 20, trad. Mencken · “a hundred times as realistic as Christianity”; “In Buddha’s teaching egoism is a duty” · «nicht durch Feindschaft kommt Feindschaft zu Ende» · [V-de via Zeno; V-en: Mencken; tradução do estudo]
7. 4.2 · Nietzsche, *Genealogia da moral*, Prólogo, 5 · «Europäer-Buddhismus» · [V-de via Zeno; tradução do estudo]
8. 4.3 · Levinas, *Totality and Infinity* (Lingis), p. 102, via Estudo VIII, 4.6 · “without any contribution from an alleged Oriental thought” · [V-en; tradução do estudo]

9. 4.3 · Levinas, *Totality and Infinity* (Lingis), p. 218, via Estudo VIII, 4.6 · “should not be traced back to any oriental wisdom” · [V-en; tradução do estudo]
10. 4.3 · Levinas, *Entre nós*, pp. 149–150, via Estudo VIII, 4.6 · “O único valor absoluto é a possibilidade humana de dar, em relação a si, prioridade ao outro” · [V-pt]
11. 4.3 · Ricoeur, *Autobiografia intelectual*, p. 32; *O mal*, p. 67; *O si-mesmo como um outro*, p. 136 (ed. esp.), via Estudo IX, 4.6 · “memória finita”; “diálogo prolongado entre o judaico-cristianismo e o budismo”; “quase-budismo” de Parfit · [V-es via secundária: Estudo IX, 4.6]
12. 4.4 · Jaspers (segundo Carroll Quigley, 1962), Buber e Wong, via Estudo X, 4.7 · pessoas lado a lado · [V via secundária: Estudo X, 4.7]
13. 4.4 · Christopher Beckwith, *Greek Buddha* (2015); resenha de Jerker Blomqvist, *Bryn Mawr Classical Review* 2016.02.32 · “Many of the conclusions are controversial” · [V-en; tradução do estudo]
14. 4.4 · Estudo XI, 4.8: as três aproximações de Aristóteles · [tese a confirmar]
15. 4.5 · Agostinho, *A Cidade de Deus* VIII, 9, via Estudo XII, 4.8 · “a todos eles pomos à frente dos demais e confessamos mais próximos de nós” · [V-lat; tradução do estudo]
16. 4.5 · Pedro Guimarães, tradução do *Dhammapada*, capítulo de *Dhp* 334–359 · *taṇhā* por “concupiscência” e “cobiça” · [V-pt: Guimarães; página a confirmar]
17. 4.6 · Verbete “Kyoto School”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy* · “frequently invited him to his house to learn about Zen”; “overcoming nihilism by way of passing through nihilism” · [V-en: SEP]
18. 4.6 · Heidegger, “Aus einem Gespräch von der Sprache”, na citação de Parkes, nota 98 · “posed a number of perspicacious questions about the special nature of Japanese thought” · [V-en via secundária: Parkes; tese a confirmar]
19. 4.6 · Hubbard e Swanson, *Pruning the Bodhi Tree* (1997), p. vii · Hakamaya e Matsumoto · [V-en: Hubbard–Swanson; paráfrase]
20. 4.7 · Schopenhauer, *O mundo* I, § 16, trad. Haldane–Kemp · “a wooden, stiff lay-figure of which nothing can be made” · «ein hölzerner, steifer Gliedermann»; «Weltüberwinder und freiwilligen Büßer» · [V-de via Zeno; V-en: Haldane–Kemp; tradução do estudo]
21. 4.7 · Gindin, *Tricycle* (2017) · semelhanças e a jangada · [V via secundária; paráfrase]

O cânon e os escritos

1. 4.2 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “o mal que ninguém causou: a perda, a doença, o acaso que desaba”; “promete presença, não vitória”
2. 4.2 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “casa”, “braços”, “lugar seguro”; “quem chega até nós”
3. 4.3 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “dá o exemplo cristão e não gradua os outros nomes da Luz”; “seja qual for o nome”
4. 4.4 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “meio dia sem produzir nada”
5. 4.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “apego ansioso ao que passa”
6. 4.7 · Cânon v1.2, Parte III · os estoicos entre os interlocutores dos tratados
7. 4.8 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns”, 3.º § · “pessoal, nunca individual”
8. 4.6 · Tratado da Luz Interior, “Definição”, 3.º § · “vazio que precisa ser preenchido”
9. 4.4 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”, 4.º § · Heráclito como interlocutor do fluxo

10. 4.8 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”, 6.º § · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
11. 4.8 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · o Abrigo “não vai até a substituição”
12. 4.4 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida”
13. 4.5 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · a fronteira do escravo por natureza e da mulher
14. 4.5 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”; “para os clássicos cristãos”
15. 4.5 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a mesma frase, diante de quem perde o lugar no mundo
16. 4.9 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “aceita de Arendt a pluralidade e recusa a aparição”
17. 4.1 · Estudo VII, 4 (abertura), 4.1 e 4.7 · “visita casas, não as gradua”; “segue Hegel na pergunta, não nos rótulos”
18. 4.8 · Estudo VII, 4.4 · o *ātman* da *Katha Upaniṣad* II.18–19 como eco da luz interior
19. 4.3 · Estudo VIII, 4.6 · Independência confessional e “os gregos e a Bíblia”
20. 4.3 · Estudo IX, 4.6 · “o cânon não responde, porque nada lhe foi perguntado”
21. 4.4 · Estudo X, 1.2 e 4.7 · o cuidado (*epimeleia*) da alma; a recusa da ponte com o *Fédon* 64a
22. 4.4 · Estudo XI, 3.3 · a mediania de Aristóteles
23. 4.5 · Estudo XII, 4.8 · “isso é achado, não lacuna”
24. 4.5 · Estudo XIII, 4.9 · “Há pouco a citar aqui, e o estudo o diz”
25. 4.7 · Ficha do Estudo II · Marco Aurélio, *Meditações* IV.43; Sêneca, *Sobre a ira* III.36; Epicteto, *Encheiridion* 1 · [Ficha, não cânon]
26. 4.8 · Ficha do Estudo III · “vinde a mim os cansados” (Mt 11,28); “a filosofia não decide por ninguém” · [Ficha, não cânon]
27. 4.8 · Ficha do Estudo IV · “o rio tem margens — não é véu (*māyā*)” · [Ficha, não cânon]
28. 4.8 · Ficha do Estudo VI · o *wu wei*, impessoal contra pessoal · [Ficha, não cânon]

Capítulo 5 — A Ficha e as prévias: o que a série já disse do budismo

O budismo

1. 5.1 · *Dhammapada* 277 (*Maggavagga*), SC, Sujato · “Todas as condições são impermanentes” · «sabbe saṅkhārā aniccā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
2. 5.1 · *DN* 16, 6.7.3 (*Mahāparinibbāna Sutta*), SC, Sujato · “As condições se desfazem. Perseverem com diligência.” · «vayadhammā saṅkhārā appamādena sampādethā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
3. 5.1 · *MN* 10 (*Satipaṭṭhāna Sutta*), 3.2, SC · “vive observando o corpo no corpo, ardente, ciente e atento” · «kāye kāyānupassī viharati ātāpī sampajāno satimā» · [V-pi; tradução do estudo]
4. 5.1 · *SN* 56.11, § 4.2 (*Dhammacakkappavattana Sutta*), SC, Sujato · “Em resumo, os cinco agregados tomados com apego são sofrimento” · «saṅkhittena pañcupādānakkhandhā

dukkhā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]

5. 5.1 · *SN* 56.11, § 4.4, SC, Sujato · “o desejo que leva a vidas futuras” · «yāyaṁ taṇhā ponobbhavikā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
6. 5.1 · *Sutta Nipāta* 1.8 (*Karaṇīyamettā Sutta*), SC, Sujato · “por todas as criaturas, cultive-se um coração sem limites” · «sabbabhūtesu mānasaṁ bhāvaye aparimāṇaṁ» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
7. 5.1 · *AN* 3.65, 42.1–42.4 (*Kālāma Sutta*), SC · «mettāsahagatena cetasā […] karuṇāsahagatena cetasā […] muditāsahagatena […] upekkhāsahagatena cetasā» · [V-pi; paráfrase]
8. 5.1 · *SN* 22.59, § 2.1 (*Anattalakkhaṇa Sutta*), SC, Sujato · “A forma é não-eu” · «Rūpaṁ, bhikkhave, anattā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
9. 5.1 · *SN* 22.59, § 7.1, SC, Sujato · “Isto não é meu, eu não sou isto, isto não é meu eu” · «netaṁ mama, nesohamasmi, na meso attā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
10. 5.1 · *SN* 44.10 (*Ānanda Sutta*), 1.3–1.7, SC · “Mestre Gotama, o eu existe?” · «kiṁ nu kho, bho gotama, atthattā?» · [V-pi; tradução do estudo]
11. 5.1 · *MN* 22, 13.1 (*Alagaddūpama Sutta*), SC, Sujato · “uma jangada: para atravessar, não para agarrar” · «nittharaṇatthāya, no gahaṇatthāya» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
12. 5.1 · *BCA*, Makara III, 18 (sânscrito 3.17), GRETIL · “para os que querem cruzar, possa eu ser […] uma ponte” · «pārepsūnāṃ ca naubhūtaḥ setuḥ saṅkrama eva ca» · [V-pt: Makara; V-skt; página a confirmar]
13. 5.1 · *BCA*, Makara X, 55 (sânscrito 10.55), GRETIL · “possa eu permanecer para afastar as dores do mundo” · «tāvanmama sthitirbhūyāj jagadduḥkhāni nighnataḥ» · [V-pt: Makara; V-skt; página a confirmar]
14. 5.1 · *SN* 56.11, § 2.4, SC, Sujato · “Evitando esses dois extremos, o Realizado compreendeu o caminho do meio da prática” · «ete kho […] ubho ante anupagamma majjhimā paṭipadā tathāgatena abhisambuddhā» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
15. 5.1 · *MMK* XXIV, 18, GRETIL; Garfield, *Fundamental Wisdom*, OUP, 1995, p. 69 · “[…] sendo designação dependente, é ela mesma o caminho do meio” · «sā prajñaptir upādāya pratipat saiva madhyamā» · [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]
16. 5.2 · *SN* 56.11, § 4.7, SC, Sujato · “o desvanecer e a cessação, sem resto, desse mesmo desejo” · «asesavirāganirodho cāgo paṭinissaggo mutti anālayo» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
17. 5.2 · *MN* 22, 37.5, SC, Sujato · “o que descrevo é o sofrimento e a cessação do sofrimento” · «dukkhañceva paññāpemi, dukkhassa ca nirodhaṁ» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
18. 5.2 · *Dhammapada* 85, SC, Sujato · “Poucos são, entre os humanos, os que cruzam para a outra margem” · «appakā te manussesu, ye janā pāragāmino» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]
19. 5.3 · *MN* 61 (*Ambalaṭṭhikārāhulovāda Sutta*), §§ 8–18, SC · “Para que serve um espelho? […] Para refletir.” · «kimatthiyo ādāso? […] paccavekkhaṇattho» · [V-pi; tradução do estudo]
20. 5.3 · *AN* 1.49–52 (*Pabhassara Sutta*), SC; PTS *A* i 10 · “Luminosa, monges, é esta mente; e está maculada por máculas que chegam de fora” · «pabhassaramidaṁ […] cittaṁ; tañca kho āgantukehi upakkilesehi upakkiliṭṭhaṁ» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo]

21. 5.3 · *DN* 16, 2.26, SC; *dīpa*, “ilha” ou “lâmpada”, sem decidir · «attadīpā viharatha attasaraṇā anañña saraṇā» · [V-pi]
22. 5.3 · *BCA*, Makara III, 19 (sânscrito 3.18), GRETIL · “possa eu ser uma ilha […], uma lamparina para quem deseja luz” · «dīpārthināmahaṃ dīpaḥ śayyā śayyārthināmahaṃ» · [V-pt: Makara; V-skt; página a confirmar]

1. 5.3 · *MMK* XXV, 19, GRETIL; Garfield, p. 75 · “nenhuma diferença entre a existência cíclica e o nirvāṇa” · «na saṃsārasya nirvāṇāt kiṃcid asti viśeṣaṇam» · [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo]

A tradição

1. 5.1 · Thanissaro, “No-self or Not-self?”, Access to Insight, 1996 · “estratégia de não-eu” · «a not-self strategy» · [V-en: Thanissaro; tradução do estudo]
2. 5.2 · Ricoeur, *Autobiografia intelectual*, p. 32, via Estudo IX, 4.6 · “minha memória finita” · [V-es via Estudo IX; original a transcrever]
3. 5.2 · Ricoeur, *O mal*, p. 67, via Estudo IX, 4.6 · “diálogo prolongado” · [V-es via Estudo IX; original a transcrever]
4. 5.3 · Thanissaro, nota 1 a *AN* 1.49, Access to Insight · “a mente luminosa é a mente que o meditador procura desenvolver” · «the luminous mind is the mind that the meditator is trying to develop» · [V-en: Thanissaro; tradução do estudo]
5. 5.3 · Thanissaro, mesma nota · “as máculas […] não são intrínsecas à sua natureza” · «not intrinsic to its nature» · [V-en: Thanissaro; tradução do estudo]
6. 5.3 · Anālayo, “The Luminous Mind in Theravāda and Dharmaguptaka Discourses”, *JOCBS* 13, pp. 10–51 · “uma potencialidade da mente que precisa ser realizada pelo cultivo meditativo” · «a potentiality of the mind that requires being brought about […]» · [V-en: Anālayo; tradução do estudo; página a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 5.1 · Cânon, “Origem”, 2.º § · “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações”
2. 5.1 · Cânon, “Origem”, 2.º § · “manter a luz acesa enquanto se navega o fluxo: […] portá-la como mensagem”
3. 5.1 · Cânon, “Origem”, 2.º § · “cada pessoa carrega uma luz interior atemporal”
4. 5.1 · Cânon, “Quatro Pilares”, IV · “Presença: estar inteiro onde o corpo está.”
5. 5.1 · Cânon, “Quatro Pilares”, IV · “Sem tela, sem multitarefa.”
6. 5.1 · Cânon, “Quatro Pilares”, III · “Disponibilidade: prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa.”
7. 5.1 · Cânon, “O Abrigo” · “A luz interior não é só para ver — é para aquecer.”
8. 5.1 · Cânon, “O Abrigo” · “o que oferecemos a quem chega até nós”
9. 5.1 · Cânon, “As Águas Comuns” · “a luz é pessoal, nunca individual”
10. 5.1 · Cânon, “As Águas Comuns” · “A margem também é rio”
11. 5.1 · Cânon, “Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria.”
12. 5.1 · Cânon, “Quatro Pilares”, I · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância.”

13. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Definição”, 2.º § · “um núcleo que não é feito daquilo que ela produz, conquista ou acumula”
14. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Definição”, 3.º § · “um vazio que precisa ser preenchido por mérito, esforço ou reconhecimento externo”
15. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “a dignidade precede o mérito”
16. 5.1 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “Quem atraca está consigo, não desolado, e continua no rio.”
17. 5.1 · Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve” · “A interioridade do Pilar I não é negada: é o que há para entregar.”
18. 5.3 · Cânon, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”
19. 5.2 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “fronteira da série: padrão para os clássicos que virão”
20. 5.2 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte”
21. 5.2 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “‘nenhuma pessoa está fora da Lux’ diz-se também diante da superfluidade, como terceiro padrão da série”
22. 5.1 · Ficha I, 1.º toque · “O rio e a impermanência (anicca, Dhammapada 277): lemos o mesmo mundo em fluxo.” · [Ficha, não cânon]
23. 5.1 · Ficha I, 2.º toque · “Presença e atenção plena (Satipaṭṭhāna Sutta): o Corpus e o sati recusam a vida no automático.” · [Ficha, não cânon]
24. 5.1 · Ficha I, 3.º toque · “Disponibilidade e não-apego: a Mutatio ecoa o diagnóstico do apego como raiz do sofrer.” · [Ficha, não cânon]
25. 5.1 · Ficha I, 4.º toque · “Abrigo e compaixão (mettā): a interioridade que transborda em cuidado.” · [Ficha, não cânon]
26. 5.1 · Ficha I, 1.ª fronteira · “Luz atemporal vs. anattā (SN 22.59): onde o budismo vê agregados sem eu, afirmamos um núcleo pessoal que o fluxo não dissolve.” · [Ficha, não cânon]
27. 5.1 · Ficha I, 2.ª fronteira · “Navegar vs. desembarcar: não queremos sair do rio — queremos atravessá-lo portando mensagem.” · [Ficha, não cânon]
28. 5.1 · Ficha I, 3.ª fronteira · “Celebração vs. renúncia: a transcendência passa pela matéria.” · [Ficha, não cânon]
29. 5.1 · Ficha I, 4.ª fronteira · “Dignidade vs. vacuidade (śūnyatā): afirmamos valor pessoal irredutível.” · [Ficha, não cânon]
30. 5.1 · Estudo XI, “Como ler este estudo” · “apontamentos do fundador, não cânon” · [leitura do estudo]
31. 5.2 · Estudo VII, 4.1 · “O Estudo I tocou o budismo na impermanência, na atenção plena, no não-apego […] e na compaixão” · [leitura do estudo]
32. 5.2 · Estudo VII, 4.1 · “*nibbāna* é extinção da sede, não do ser” · [leitura do estudo]
33. 5.2 · Estudo VII, 4.7 · “O estudo segue Hegel na pergunta, não nos rótulos” · [leitura do estudo]
34. 5.2 · Estudo VIII, 4.6 · “o estudo não inventa um diálogo” · [leitura do estudo]
35. 5.2 · Estudo IX, 4.6 · “O cânon não responde, porque nada lhe foi perguntado.” · [leitura do estudo]

36. 5.2 · Estudo X, 4.7 · “Essas pontes, sem intérprete nomeado, seriam do estudo [hipótese do estudo], e ele não as faz.” · [leitura do estudo]
37. 5.2 · Estudo XI, 4.8 · “a impermanência com o tempo-número da *Física* IV”; “o estudo não afirma nenhuma” · [leitura do estudo; tese a confirmar]
38. 5.2 · Estudo XII, 4.8 · “budismo, vedanta e taoísmo não estão no texto de Agostinho, e isso é achado, não lacuna” · [leitura do estudo]
39. 5.2 · Estudo XIII, 4.9 · “Há pouco a citar aqui, e o estudo o diz.”; “nenhuma decisão as estende às casas do Oriente” · [leitura do estudo]

Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

O budismo

1. 6.2, 6.3 · *Majjhima Nikāya*, 61 (SuttaCentral), 8.1–8.3 · o espelho “para refletir”, antes, durante e depois do ato · «paccavekkhaṇattho» · [V-pi; V-pt via inglês: Beisert; tradução do estudo] · ver 1.4
2. 6.2 · *Majjhima Nikāya*, 10 (SuttaCentral) · “vive observando o corpo no corpo” · «kāye kāyānupassī viharati» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo] · ver 1.4
3. 6.2, 6.3 · *Dhammapada*, 85 · “cruzam para a outra margem” · «pāragāmino» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo] · ver 1.9
4. 6.3 · *Aṅguttara Nikāya*, 1.49–52 · “luminosa […] é esta mente” · «pabhassaramidaṃ cittaṃ» · [V-pi; V-en: Thanissaro; tradução do estudo] · ver 1.8
5. 6.3 · Śāntideva, *Bodhicaryāvatāra*, Makara III, 18–19 (sânscrito 3.17–18); X, 55 (sânscrito 10.55) · “uma balsa, um barco, uma ponte”; ficar enquanto houver seres · [V-pt: Makara; V-skt] · ver 1.11
6. 6.3 · *Aṅguttara Nikāya*, 6.63 · o *kamma* é a intenção · [V-pi; paráfrase] · ver 1.7
7. 6.3 · Nāgārjuna, *Mūlamadhyamakakārikā*, XXIV, 18 · a vacuidade é “o caminho do meio” · [V-skt; V-en: Garfield; tradução do estudo] · ver 1.11
8. 6.3 · *Aṅguttara Nikāya*, 3.65, *Kālāma Sutta* · “louvado pelos sábios” · «viññuppasatthā» · [V-pi; tradução do estudo] · ver 1.8, 3.9
9. 6.3, 6.4 · *Dhammapada*, 5 · “o ódio nunca se aplaca pelo ódio” · «na hi verena verāni» · [V-pi; V-en: Sujato; tradução do estudo] · ver 1.6
10. 6.3, 6.4 · *Majjhima Nikāya*, 86, *Aṅgulimāla Sutta* · o assassino detido e acolhido · [V-pi; paráfrase] · ver 1.7
11. 6.3 · *Majjhima Nikāya*, 22; *Saṃyutta Nikāya*, 56.11 · a extinção da sede, não do ser · [V-pi; paráfrase] · ver 1.5, 4.1
12. 6.3, 6.5 · *Dīgha Nikāya*, 16, 2.26 · «attadīpā viharatha» · ilha ou lâmpada, sem decidir · [V-pi] · ver 1.9
13. 6.4, 6.5 · *Saṃyutta Nikāya*, 22.59, *Anattalakkhaṇa Sutta* · “isto não é meu” · «netaṃ mama» · [V-pi; V-en: Sujato] · ver 1.3
14. 6.5 · *Dhammapada*, 277 · “todas as condições são impermanentes” · «sabbe saṅkhārā aniccā» · [V-pi; tradução do estudo] · ver 1.3

A tradição

1. 6.3 · Bhikkhu Anālayo · a mente luminosa como potencial a cultivar · [V-en: Anālayo; paráfrase; página a confirmar] · ver 1.8
2. 6.3 · Bhikkhu Bodhi, ensaio sobre o *Kālāma Sutta* (Acesso ao Insight) · a correção à leitura de “livre-exame” · [V-en: ensaio de Bodhi; paráfrase] · ver 1.8
3. 6.4 · Martin Heidegger; Keiji Nishitani · o diálogo com o Japão · [tese a confirmar] · ver 4.6

O cânon e os escritos

1. 6.1, 6.5 · Catecismo, 2 · “um rio que não para de correr”
2. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “sem apego ansioso ao que passa”
3. 6.1, 6.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”; “A luz não se acende — ela se revela”; “anterior a qualquer conquista ou circunstância”
4. 6.1, 6.2, 6.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria”; “estar inteiro onde o corpo está”; “caminhar com atenção”; “sem tela, sem multitarefa”
5. 6.4 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · gratidão a “alguém do passado que tornou o dia possível”
6. 6.1, 6.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a margem também é rio”; “pessoal, nunca individual”
7. 6.1, 6.5 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “a luz de cada um, entregue às águas de todos”; os três lugares da lamparina
8. 6.1 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “promete presença, não vitória”
9. 6.2 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · a Lux intus “não é ponto de chegada da vida moral, mas seu ponto de partida”
10. 6.2 · decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a pluralidade “entra como estrutura, não como palavra da letra”; a aparição recusada é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser vista
11. 6.2 · decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “a Lux admite graus de visão, nunca de valor”
12. 6.3 · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · o sol e o intelecto agente, estrutura, nunca nome da Luz
13. 6.3 · decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · o veto, “a própria Luz na pessoa, sem voz externa”
14. 6.3 · decisão n.º 5 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · o lobo “com ou sem intenção”
15. 6.3 · decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · a justiça devida ao lobo fica aberta até o tratado
16. 6.3 · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · o perdão da vítima ao lobo fica para o tratado
17. 6.3, 6.4 · decisão n.º 9 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · o dano que não se quis entra no Examinar
18. 6.3, 6.4 · decisões n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII; n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · as três fronteiras da série
19. 6.1, 6.3 · Ficha do Estudo I (outubro de 2026) · as oito frases · [Ficha, não cânon]

20. 6.3 · Estudo VII, 4.1 · “*nibbāna* é extinção da sede, não do ser” · [leitura do estudo]
21. 6.3 · Estudo XIII, 4.9 · as fronteiras não estendidas ao Oriente · [leitura do estudo]

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES

Conferências pendentes

Este estudo traz 82 passagens marcadas para conferir e 607 marcas de verificação ao todo. Nada abaixo é doutrina: são dados de fonte, página e edição que a leitura cuidadosa de um exemplar em mãos pode fechar. Os itens estão numerados entre parênteses dentro de cada célula. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

Tipo	O que falta
Edições não abertas	(1) As traduções impressas de Bodhi (*The Connected Discourses*, *The Numerical Discourses*), de Ñāṇamoli e Bodhi (*The Middle Length Discourses*) e de Walshe (*The Long Discourses*): a nota de Bodhi a *AN* 1.49–52, a leitura de Bodhi e a de Walshe de *attadīpā* em *DN* 16 e a numeração das edições impressas ficam [tese a confirmar]. (2) *Dhammapada* de Nissim Cohen (Palas Athena) e a antologia do mesmo tradutor (Devir, 2008): nenhuma foi aberta, e as traduções do estudo para o *Dhammapada* ficam "a cotejar com Cohen". (3) *O que o Buda ensinou*, de Rahula: tradutor e editora não confirmados; o estudo leu o inglês. (4) As traduções inglesas do *Bodhicaryāvatāra* de Crosby e Skilton e de Wallace: lacuna declarada; todos os versos de Śāntideva estão ancorados no sânscrito de GRETIL, mas o cotejo com elas não foi feito, e o tibetano de Makara III, 18–19, que desdobra *dīpa* em "ilha" e "lamparina", não foi verificado. (5) Norman (*Dhammapada*, *Sutta Nipāta*) e as edições da PTS: nomeadas; a numeração PTS só vai onde o Acesso ao Insight a dá. (6) A edição de Johnston e a leitura de Takasaki do *Ratnagotravibhāga*: lido só o sânscrito de GRETIL. (7) Obras de intérpretes só nomeadas: Gethin, Gombrich, Harvey (*Introduction*), Williams, Lopez, McMahan, Jerryson e Juergensmeyer, Tambiah, Batchelor, Anālayo (*Foundation History*), Bodhi ("Anatta as Strategy and Ontology"), Siderits (*Buddhism as Philosophy*), Droit, Beckwith, Nishitani, Heidegger, e as edições brasileiras de Barboza e de Souza. (8) Brasileiros e portugueses só nomeados: Sasaki, Monteiro, Redyson, Usarski, Borges, Ferraro, Padma Samten, Tanahashi. (9) Edições primárias por conferir: o *Zazen wasan* de Hakuin (impresso e a tradução de Ōmori), o *Lamrim chenmo* (edição de publicação), os capítulos de *Pruning the Bodhi Tree* além da Introdução. (10) Hegel, Levinas, Ricoeur, Jaspers, Buber, Platão, Aristóteles e Agostinho chegam só pelos Estudos VII a XIII; nenhuma obra foi reaberta.
Passagens com [página a confirmar], [localização a confirmar] ou [tese a confirmar], por capítulo e seção	**Prólogo**: (1) a nota de Bodhi a *AN* 1.49–52 e a leitura de *attadīpā* [tese]. (2) A "lâmpada" de Rhys Davids e a leitura de Walshe [tese]. (3) O diálogo de Heidegger com o Japão e a Escola de Kyoto [tese]. (4) Anālayo, página. **Cap. 1**: (5) 1.1, a divisão do cânon em coleções [localização]; a biografia do príncipe, Lumbinī, Piprahwa e Tilaurakot, a cronologia (Gethin, Göttingen, Norman), o primeiro concílio e a escrita do cânon [tese]. (6) 1.3, a leitura de *dhammā* como tudo, condicionado ou não [tese]. (7) 1.6, *upekkhā* distinta da indiferença [tese]. (8) 1.8, Bodhipaksa [atribuição]. (9) 1.9, Rhys Davids [tese]. (10) 1.10, *Vinaya* e *pāṭimokkha* [localização]. (11) 1.11, Nāgārjuna (séculos II–III) e Śāntideva (século VIII) [tese]; Batchelor [tese]; Jerryson e Tambiah [tese]. **Cap. 2**: (12) 2.1, Heráclito e o Buda [tese]. (13) 2.3, *MN* 61 e o exame laico [tese]. (14) 2.4, Anālayo, *From Craving to Liberation*, p. 63. (15) 2.5, os Três Refúgios [localização]. (16) 2.6, Tsongkhapa, pp. 29–30. (17) 2.7, Anālayo, ano e páginas; Zimmermann, p. 105. (18) 2.9, Thanissaro, "Selves & Not-self", página. **Cap. 3**: (19) 3.1, Rahula, cap. VI, página; Siderits, pp. 7 e 11; Collins, p. 12, e Harvey, p. 246 [original a transcrever]; Priestley, edição. (20) 3.2, Walshe em *DN* 16 e Rhys Davids [tese]. (21) 3.4, os três modos de *dukkha* [tese]. (22) 3.6, *upekkhā* [tese]. (23) 3.9, os Três Refúgios [localização; fórmula não conferida]; Rahula, cap. 1, p. 5. (24) 3.10, Heráclito [tese]. **Cap. 4**: (25) 4.1, a paráfrase "*nibbāna* é extinção da sede, não do ser" [localização]. (26) 4.4, Heráclito e as três aproximações de Aristóteles [tese]. (27) 4.5, Arendt [localização]; Guimarães, página. (28) 4.6, as quatro primeiras leituras ocidentais, Heidegger e Hisamatsu, Parkes [tese]. (29) 4.7, comparação acadêmica

Tipo	O que falta
	entre a Stoa e o budismo [tese]. (30) 4.8, a angústia e o *dukkha*; o Chan; a cena do *Mumonkan* sem texto indiano [tese]; *Ratnagotravibhāga*, páginas. (31) 4.9, as primeiras leituras [tese]. **Cap. 5**: (32) 5.1, Heráclito [tese]. (33) 5.2, a paráfrase do *nibbāna* [localização]; Aristóteles [tese]. (34) Fontes, Makara III, 18–19 e X, 55, páginas; Ricoeur, *Autobiografia intelectual* e *O mal* [original a transcrever]; Anālayo, página. **Cap. 6**: (35) 6.4, McMahan e Purser; Heidegger e Nishitani [tese]; Anālayo, página.
Passagens traduzidas pelo estudo	(1) Do páli, a partir do inglês de Sujato ou de Thanissaro e conferidas no páli, entre outras: *Dhp* 5, 85, 200, 277–279 e 337; *SN* 56.11 (2.1–2.4, 4.2, 4.4–4.7, 11.2); *SN* 22.59; *SN* 12.2, 12.15 e 12.21; *SN* 44.10; *MN* 10, 22, 36, 61, 63, 72 e 86; *AN* 1.49–52, 3.65, 6.63 e 11.15; *Sn* 1.8, 5.11 e 5.18; *DN* 16 e 31. "A cotejar com Bodhi (*SN*, *AN*), com Ñāṇamoli e Bodhi (*MN*), com Walshe (*DN*) e, no *Dhammapada*, com Nissim Cohen." (2) Do sânscrito, a partir de Garfield e de Siderits e Katsura: *MMK* XVIII, 6; XXIV, 7, 18 e 19; XXV, 19; XXVII, 30. Do *Ratnagotravibhāga* e do *Sukhāvatīvyūha*, só o sânscrito de GRETIL. "A cotejar com Crosby–Skilton" nos versos do *Bodhicaryāvatāra* (III, 17–18; VIII, 101–102 e 120; X, 55), que o estudo cita em português pela Makara. (3) Do inglês: Tsongkhapa (Lamrim Chenmo Translation Committee), Zimmermann, Unno, Sekida, Soto Zen Text Project (*Genjōkōan*), Hubbard e Swanson, Rahula, Siderits, Thanissaro, Anālayo, Bodhi, Garfield, Jowett (*Crátilo*), o verbete da *Stanford Encyclopedia*, Parkes e a resenha de Blomqvist. (4) Do alemão: Schopenhauer e Nietzsche, conferidos no alemão (Zeno.org) e no inglês (Haldane–Kemp; Mencken), não nas edições brasileiras de Barboza e de Souza. (5) Do chinês: *Mahāparinirvāṇa Sūtra*, T 374, 405b7–8 e 407b9–11. Do japonês: *Genjōkōan*. (6) Do latim, do espanhol e do francês: Agostinho (*Cidade de Deus* VIII, 9), Ricoeur e Droit chegam pelos Estudos VII, IX e XII, já em tradução, e não foram refeitos. (7) As traduções portuguesas de Beisert são feitas do inglês, e não do páli, e levam [V-pt via inglês]; cada passagem do estudo que se apoia nelas deve ser cotejada com o páli.
As traduções fixadas e a convenção páli/sânscrito	(1) *Saṅkhārā*, "condições" nos versos (*Dhp* 277; *DN* 16) e "formações" só para o quarto agregado; mas no cap. 1.3 o estudo escreve "escolhas" para *saṅkhārā* em *SN* 12.2 (palavra de Sujato), uma terceira vertente que a convenção do Prólogo não prevê. Falta decidir se "escolhas" fica, com nota, ou se volta a "condições". (2) *Pabhassara*, "luminosa" (Sujato, Thanissaro); Beisert verte *mano* por "mente". (3) *Tathāgata*, "o Realizado" (Sujato); Beisert escreve "Tathagata". (4) *Taṇhā*, "desejo" (Beisert); Guimarães, "cobiça" e "concupiscência"; *upādāna*, "apropriação" (leitura do estudo), contra o "apego" de Beisert. (5) *Chanda*, "o querer que move". (6) *Dukkha*, "sofrimento"; "estresse" só como escolha de Thanissaro; "insatisfatoriedade" aparece em 1.3. Outros pares sem decisão: *sammāsaṅkappo* ("propósito ou pensamento", 1.2), *anattā*, *sati*, *ekāyano maggo*. (7) *Pāra*, sempre "a outra margem"; "margem" sem "outra" é só a do cânon. (8) A convenção: páli para o cânon páli, sânscrito para o Mahāyāna, com a tradução na primeira ocorrência de cada capítulo. Exceções a conferir: *Mahāparinibbāna Sutta* (*DN* 16) contra *Mahāparinirvāṇa Sūtra* (T 374), que o estudo distingue pelo nome; *dīpa* no páli e *dvīpa*/*dīpa* no sânscrito; *nibbāna* no páli e "nirvāṇa não-assentado" no tibetano; *Amitābha* no *Sukhāvatīvyūha* e "Amida" no *Tannishō*; *jiko* no japonês de Dōgen.
A controvérsia *dīpa* (ilha ou lâmpada)	(1) *DN* 16, 2.26.1, *attadīpā viharatha*: Sujato, Thanissaro e Vajira–Story, "ilha"; Walshe-SN, "ilha" (*SN* 22.43, nota 1); Rhys Davids, "lâmpada", por fonte que o estudo não abriu; a leitura de Walshe em *DN* 16 e a de Bodhi não foram conferidas. (2) *BCA* III, 18–19 (sânscrito 3.17–18): no sânscrito, "ilha" e "lamparina" são uma só palavra, *dīpa* (GRETIL); a Makara, feita do tibetano, a desdobra em duas, e o tibetano não foi verificado. (3) *Sn* 5.11, 3.1, "ilha sem outra além dela" (*dīpa*), traduzida por Sujato. (4) A versão chinesa do *DN* 16 (燈燃) só chegou por nota de fórum. (5) O estudo diz "ilha ou lâmpada, sem decidir" em cada lugar; a lamparina do cânon não traduz *dīpa* nem se apoia em *DN* 16 (1.9, 3.2, 3.3, 6.5). Nenhuma decisão do estudo.

Tipo	**O que falta**
SN 44.10	(1) As duas razões do silêncio de 2.5–2.7 (dizer que o eu existe não favoreceria o conhecimento de que "todas as coisas são não-eu") e de 2.8–2.9 (dizer que não existe deixaria Vacchagotta mais confuso). (2) As seções variam entre os capítulos: o cap. 1.8 dá "2.3 e 2.5–2.6" e "2.4 e 2.8–2.9"; os caps. 2.9 e 3.1 dão "2.5–2.7" e "2.8–2.9"; a Fonte 46 do cap. 1 dá "2.3–2.6 e 2.8–2.9". Em SuttaCentral, 2.5 abre a primeira razão, 2.6 traz a frase de *anattā* e 2.7 a resposta "não", de modo que 2.5–2.7 é o trecho completo. (3) O estudo traduz do páli e conferiu o páli, mas o sutta não foi cotejado com Bodhi (*SN*). (4) A leitura de Thanissaro do silêncio como recusa da pergunta vem de "No-self or Not-self?" e de "Selves & Not-self", cuja página fica a confirmar.
A numeração	(1) SuttaCentral contra PTS: o estudo usa a de SuttaCentral; da PTS só entram *AN* 1.49–52 = *A* i 10, *SN* 22.43 = *S* iii 42 e *AN* 3.131 (Bodhi, 3.129) = *A* i 282. Falta a PTS de *MN*, *DN* e *Dhp*. (2) Makara contra sânscrito no *BCA*: III, 18–19 = sânscrito 3.17–18, e o estudo escreve as duas numerações; os demais versos citados (VIII, 101–102, 111–112 e 120; X, 55) levam o mesmo número na Makara e em GRETIL, mas não foram conferidos verso a verso. (3) *DN* 16: 2.25.10 (a idade), 2.26 (*attadīpā*, citado ora como "2.26", ora como "2.26.1" ou "2.26.3–2.26.6"), 6.6.12 e 6.7 (citado também como "6.7.3"); a Fonte 3 do cap. 1 cita "caps. 5–6" sem seção. (4) *SN* 56.11: as seções citadas são 2.1–2.4, 3.3, 4.2, 4.4–4.5, 4.7, 4.9–4.10 e 11.2; falta conferir se a divisão coincide com a que o leitor verá em SuttaCentral, e o estudo mistura "§" e a notação de ponto. (5) *AN* 3.65: a fórmula "mā anussavena…" ocorre nas seções 4.1, 25.3, 26.1 e 41.3 de SuttaCentral; o estudo cita 41.3, e a pesquisa de fontes anotou 25.3–5 e 26.1 para a mesma fórmula; *viññuppasatthā*, 26.2–26.3; as moradas, 42.1–42.4; o refúgio, 53.2. (6) *SN* 22.59: citada ora por "§§ 2 e 6–7", ora por "2.1–2.5", "7.1" e "11". (7) Rhys Davids contra o estudo: ver a linha das divergências.
Intérpretes conhecidos só por intermediário ou só nomeados	(1) Por intermediário: Collins (*Selfless Persons*, p. 12) e Harvey (*The Selfless Mind*, p. 246), cujas cópias abertas não tinham texto legível, com o original a transcrever; Priestley (Kuiji, Vinītadeva, Vasubandhu, o *pudgalavāda*); Hubbard–Swanson (Hakamaya e Matsumoto); Parkes (Heidegger, Tezuka, Barrett); a *Stanford Encyclopedia* (Nishitani); Blomqvist (Beckwith); a Wikipédia (Gethin, Göttingen, Norman, a cronologia de Gombrich, Bodhi sobre *chanda*); Redyson e as resenhas (Cohen, Sasaki, Monteiro, Usarski); Rhys Davids (por um sítio partidário); Hegel, Droit, Santos, Levinas, Ricoeur, Jaspers, Buber, Wong e Agostinho (pelos Estudos VII a XII). (2) Gombrich: o PDF não tinha camada de texto, o reconhecimento óptico não devolveu o conteúdo, e o estudo não lhe atribui tese; a atribuição de que *anattā* é "não é *ātman*" ficou de fora. (3) Só nomeados: Gethin, Harvey (*Introduction*), Williams, Lopez, McMahan, Jerryson, Tambiah, Batchelor, Nyanaponika, Anālayo (*Nuns' Order*), Siderits (2007), Cohen, Usarski, Borges, Ferraro, Padma Samten. (4) Lia Diskin e Plínio Tsai: nada foi localizado. A crítica de Bodhi e de Thanissaro a Batchelor, anunciada no plano do estudo, não foi encontrada. (5) Heidegger e Hisamatsu (1958): a conversa se conta e não foi verificada [tese a confirmar]; o interlocutor japonês de "Aus einem Gespräch von der Sprache" é lido como Tezuka por Parkes.
As frases virais e o que se achou	(1) "A dor é inevitável, o sofrimento é opcional": falsa; vem da tradição dos doze passos (M. Kathleen Casey, 1983); o ensino é compatível com *SN* 36.6, a segunda flecha. (2) "A mente é tudo. Você se torna o que pensa": não é escritural; no máximo paráfrase livre de *Dhp* 1–2 ou de *MN* 19; a forma mais antiga achada é de R. W. Trine, 1897. (3) Guardar a raiva como brasa quente: não canônica; paráfrase de Buddhaghosa, *Visuddhimagga* IX, 23, via Borysenko, 1987. (4) "Mil velas" (uma vela acende mil velas): "fakeish"; vem de *The Teaching of Buddha* (Bukkyō Dendō Kyōkai), sem paralelo em páli. (5) "Não acredite em nada só porque você ouviu": leitura calamitosa do *Kālāma Sutta*, *AN* 3.65; a forma viral aparece em 1956 e, antes, em U Ba Khin (1951); "agrees with reason" não está no sutta. (6) "Três coisas não ficam muito tempo escondidas: o sol, a lua e a verdade": deformada de *AN* 3.131 (*Paṭicchannasutta*); a forma viral mais antiga achada é de 2003. (7) Um sétimo caso, "sê a tua própria lâmpada", não é falsa: é *DN* 16, 2.26.1, com a controvérsia *dīpa* declarada e sem

Tipo	O que falta
	decisão. (8) O Prólogo diz que o estudo "diz o que é apócrifo (ver 4.9)", mas 4.9 não traz essas frases; só o *Kālāma* é tratado, em 1.8, e as outras cinco ficam sem lugar no texto: ou entram, ou a remissão sai.
Datas duvidosas	(1) As duas cronologias do Buda: a longa (c. 563–483 a.C.) e a curta (c. 480–400 a.C., simpósio de Göttingen, 1988; Norman); Gombrich, c. 404/405 a.C. A escolha é da tradição, e as fontes são secundárias. (2) O pilar de Aśoka em Lumbinī, c. 250 a.C.; a escrita do cânon no Sri Lanka, século I a.C.; o Mahāyāna, séculos I a.C. a I d.C. [localização]; Nāgārjuna, séculos II–III, e Śāntideva, século VIII [tese]. (3) Unno, *Tannishō*: 1984 (Buddhist Study Center Press) contra 1996 (a sigla da pesquisa). (4) Bodhi, "A Look at the Kalama Sutta": 1988 na fonte e © 1998 no rodapé do Acesso ao Insight. (5) Anālayo, *JOCBS* 13: 2017 provável, ano a confirmar. (6) Collins, *Selfless Persons*: 1982 contra 1990 (Wikipédia). (7) Gethin: 1992 (cap. 1.1, sem título), 1998 (*Foundations*) e 2001 (*Path to Awakening*). (8) Cohen, *Dhammapada*: 2004, 2005 ou 2000, a primeira edição por esclarecer. (9) Batchelor, *After Buddhism*: 2015 ou 2017. (10) Kabat-Zinn: *Contemporary Buddhism* 11 ou 12(1), 2011.
Divergências de edição e dados	(1) Rhys Davids: o estudo escreve *Dialogues of the Buddha* (SBE XI, 1881); SBE XI parece ser *Buddhist Suttas* (1881), e *Dialogues of the Buddha* é outra obra do mesmo tradutor, de outra série. Título, série e ano precisam de um exemplar, que a pesquisa não conseguiu abrir. (2) Walshe-SN (1985, "ilha" em *SN* 22.43) contra Walshe-DN (1987; 1995), não aberta: a leitura do segundo em *DN* 16 não decorre da do primeiro. (3) Zimmermann, p. 105: inferida dos marcadores de página; p. 103 para o primeiro símile. (4) Anālayo: *JOCBS* 13, pp. 10–51, ano a confirmar; *From Craving to Liberation*, pp. 33 e 63. (5) Rahula: edição revisada de 1974 contra a de 1959; cap. VI, página; cap. 1, p. 5; a editora e o tradutor em português não confirmados. (6) Collins e Harvey: o Prólogo diz que as cópias abertas não tinham texto legível; uma parte da pesquisa registrou as páginas (Collins, p. 12; Harvey, p. 246) como lidas na impressa. O estudo segue o Prólogo, trata os dois como intermediário e deixa o original a transcrever. (7) Williams: uma parte da pesquisa marca [V-en] e outra diz obra não aberta; o estudo a trata como nomeada. (8) Priestley: edição e editora a confirmar. (9) Garfield, pp. 69 e 75: paginação da cópia digitalizada. (10) Makara: todas as páginas ficam a confirmar. (11) Beisert: a tradução de *AN* 8.51 não existe em SuttaCentral. (12) Guimarães, *A senda da verdade*, e Cohen, *A senda da virtude*: títulos próximos que não devem se confundir; a edição impressa de Guimarães falta. (13) *Mumonkan*, caso 6: Sekida, pp. 41–42; a cena vem de fonte do Chan do século XIII, sem texto indiano. (14) Cap. 6.1 diz "nove toques, nove fronteiras"; o cap. 5 propõe cinco toques e quatro fronteiras: são contagens de coisas diferentes (o que o estudo achou, o que entraria na Ficha), mas convém dizê-lo na leitura final.
O que a decisão do fundador pode resolver	Nada nas conferências é doutrina. À decisão do fundador cabem: (1) as perguntas abertas (be) a (bn) e as herdadas (g), (j) e (k); (2) a fórmula (6.2), entre a do estudo, "aceita a atenção e recusa a chegada", e as quatro candidatas de 3.10; (3) a Ficha reescrita (5.3, questão (bn)); (4) os registros de procedimento: a comparação entre Heráclito e o Buda, que nenhum intérprete localizado sustenta com obra e página, e a paráfrase do Estudo VII, "*nibbāna* é extinção da sede, não do ser", que a letra de *MN* 22 e de *SN* 56.11 apoia; (5) o homônimo "margem" no glossário (bh) e a entrada de "atenção" e "chegada" na fórmula, não na letra. O que as conferências fecham é só o dado de fonte.

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens do budismo foram conferidas, quando possível, no páli (SuttaCentral) ou no sânscrito dos originais, com as traduções inglesas e portuguesas à vista (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); o que não foi conferido em edição brasileira ou portuguesa vai como [V-pi], [V-skt], [V-en] ou tradução do estudo (ver o Apêndice B).

Marca	Total	Corpo	Aparato
[V-pi; tradução do estudo]	176	78	98
[leitura do estudo]	81	65	16
[V-pi]	63	31	32
[V-en; tradução do estudo]	49	22	27
[tese a confirmar]	37	31	6
[V via secundária]	35	16	19
[V-en]	29	11	18
[hipótese do estudo]	27	26	1
[V-pt]	27	14	13
[V-skt; tradução do estudo]	22	11	11
[V-skt]	14	8	6
[V-de; tradução do estudo]	11	6	5
[paráfrase; … a confirmar]	9	7	2
[V-es]	5	2	3
[V-zh; tradução do estudo]	5	2	3
[v-ja; v-en: soto zen text project; tradução do estudo]	4	2	2
[… a confirmar]	4	3	1
[paráfrase]	2	2	0
[V-zh]	2	1	1
[V-de]	1	1	0
[inferência do estudo]	1	1	0
[tradução do estudo]	1	1	0
[v-lat; tradução do estudo; via estudo xii, 4.8]	1	1	0
[v-lat; tradução do estudo]	1	0	1

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

Capítulo	Citações	Palavras
Prólogo — O estado da questão e o método	89	4991
1. O budismo em sua melhor forma	91	5393

Capítulo	Citações	Palavras
2. Onde nos tocamos	105	3670
3. Onde nos separamos	135	5151
4. O budismo diante das casas da série	100	3931
5. A Ficha e as prévias: o que a série já disse do budismo	79	2837
6. Síntese, fórmula e questões abertas	66	3798
Total	665	29771

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII a XIII; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.